U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Fim de Semana na Aldeia - Projeto para a recuperação de uma casa transmontana

Bruno Meleiro

M

2018

U.PORTO

Bruno Meleiro. Fim de Semana na Aldeia

Fim de Semana na Aldeia - Projeto para a recuperação de uma casa transmontana
Bruno Meleiro

M.FAUP **2018**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Fim de Semana na Aldeia

Projeto para a recuperação de uma casa transmontana

BRUNO FILIPE OLIVEIRA VIEIRA MELEIRO
Orientador: Professor Doutor Nuno Brandão Costa

FAUP, 2017/18

ao professor,
pela orientação e pelo ensino

à família,
pelo apoio

aos amigos,
pela ajuda e pelos momentos
bem passados

a presente prova foi escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico,

Todas as citações presentes no corpo de texto foram transcritas na linguagem de consulta.

Sumário

Resumo 7
Abstract 9
Introdução 11

1. Momento 1 19
- Sobre o projeto de arquitetura
1.1. Observação e pensamento 21
1.2. Conversa com o cliente 26

2. Momento 2 29
- Desenvolver uma resposta imediata
2.1. Reconhecimento do local do projeto 31
2.2. Primeiras ideias para a casa 34

3. Momento 3 49
- Contacto
3.1. Memórias do lugar 51
3.2. Localização e território 57
3.3. Evolução e transformação morfológica do lugar 65
3.4. Rutura e confronto entre existente e construção nova 83

4. Momento 4 111
- Opções projetuais decisivas 112
4.1. O programa 113
4.2. Iñaki Ábalos - A boa vida 119
4.3. Observar com mais atenção 127

5. Momento 5 141
- Proposta de intervenção 143

Índice de desenhos 157
Considerações finais 189
Bibliografia 192
Índice de imagens 194

Resumo

Na presente dissertação apresenta-se um projeto de arquitetura para a recuperação de uma habitação em contexto rural. A casa de fim de semana localiza-se em Urrós, Mogadouro, na região de Trás-os-Montes. Trata-se de uma habitação familiar que hoje se encontra devoluta e em inicial de estado de degradação. Reconhece-se valor ao edifício e memórias familiares que resultam na intenção de a interpretar, recuperar e utilizar num habitar futuro.

Propõe-se, através da estrutura desta dissertação, abordar os vários momentos do processo projetual, desde as primeiras intenções de intervenção até ao projeto de recuperação mais consolidado. O percurso de trabalho apresenta momentos diferentes de desenvolvimento. Evocam-se várias temáticas essenciais à realização e à contextualização do projeto: a metodologia de trabalho, o reconhecimento do local do projeto, a memória do lugar, o contexto territorial, as transformações morfológicas do edifício e do lugar e o programa são temas que vão sendo abordados ao longo da dissertação, intercalados com a apresentação dos vários estudos do projeto, correspondendo a momentos específicos.

Reúnem-se referências arquitetónicas adequadas aos problemas e soluções encontrados no projeto e exploram-se ferramentas projetuais diferenciadas. Existem avanços e recuos. Procura-se a aproximação a uma metodologia de trabalho adequada ao exercício do projeto desta dissertação.

Abstract

In this dissertation it is presented an architecture project for the refurbishment of a dwelling in a rural context. The weekend house is located in Urrós, Mogadouro, in the Trás-os-Montes region. It is a family dwelling that is empty and unused nowadays and in an initial state of degradation. Both the building's value and the family's memories are recognized and result in the intention of interpreting, retrieving and using it in a future dwelling.

Through the structure of the dissertation, it is intended to approach the several moments which took part of the design process, from the first intentions of intervention to the renovation project in its most consolidated phase. The work course presents different moments of development. There are many themes essential to the accomplishment and contextualization of the project: the methodology, the acknowledgment of the site, the memory associated to the existing house, the context in the territory, the morphological transformations of the building and the village and the program are subjects that are addressed throughout this dissertation, interleaved with the presentation of several studies for the project, corresponding to specific moments.

Some architectural references are studied, suitable to the problems and solutions found in the project and different design tools are explored. There are progresses and setbacks. The main goal is to establish a proper work methodology appropriate to the exercise of the project design in these circumstances.

Introdução

Enquadramento, objetivos, motivações

O final do curso de arquitetura aproxima-se e, com ele, surge a oportunidade de desenvolver uma investigação associada a um processo de projeto onde lugar, memória e família são temas cruciais durante o seu desenvolvimento.

Considera-se a oportunidade de desenvolver um projeto em contexto real importante na formação do arquiteto, densificando o seu conhecimento e promovendo a investigação, tanto do ponto de vista teórico como prático. O contacto com um dono de obra real que propõe e tem grande influência no rumo do projeto, trazendo novos desafios ao exercício, não tinha sido experimentados até então. Promove-se o diálogo.

Surge a oportunidade de desenvolver o projeto de recuperação de uma casa familiar, habitação outrora dos meus bisavós e que, neste momento, se encontra desabitada e em inicial estado de degradação. Trata-se de uma casa transmontana em Urrós, Mogadouro, composta por um lote de habitação em dois pisos.

O convite para a execução do projeto parte da minha irmã que, tendo acompanhado o meu percurso de formação em arquitetura ao longo dos anos, procura envolver-se também de forma participativa no final desta etapa. Desafia-me a desenvolver um projeto para ela onde, o facto de já conhecer o dono de obra de forma muito próxima e sobretudo entender os seus gostos e o seu modo de habitar, inibe a existência de uma barreira comunicativa.

O presente documento demonstra o processo de desenvolvimento do projeto de arquitetura, apresentando-se como um percurso que vai tendo várias etapas distintas. Temas novos vão surgindo ao longo do exercício, promove-se a discussão e o debate. Procuram-se metodologias de trabalho variadas, tentativas de encontrar o que se procura. Sobretudo, observa-se e pensa-se sobre o projeto que se tem em mãos. Aparecem dúvidas.

O projeto consiste na transformação da pré-existência numa casa de fim de semana para um cliente familiar, e destina-se a acolher o mesmo quando este visitar a aldeia, possivelmente levando alguns outros convidados. Evidencia-se o desenvolvimento de um projeto para uma utilização esporádica e

fora do quotidiano. Promove-se a interpretação de diferentes modos de habitar postos em discussão com o cliente, afim de promover a tomada de decisões.

A memória do lugar exalta-se veementemente. Há uma ligação ventral entre a família e o lugar deste projeto, o seu umbigo. As pessoas partem, sobrevivem as memórias e permanecem as pedras por eles encaixadas, as madeiras cortadas e a fuligem do fumo da lareira marcada nas paredes e no teto de tantos serões ali passados. Hoje, toda a vivência de 50 anos de casa desapareceu.

Procura-se fazer renascer a casa, discute-se como ela será, sonha-se. Tal como o Homem nasce, ao início é uma criança curiosa que não sabe bem o que quer ser. Perdoam-se as asneiras. Depois torna-se sucessivamente mais adulto, encontra o seu lugar e o sonho, eventualmente, torna-se realidade.

Momentos

Pensa-se na narrativa da dissertação e procura-se entender a sua ordem. Pretende-se estabelecer uma cronologia dos acontecimentos, traduzidos em momentos de desenvolvimento diferentes que vão convocando ações, decisões, pensamentos e caminhos distintos, suportados pela pesquisa teórica onde se abordam várias temáticas da arquitetura.

Estrutura-se a dissertação em cinco momentos diferentes. No primeiro [Momento 01] aborda-se a temática do pensamento arquitetónico e a aproximação ao exercício do projeto. Trata-se de um espaço de reflexão e preparação para o desenvolvimento do projeto que se inicia.

Depois do primeiro diálogo com o cliente e de tomar conhecimento do enquadramento e objetivos do projeto, dá-se início ao processo de desenho. A partir daqui a narrativa vai conhecendo momentos diferentes, onde são introduzidas várias temáticas sobre o ponto de vista teórico e interpretativo e que culminam na produção de desenhos e respetiva apresentação do projeto ao cliente.

Do primeiro desenho [Momento 02] surge uma forma que não sabe ainda o que quer ser, como uma criança livre. Pode ser tudo o que quiser, mas o meio vai encarregar-se de a influenciar. O território onde se movimenta, a história dos seus antepassados, a sua outra vida terão muita influência. Nada importa muito nesta fase tão embrionária do projeto, a não ser a grande vontade de se exprimir, semear ideias que no futuro podem ser aproveitadas.

Seguidamente [Momento 03], a forma da casa debruça-se sobre si mesma, como se pensasse no futuro, no que se quer tornar. Encontra-se um cruzamento de ideias e é necessário escolher um caminho a seguir. A decisão é difícil. São precisas referências, um grito de alguém que já está do outro lado do caminho. Mais uma vez observa-se e pensa-se, mais do que nunca, sobre o caminho a percorrer. Olha-se para o chão que se pisa, as suas características e as marcas do passado. Observam-se os volumes à volta, recentes e antigos, vislumbram-se coisas diferentes, umas mais "ricas" que outras, mais cuidadas ou desajeitadas. Encontram-se semelhanças, traços familiares entre as formas como se transmitissem alguma mensagem importante. Chega-se ao fim deste momento, era ainda um sonho.

De volta à realidade [Momento 04], surge o momento de reflexão e de tomar decisões importantes. Mais uma vez, observa-se e pensa-se sobre o assunto. Há agora um planeamento mais concreto da "vida da casa", um guião que alguém definiu e que se revela necessário seguir. Deixa de haver margem para tantas "vozes" a tentar influenciar. Mas às vezes são tão fortes que acabam por ficar. Atenta-se ao detalhe das coisas, ocorre um misto de vontade de mudar e manter que, por fim, resulta num "manter feito de novo".

Chega a hora das decisões [Momento 05], a intervenção encontra-se cada vez mais ponderada. Os conhecimentos obtidos nas fases anteriores aumentam e reforçam a pertinência da intervenção que se vai tornando cada vez menos arrojada e mais precisa nas decisões. O detalhe tem ainda mais preponderância e começa-se a considerar, cada vez mais, o valor do que já existe. Chega a hora de falar sobre outros detalhes: a cor, a textura, a luz, o calor, o frio...são tudo temas que se abordam nesta fase decisiva do projeto. Procura-se, sobretudo, o conforto que providencie o descanso – afinal é esse o propósito de uma casa de fim de semana.

A forma ficará petrificada no local pelo menos durante alguns anos, assim se espera. Importa por isso dar uma resposta sensível e equilibrada ao lugar, à família e às memórias.

Todo este processo representa o caminho escolhido para esta casa. Da mesma maneira que a forma anterior se esgotou em 50 anos, esta também acabará um dia por completar o seu ciclo de vida. Será perfeito se for novamente observada e pensada, com outros métodos certamente, devidamente adaptados ao contexto em que estará inserida.

Chegar ao fim e pensar que a casa é quase humana será o melhor elogio que se lhe poderá dar. Significa portanto que as formas da casa transmitem sensações, boas ou más, e que se encontrou a verdadeira essência da arquitetura.

Fim de Semana na Aldeia

Projeto para a recuperação
de uma casa transmontana

1. MOMENTO 1

- Sobre o projeto de arquitetura

1.1. Observação e pensamento

1.2. Conversa com o cliente



Img. 1 | Esquisso de Álvaro Siza - Auto-retrato

Sobre o projeto de arquitetura

1.1. Observação e pensamento

No momento em que se inicia o desenvolvimento do projeto de arquitetura não há ainda clareza sobre o rumo que o mesmo irá levar. Levantam-se questões, dúvidas, imagens que surgem na tentativa de originar pontos de partida. Na verdade, não se está já totalmente entrosado com as premissas do projeto que se inicia, premissas essas que também não estão totalmente identificadas com clareza. As referências aos grandes mestres de arquitetura são uma constante, um ponto de apoio no pensamento sobre arquitetura, nos seus métodos e na forma como dão resposta aos problemas que vão encontrando.

A propósito do pensamento em arquitetura diz-nos Peter Zumthor: *"Quando penso na arquitectura, ocorrem-me imagens. Muitas destas imagens estão relacionadas com a minha formação e com o meu trabalho como arquitecto. Contêm o conhecimento profissional da arquitectura que pude ganhar no decorrer do tempo. Outras imagens têm a ver com a minha infância."* [1]

Importa realçar que desde logo começam a surgir ideias para o projeto que se tem em mãos, mesmo existindo a consciência de que pouco tempo depois se poderão revelar desajustadas. Deste modo, mesmo que não haja um terreno, não haja um programa, não haja um cliente e até mesmo se não houver uma encomenda, muitas vezes o arquiteto concebe projetos mentais, ideias que são registadas em papel como um ato de reflexo. Estes desenhos desconexos tornam-se síntese do momento e do estado de espírito do arquiteto, um espelho da sua identidade, sem filtros nem condicionantes definidos por alguém, mas com limites impostos pelo próprio.

O resultado do risco no caderno tem infinitas variáveis, condição essa que passa para o exercício de projeto. A ideia para determinado espaço pode ser questionada por um pensamento ou por um traço e de repente tudo ser colocado em causa, passando a desenhar-se o oposto, porque *"Projectar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitectura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de*

1 | ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2009, pp.9



Img. 2 | Observar - Pedra esculpida de forma natural, localizada na freguesia de Urrós, Mogadouro

um novo traço num desenho, toda a construção do projecto parece alterar-se e reconstituir-se numa fracção de segundo." [2]

Esta constante indecisão e procura de algo está presente na mente do arquiteto sempre que pensa no espaço, mas nem sempre surgem ideias que desencadeiam interesse em aprofundar que, tal como Peter Zumthor refere, *"conheço frequentemente estes momentos insípidos de constrangimento. Nada do que sei parece corresponder ao que quero e do qual ainda não sei como será."* [3]

No desenvolvimento do projeto objeto de estudo da presente dissertação, a constante indecisão e procura de referências surge ao longo de todo o processo que se fez por aproximação, tentativa-erro, onde ao início tudo se apresentava sobre a forma de uma nebulosa de condicionantes. Verdadeiramente, houve muita liberdade desde a fase inicial para desenvolver múltiplas soluções, levadas a cabo por uma positiva indefinição do programa e, a partir de determinado momento, o estudo tipológico e construtivo do espaço a trabalhar, associado às condicionantes geográficas, às vivências familiares e ao conhecimento privilegiado do espaço e das pessoas em causa, com um certo distanciamento que permite ver de fora e assumir um familiar como um verdadeiro cliente.

Diz-nos Álvaro Siza que *"O exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observamos, tanto mais clara surgirá a essência do objecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo."*[4] De facto, o desenvolvimento do projeto requer em primeira circunstância uma leitura visual do lugar do projeto, seguido de uma crítica ao mesmo, repetindo-se novamente este processo várias vezes, onde *"A leitura do local, a descoberta de objectivo, sentido e finalidade do projecto, o projectar, planear e formular da obra é por isso não um processo linear, mas sim multiplamente entrelaçado."* [5] Deste modo, o desenvolvimento do projeto faz-se da constante observação e pensamento no local e nas suas vivências, atravessando por várias fases e momentos de desenvolvimento.

---

2 | ZUMTHOR, Peter - op. cit., pp.19
3 | Idem, pp.22
4 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.135
5 | ZUMTHOR, Peter - Atmosferas; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2006, pp.7



Img. 3 | Fotografia do lugar, fachada poente da pré-existência

Sobre o objeto de estudo da presente dissertação, houve desde logo uma clara intenção de desenvolver o projeto num terreno específico, onde existe uma pré-existência cuja possibilidade de se manter encontra-se em aberto. Assim, o processo de projeto inicia-se do mesmo modo como foram desenvolvidos os vários exercícios referentes às Unidades Curriculares de Projeto do curso de Arquitetura da FAUP, constantemente questionando e procurando incessantemente novos modos de fazer, com vista a uma aprendizagem enriquecedora, ao mesmo tempo que agora existe um cliente real que é parte ativa no desenvolvimento do projeto. Neste processo, a experiência de paralelamente ao Curso de Arquitetura trabalhar em contexto de escritório também tem a sua preponderância, tendo resultado na aprendizagem de abordagens novas, processos diferentes, uma visão mais alargada do exercício de projeto académico que influencia a transformação do método de trabalho, porque *"Fazer arquitectura significa colocar questões a si próprio, significa aproximar-se, cercar, encontrar a própria resposta (...) Vezes sem conta."* [6]

A organização cronológica dos acontecimentos ao longo do processo de projeto apresenta-se como a forma mais fidedigna e clara de abordar a estrutura da dissertação. Como resultado, coisas que são premissas ao desenvolvimento do projeto, tais como o levantamento da pré-existência, o programa, o enquadramento histórico e as referências arquitetónicas, surgem gradualmente integradas no desenvolvimento das várias fases do projeto. Tão díspar e por vezes confuso, acredita-se que neste vaivém de incertezas está a riqueza e o entusiasmo de desenvolver um projeto de arquitetura, que muito mais do que o resultado final, apresenta as suas particularidades, imperfeições e fragilidades, opções que revelam traços da personalidade do arquiteto, passos que foram dados, o momento, o modo como se observa o espaço, as pessoas, e como se organiza toda a informação recolhida no pensamento.

"O desenho arquitectónico procura expor, com a maior precisão possível, a irradiação do objecto no seu lugar. Mas precisamente este esforço de representação pode tornar ainda mais clara a ausência do objecto real. O que surge então é a consciência da insuficiência de qualquer representação, a curiosidade pela realidade nela prometida e, se calhar, quando essa promessa nos consegue tocar, também a saudade da sua presença." [7]

---

6 | ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2009, pp.53

7 | Idem, pp.12

1.2. Conversa com o cliente

A oportunidade para desenvolver este projeto de arquitetura surge de forma natural e quase espontânea, uma vez que o cliente apresenta muita proximidade em termos familiares: irmã.

O espaço destinado à intervenção também não é totalmente desconhecido do cliente nem do arquiteto, pois o mesmo faz parte do património familiar desde há vários anos, apesar de nunca ter sido habitado pelos mesmos. Trata-se da antiga casa dos bisavós maternos, que apesar de se encontrar hoje desabitada, representa também um caracter afetivo e memorial que se gostaria de preservar.

Verdadeiramente, na fase inicial deste projeto a encomenda encontra-se ainda num momento muito embrionário. Assim, é promovido o desenvolvimento de um estudo que explore as potencialidades do lugar enquanto aposta de investimento futuro. Procura-se, em primeiro lugar, avaliar as características do lugar para a construção de uma ou várias habitações, garantindo que uma se destinará a usufruto do requerente enquanto casa de fim-de-semana e alguns momentos de férias entre familiares e amigos. Caso exista a possibilidade de construção de uma segunda habitação, abre-se a perspetiva de poder retirar alguns rendimentos da mesma. Segue-se a encomenda de dois estudos de tipologias diferentes a intervir na pré-existência, posteriormente apresentados ao cliente para decisão do caminho a seguir.

A informalidade das conversas devido à proximidade familiar e ao conhecimento mútuo tornam a relação arquiteto-cliente mais simplificada.

Da esplanada do café observamos a casa e vamos falando dela, das suas formas, materiais, da cor ou mesmo do estado de degradação que começa a apresentar. Olha-se em volta e vislumbra-se uma envolvente pouco mais apelativa mas que destapa intervenções em habitações unifamiliares completamente distintas. Comenta-se.

O desenrolar da conversa que tem início em elementos arquitetónicos rapidamente entra no Bloco Operatório de um Hospital, espaço frequente do quotidiano do cliente. As maleitas que vão sendo identificadas requerem uma solução, por vezes simples, outras mais delicadas. Em cima da mesa é colocada a ideia de operar mais profundamente a pré-existência dando-lhe vida

num novo corpo, do mesmo modo que não se descarta a hipótese de fazer apenas um tratamento de beleza que faça a pré-existência rejuvenescer. Em suma, a casa precisa de tratamento, o modo como é feito será tema para ser discutido nas fases seguintes do processo.

Saídos do local, percorrem-se algumas ruas da aldeia prestando maior atenção às janelas, às portas, às pedras ou às cores das paredes. Por mais vezes que tenhamos percorrido aquelas ruas, é diferente agora que nos propomos a observar com mais atenção. Também se sente o cheiro do ar, a luz de fim de dia e o calor fresco do Outono. Pelo caminho, o arquiteto vai já desenvolvendo uma imagem mental do projeto e pensando no método que deverá seguir para o seu desenvolvimento.

2. MOMENTO 2

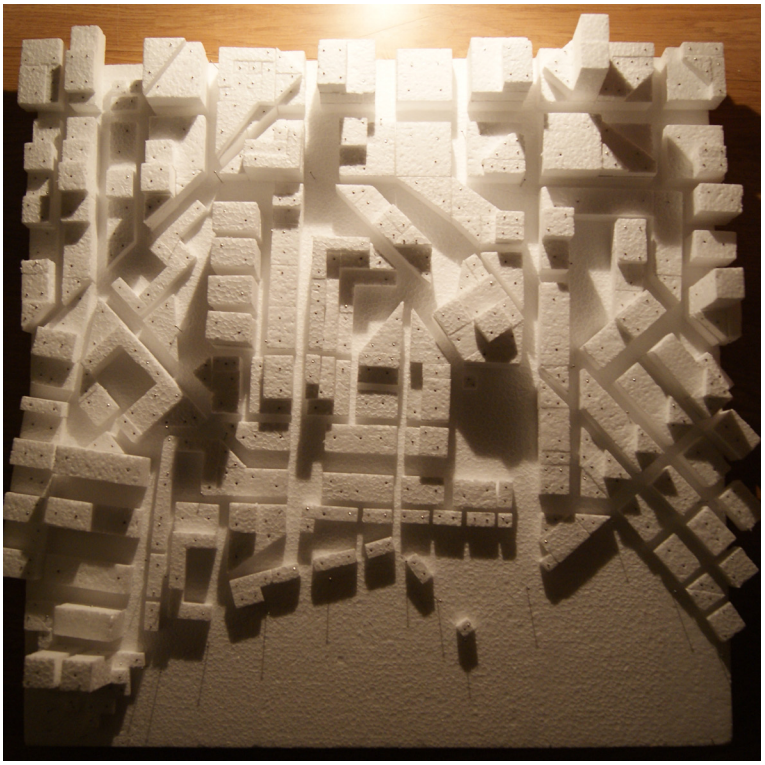
- Desenvolver uma resposta imediata

2.1. Reconhecimento do local do projeto

2.2. Primeiras ideias para a casa

Estudo 1

Estudo 2



Img. 4 | Primeiro exercício realizado na Faup - a cidade

Estudos 1 e 2 - Desenvolver uma resposta imediata

2.1. Reconhecimento do local do projeto

Alberto Campo Baeza refere que *"O ponto de partida da arquitectura é o homem como ser corpóreo e com peso. E a sua capacidade de criar, de ter ideias e de as construir. Estas ideias de arquitectura devem ser edificáveis. É preciso saber como se constroem, como se traçam, a sua geometria, a sua composição. E como se erguem, a sua construção. A construção depende do traçado. O "como" físico depende do "como" geométrico. O "como" geométrico expressa-se através das medidas, das dimensões, dos números. E estas medidas são sempre em relação ao homem."* [8] É com base na presença do homem, na sua medida e na vivência que o mesmo proporciona que se começa a observar o espaço de intervenção e a desenhar as primeiras formas geométricas. Assim nasce o primeiro desenho para este projeto, que já parece uma casa. Surgem recordações do início da aprendizagem na Faculdade de Arquitetura, onde o choque inicial das conversas com o professor não era mais do que um reflexo da principal ferramenta de trabalho do arquiteto, a crítica, capacidade de questionar o desenho e refazer, experimentar, em suma, é necessário um certo distanciamento, tal como acontece na arquitetura de Álvaro Siza: *"A arquitectura de Siza é, pelo contrário, projecto de diálogo crítico, construção de uma distância, que é o espaço onde se constitui a qualidade da melhor arquitectura do nosso tempo."* [9]

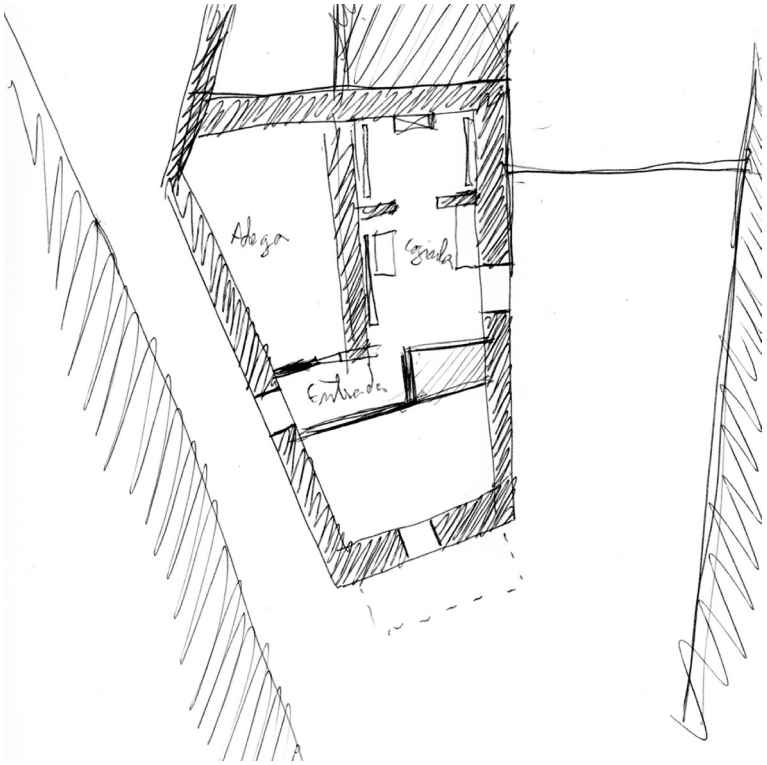
"E, mais uma vez, numa altura de férias, numa propriedade da família, fundada pelo meu bisavô [Clemente Menéres] e que, ainda hoje, se mantém e, portanto, também me interessou a arquitectura [daquele lugar] que com meios tão simples, tanto podia produzir. Tudo isto antes daquele Programa das Aldeias Melhoradas que, por vezes, forçavam a nota [eram feitas numa base mais erudita e a procurar melhorar, de uma certa maneira, as condições de vida daquela gente], significa um penetrar na raiz, no arcaísmo da arquitectura, não destruindo, de facto, o que essa cultura tem de bom, a escala que ela tem e o sentido de integração, de respeito pelo sítio - uma arquitectura [feita por anónimos] com grande simplicidade e sempre com uma escala muito apropriada ao lugar e adaptada aos programas e usos." [10]

---

8 | CAMPO BAEZA, Alberto - Pensar com as mãos; Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2011, pp.36

9 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.10

10 | MESQUITA, Mário João - António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa; FAUP Publicações, Porto, 2006, pp.8



Img. 5 | Desenho da organização interior da pré-existência segundo as memórias de infância

Além do conhecimento superficial do lote pertencente ao bisavô do autor e do cliente do projeto, existem recordações mentais muito difusas de como era o interior desse volume tão bem conhecido pelo lado de fora. Pelo facto de já não estar no interior do espaço do projeto há mais de 10 anos, surgem memórias de infância no local, originando um sentimento de surpresa sobre o espaço e a sua dimensão, claramente fora das expectativas.

Antes de efetuar o levantamento da pré-existência, e longe do local do projeto, experimenta-se o exercício de registar em papel as memórias da casa, memórias antigas, vagas e, sobretudo, incompletas. Um exercício de imaginação, porque *"Imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições"* [11]

Era conhecido o exterior, com particular destaque para a fachada principal, sobre o qual até havia um controlo mais próximo da escala do edifício, uma vez que foi observado imensas vezes. A partir daí tudo era desconhecido, não existindo qualquer referência de onde estavam os limites da casa. Sabia-se que a casa tinha duas portas de acesso a partir do exterior, no entanto, nas memórias de infância apenas uma estava presente: em ferro e com um degrau que dava para um pequeno hall, que por sua vez ligava à adega escura e ao espaço que se pensava ser a cozinha. Sobre este espaço apenas existe a lembrança de um compartimento a ele ligado, onde estava a lareira. Sobretudo, recorda-se a sensação de luminosidade ao entrar nesse lugar, um tom suave e esverdeado que invadia um espaço amplo.

Tal como diz Mário João Mesquita: *"É curta, e por vezes mal medida, a distância entre a Memória e o Esquecimento."* [12], e neste sentido, depois de recordações ténues e quase apagadas, tudo o resto era um completo anonimato na memória, sem quaisquer lembranças dos restantes compartimentos, com destaque para o piso superior. Este exercício mental assume-se como uma alavanca fundamental ao desenvolvimento do projeto, condicionado já por uma apreensão espacial e, mais importante ainda, por um conhecimento de vivências de outrora nesse mesmo lugar.

---

11 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.10

12 | MESQUITA, Mário João - António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa; FAUP Publicações, Porto, 2006, pp.0

2.2. Primeiras ideias para a casa

As primeiras ideias surgem rapidamente e, desde logo se começa a definir uma volumetria para a casa, onde o existente e o novo convivem. Nestes pensamentos o existente não vai mais além do limite da forma da casa, onde as paredes de alvenaria de pedra se destacam no amarrar da volumetria. Tudo o resto ainda não importa, desde a tipologia ao sistema construtivo e, por essa mesma razão, o levantamento da pré-existência não foi logo realizado. O que existe rapidamente se transforma numa construção nova, com soluções construtivas muito diferentes das pré-existentes e, mesmo que ainda não haja uma clara intenção material, o desenho concebido denuncia do alto da sua expressão outras soluções construtivas. Quatro vãos existentes neste novo desenho mostram uma memória da pré-existência, um sinal de que a intenção de fazer do terreno uma tábua rasa nunca esteve em consideração e, neste contexto, importa ponderar questões que Fernando Távora já tinha explicitado a propósito da condição humana de antes e de agora: *"Variam as condições, é diferente a circunstância portuguesa, os Homens de hoje não são iguais aos de ontem nem os meios de que eles se servem para se deslocar ou viver, como diferentes são ainda as suas ideias sociais, políticas ou económicas. Sendo tão forte o grau destas variações, porque não hão-de ser outras, muitas outras, as soluções a encontrar para os portugueses de hoje? Para quê teimar em permanecer, quando tudo nos convida para um caminho diferente?* [13]

Sem uma definição clara da parte do cliente sobre o que fazer em termos programáticos, o mesmo lançou o desafio de desenvolver no respetivo lote duas soluções: uma em que o mesmo volume conciliasse dois fogos independentes (Estudo 1); e outra que mantivesse a estrutura de casa unifamiliar organizada em dois pisos (Estudo 2). Ambos os desenhos apresentam traços comuns em termos de identidade arquitetónica, as soluções desenvolvidas para uma das casas também estão expressas na outra, contribuindo assim para uma melhor perceção das diferenças e potencial que cada uma delas apresenta.

Nesta fase de desenvolvimento do projeto considera-se que não é ainda o momento oportuno para o estudo do local e tudo o que o mesmo envolve. Assim, o foco volta-se para a interação com o cliente, desenvolvendo uma resposta sobre a forma de desenho, integrando o mesmo no espaço

13 | TÁVORA, Fernando - O Problema da casa Portuguesa, Série I; Editorial Organizações, Lda, Lisboa, 1947, pp.10

físico e social. Sobre a análise das pessoas que habitam o espaço Álvaro Siza refere que *"devem ser analisados em profundidade os hábitos, as necessidades e as aspirações da família que ali irá habitar. É necessária uma análise particularmente cuidada para que a resposta projectual seja muito detalhada, no respeito do programa, das funções e do aspecto estético. Todavia o projecto de uma casa unifamiliar continua a ser profícuo, pois constitui um momento ideal para a experimentação.* [14] Deste modo, o cliente/utilizador apresenta-se como centro de ação e de desenvolvimento do projeto, incentivando a pesquisa de múltiplas possibilidades de intervenção numa ação recíproca entre arquiteto e cliente.

Campo Baeza defende que um dos pilares do arquiteto quando projeta um edifício, é justamente *"olhar para o futuro e descobrir o ponto-chave da sua criação. Compreender claramente o tempo em que vivemos, que é também conhecimento profundo do passado, e com um pé no ar, e por vezes os dois, saltar para o futuro."* [15] Um dos objetivos nesta fase de projeto prende-se com mostrar um conjunto de potencialidades que este terreno pode permitir e, mais crucial, poder ajudar o próprio cliente a definir melhor o programa que pretende para o local, com o qual se identifique.

Estudo 1

A solução apresentada para o programa deste estudo consiste em aproveitar o espaço de ambos os pisos da casa para a construção de duas habitações. Os cerca de 62 m^2 de área disponível em cada piso apresentam-se como um elemento penalizador para a existência de mais do que um quarto por fogo, sendo que o desafio maior será a iluminação do espaço interior, pois a casa existente apresenta-se muito fechada, com apenas 7 vãos para o exterior, alguns deles de dimensão muito reduzida e vários compartimentos sem iluminação suficiente.

Mas o desafio maior desta possibilidade de intervenção é outro: as escadas de acesso ao piso superior e o ponto onde as mesmas são colocadas, mantendo uma lógica funcional, ao mesmo tempo que se integram na volumetria

14 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.39
15 | CAMPO BAEZA, Alberto - Pensar com as mãos; Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2011, pp.33



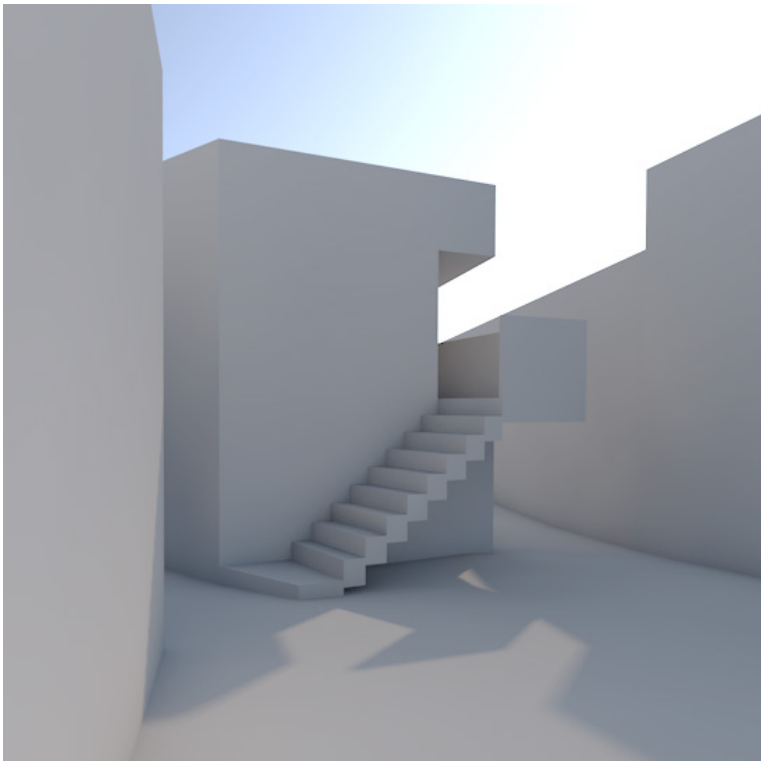
Img. 6 | Casa transmontana em Quinta de São Pedro, Mogadouro

do edifício. Desde logo se encontram várias alternativas: a primeira, utilizar as portas laterais da casa como acesso a cada fogo, sendo que a escada de acesso ao piso superior está no interior do volume; a segunda, organizar os dois fogos como "duplex", com uma escada de acesso pelo interior para cada fogo; a terceira, utilizar a área correspondente ao palheiro nas traseiras como acesso ao fogo do piso superior; e por fim, integrar a escada na frente da casa, na fachada principal, aproveitado o espaço de um pequeno quintal existente. A solução desenvolvida nesta fase de estudo recai sobre esta última hipótese, na qual surgem algumas ideias volumétricas ao mesmo tempo que começam a ganhar corpo outras referências ligadas à região na qual a casa se implanta.

A região de Trás-os-Montes caracteriza-se historicamente por uma certa coerência tipológica da arquitetura popular, coerência essa que se identifica logo desde alguns elementos constituintes da fachada, onde *"A sensação de unidade que a rua dá, começa a particularizar-se desde o momento em que se passa a prestar atenção aos elementos de transição para o interior das habitações - escadas e varandas. Porque, normalmente, a casa aparece--nos constituída por dois pavimentos. um térrreo, aproveitando muitas vezes o declive do terreno, e destinado a lojas; outro elevado, frequentemente ao nível duma outra rua, constituindo a habitação propriamente dita. Veremos, portanto, uma dominância no emprego das escadas, ora direitas, ora sinuosas, simples ou geminadas, afrontando-se, por vezes, com esquerdos e direitos, directamente ligadas às varandas. Estas, como que uma própria dependência da casa, transportam para a rua alguma coisa da própria vida familiar, (...)"* [16]

Este elemento escada passa a ser uma referência na solução funcional do projeto, despoletando assim a intenção de a desenhar precisamente na fachada principal. Com a introdução deste elemento, além de usufruir de um espaço específico no lote para a colocar, revelam-se algumas vantagens em termos de relação com o espaço público. Assim, os dois acessos pré--existentes na casa passam a ser utilizados apenas pela habitação do piso inferior, permitindo manter grande parte da organização funcional existente no primeiro piso. O piso superior usufrui de uma entrada em local privilegiado do espaço público e bem iluminado, montando assim a sequência da chegada e

16 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.146



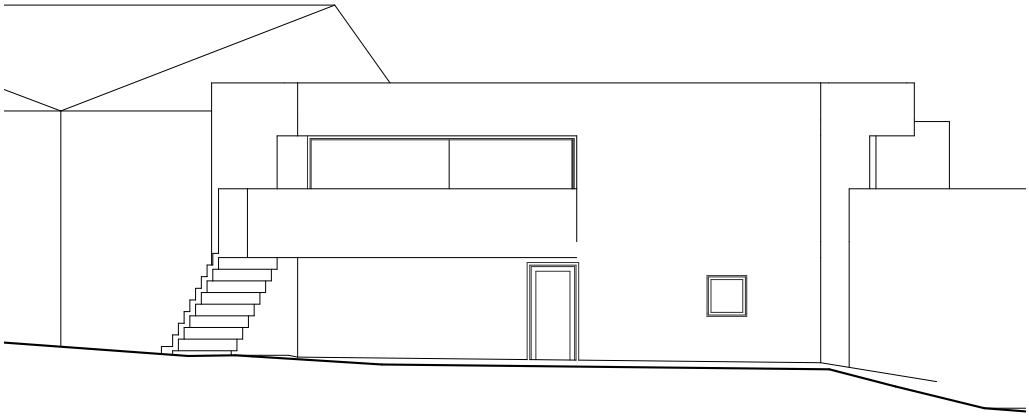
Img. 7 I Estudo 1, fachada poente - desenhos de processo

da subida para casa, privilegiada pela vista panorâmica sobre uma das zonas referenciais da aldeia. Este sentido de visão panorâmica assume-se como ideia fundamental do desenho da casa que pode ser o mote para iluminar convenientemente o espaço interior. Sobre este vão rasgado voltado a sul, podem ver-se as zonas comuns ao entrar em casa; o quarto será voltado para nordeste, uma zona mais privada, mas que requer o desenvolvimento de uma solução de iluminação. Recorrendo aos mesmos elementos de desenho da zona frontal da casa, também nas traseiras é efetuado um corte no volume, mostrando uma pequena varanda sobre a qual será possível ter uma vista ampla para a envolvente Leste da aldeia, sobre os telhados das casas adjacentes.

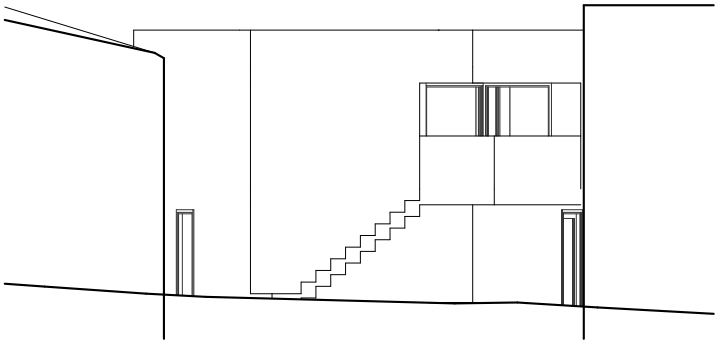
Relativamente à organização interior dos fogos, nesta fase não é ainda muito importante, mas despoleta já a intenção de orientar as zonas comuns para a frente poente e sul da casa, próximas do espaço público, e as zonas mais reservadas para norte e nascente. A organização para ambos os pisos apresenta-se semelhante. No entanto, é necessário encontrar solução para uma das zonas escuras da casa, a adega, em que a condição de paredes meias com um pequeno palheiro pertencente ao lote permite equacionar a possibilidade de o demolir e utilizar esse espaço como um pequeno pátio para onde se podem abrir vãos.

A cobertura ainda não se apresenta como um tema fundamental por esta altura, por essa razão não há um estudo aprofundado sobre o que a mesma pode ser e, como resultado, surge o desenho de uma cobertura plana, limitada por uma cornija onde há o cuidado de equilibrar a volumetria proposta, não proporcionando um choque do edifício com a integração urbana do local.

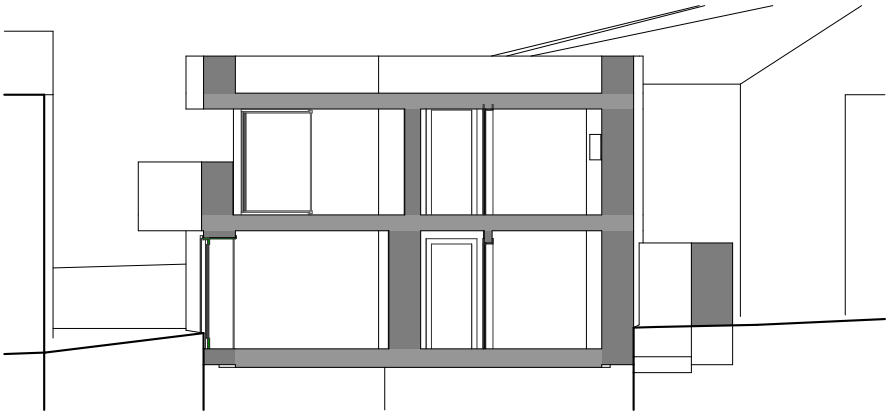
Muitos elementos e intenções desenhadas neste primeiro estudo transitam para a resposta ao programa seguinte, com particular destaque para a dimensão volumétrica e as soluções de iluminação encontradas, tanto para a frente como para a traseira da casa.



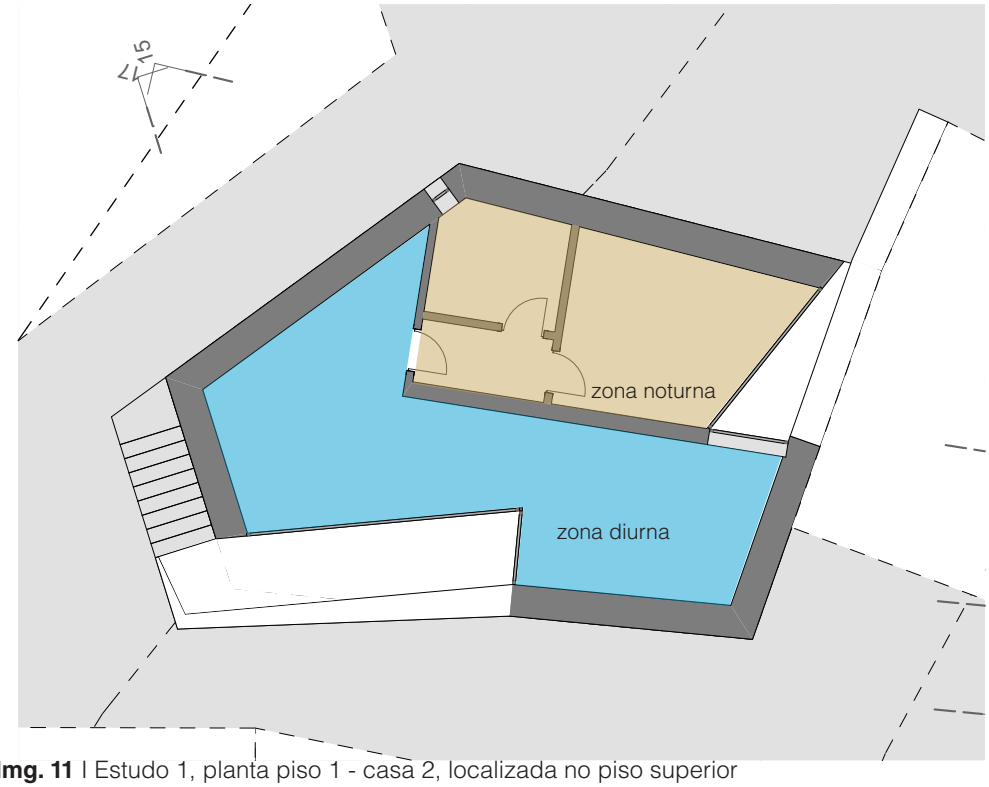
Img. 8 | Estudo 1, alçado sul - desenhos de processo



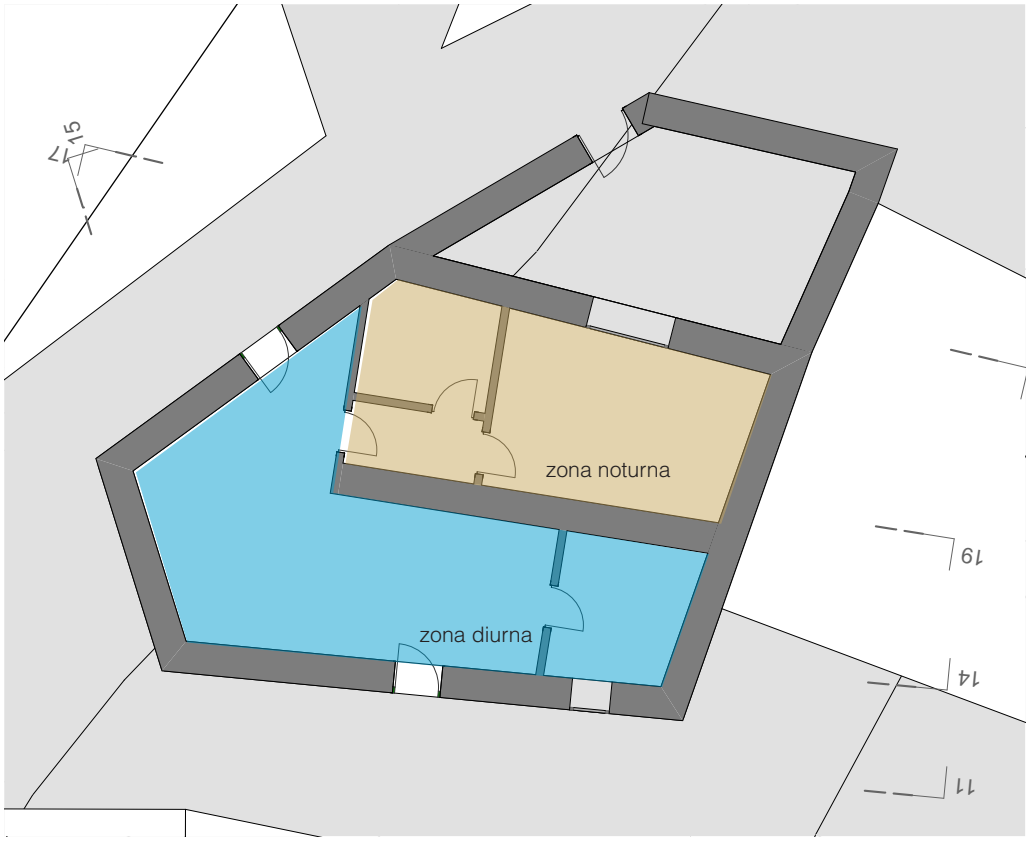
Img. 9 | Estudo 1, alçado poente - desenhos de processo



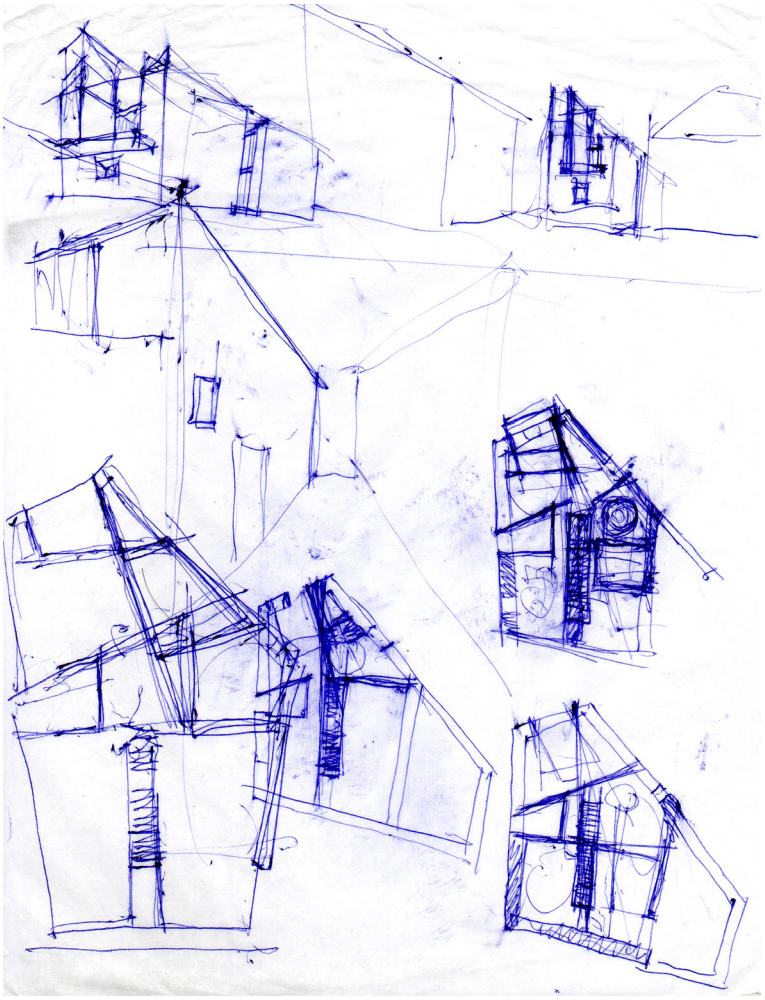
Img. 10 | Estudo 1, corte - desenhos de processo



Img. 11 | Estudo 1, planta piso 1 - casa 2, localizada no piso superior



Img. 12 | Estudo 1, planta piso r/c - casa 1, localizada no piso inferior



Img. 13 | Estudo 2, esquissos das primeiras ideias - desenhos de processo

Estudo 2

Este estudo mostra uma proposta que assenta muito no programa que a casa atual apresenta. Com uma base unifamiliar, as zonas comuns encontram-se no piso inferior e, no piso superior, localizam-se os quartos da casa. É proposto um desenho completamente novo para o interior, sem relação ou aproveitamento de elementos existentes. Assim, a escada de acesso ao piso superior é integrada de modo a maximizar o espaço, inserida na zona de sala e cozinha, sendo utilizada também como elemento divisor dos dois espaços. No piso térreo há também espaço para a possível integração de um quarto, que no desenho se experimenta colocar na zona frontal da casa. A solução encontrada para a intervenção no palheiro anexo é também utilizada nesta proposta, agora articulada com a sala, estabelecendo uma maior relação dos espaço coletivos com o exterior mais privado.

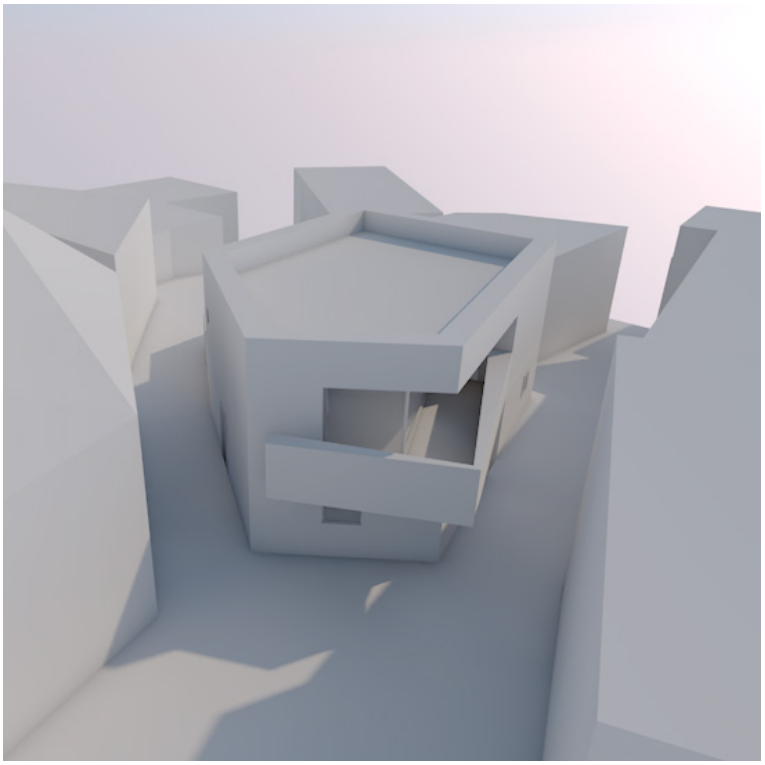
No piso superior organizam-se 3 quartos sobre os quais se procura maximizar o espaço disponível, ao mesmo tempo que se integram espaços de varanda para o exterior. A escada de acesso pela frente da casa da solução anterior não faz sentido manter neste caso. No entanto, a hipótese de uma varanda panorâmica sobre a frente da casa mantém-se no desenho, porque *"se a casa é um mundo, a varanda é um pequeno mundo desse mundo."* [17]

Nesta fase de desenvolvimento do projeto, e após conversa com o cliente, são analisadas as possibilidades e virtudes de ambas as soluções. Chega-se à conclusão de apostar num desenho de habitação unifamiliar, de certo modo, mantendo a estrutura funcional da casa existente atualmente. É pedido para incidir particularmente sobre a flexibilidade funcional do fogo, que espelhe um pouco de cada membro da família, pois trata de uma casa para uso ocasional, que será utilizada por várias pessoas.

"Uma arquitectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, e exactamente será grande, forte, viva na medida em que cada um possa rever-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos." [18]

---

17 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - op. cit., pp.148
18 | TÁVORA, Fernando - O Problema da casa Portuguesa, Série I; Editorial Organizações, Lda, Lisboa, 1947, pp.10

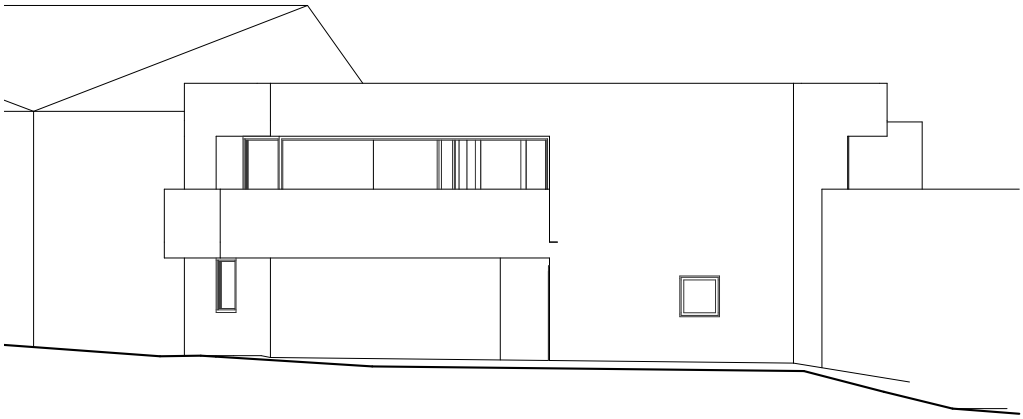


Img. 14 | Estudo 2, volumetria - desenhos de processo

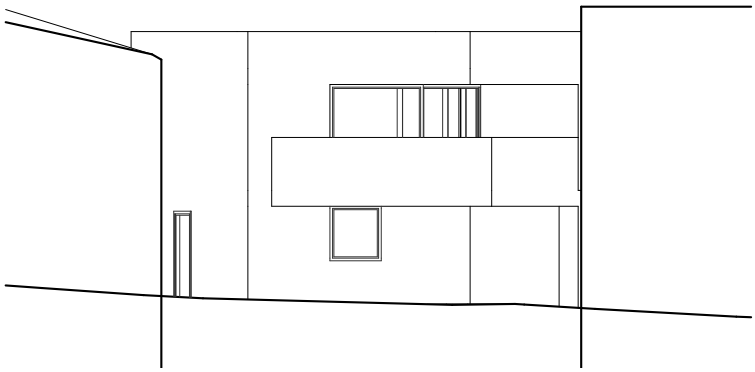
É a partir deste momento onde já há uma clara definição do tipo de edifício a construir que se revela crucial para o projeto efetuar um estudo mais aprofundado e contextualizado do local onde o projeto se insere. Os aspetos tipológicos e construtivos da casa transmontana, em particular da casa desta região, são objetos de estudo, porque a casa se insere num contexto de aglomerado urbano em constante expansão e transformação. A pré-existência vai sendo constantemente mais estudada, pormenores vão despertando interesse, com o intuito de encontrar o rumo certo para o edifício, tal como refere Ignasi de Solà-Morales, *"En realidad todo problema de intervención es siempre un problema de interpretación de una obra de arquitectura ya existente, porque las posibles formas de intervención que se plantean siempre son formas de interpretar el nuevo discurso que el edificio puede producir. Una intervención es tanto como intentar que el edificio vuelva a decir algo y lo diga en una determinada dirección."* [19]

A casa nunca mais voltará a ser o que foi outrora, o quotidiano que a articulava não existe mais e dificilmente voltará a existir. Houve uma mudança de paradigma na região e, consequentemente, a casa vê a sua lógica funcional transformada. A passagem a um papel de habitação de lazer requer uma atenção diferente, alguns dos espaços funcionais da casa deixam de fazer sentido existirem dando lugar a uma nova estrutura organizacional. O modo de fazer essa transformação funcional será abordado ao longo do projeto, com algumas respostas desenhadas muito distintas, que vão pondo à prova a sua pertinência.

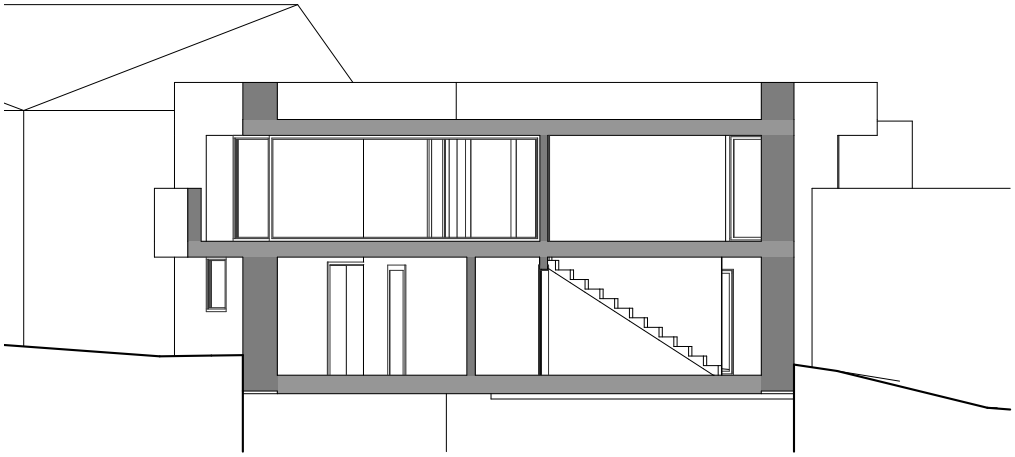
19 | SOLÀ-MORALES, Ignasi (1982) - Teorías de la Intervención Arquitectónica; (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/2015/04/16/teorias-intervencion-arquitectonica/, pp.47



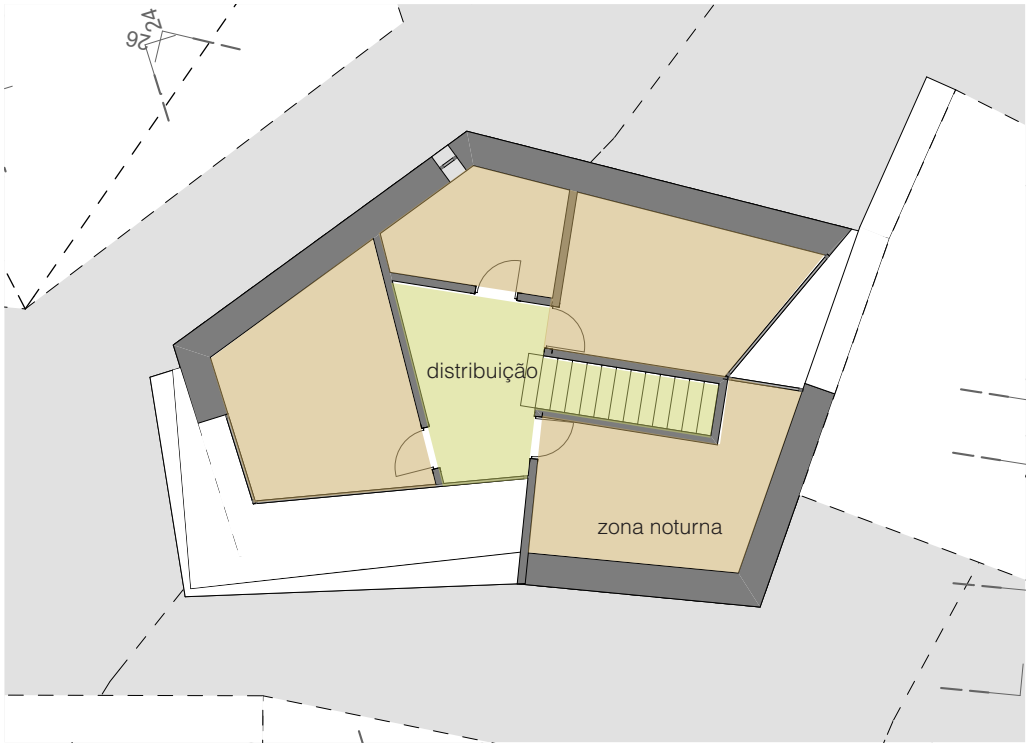
Img. 15 | Estudo 2, alçado sul - desenhos de processo



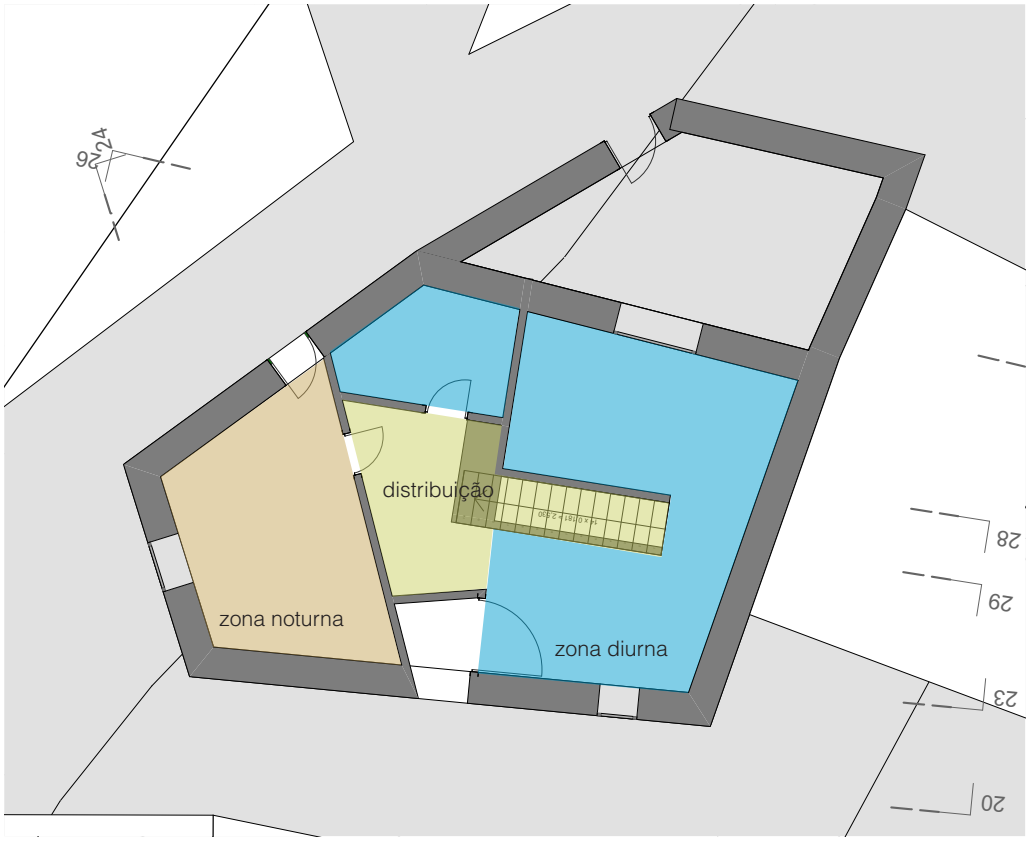
Img. 16 | Estudo 2, alçado poente - desenhos de processo



Img. 17 | Estudo 2, corte - desenhos de processo



Img. 18 | Estudo 2, planta piso 1 - desenhos de processo



Img. 19 | Estudo 2, planta piso r/c - desenhos de processo

3. MOMENTO 3

- Contacto

3.1. Memórias do lugar

3.2. Localização e território

3.3. Evolução e transformação morfológica do lugar

Estrutura Urbana

Tipologias Habitacionais

Transformação Social

Transformação Construtiva

Transformação Urbana

3.4. Rutura e confronto entre existente e construção nova

Levantamento do existente

Estudo 3



Img. 20 | Fotografia do lugar, fachada norte da pré-existência, enquadramento visual da antiga escola

Estudo 3 - Contacto

3.1. Memórias do lugar

Partir à descoberta do lugar, encorpado nas suas variadíssimas qualidades, mais do que uma atividade, é uma necessidade que faz parte da vida do arquiteto, seja ele a rua mais movimentada da cidade, povoada de gente e de vida, ou o lugar mais remoto da terra, onde não há nada e para lá chegar é preciso percorrer meio mundo. Assim, o desenvolvimento do projeto desta dissertação envolve partir à descoberta do lugar e a sua análise sobre o ponto de vista físico, histórico e cultural.

O lugar deste projeto apresenta-se de forma homogénea, uma vez que saiu pouquíssimo da sua lógica funcional ao longo do tempo, tanto social como espacialmente. Só nas últimas décadas se assistiu a uma mudança acelerada da região e da respetiva vivência da população, cuja transformação trouxe consequências, porque *"A confrontação entre morador e meio é dinâmica, o morador muda de critérios porque mudam os conteúdos das mensagens que recebe, porque evolui social e economicamente."* [20]

Foi neste contexto de evoluções sucessivas que a casa foi sobrevivendo à passagem do tempo, tendo por ela passado duas gerações, em fases diferentes da vida. Hoje é quase uma ruína, caracterizada pela sua pouca transformação ao longo dos seus 60 anos de existência, envelhecendo juntamente com os seus habitantes, tornando-se um edifício desocupado numa das zonas mais referenciais do aglomerado urbano onde está inserida.

Segundo as palavras de Peter Zumthor, *"As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se nas nossas primeiras vivências: o nosso quarto, a nossa casa, a nossa rua, a nossa aldeia, a nossa cidade, a nossa paisagem - cedo as experimentamos de forma inconsciente, e mais tarde as comparamos com as paisagens, cidades e casas que se vieram juntar. As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: encontram-se na nossa biografia."* [21] Desta forma, o lugar do projeto sendo familiar ao arquiteto também tem uma importante influência na visão arquitetónica, em primeira instância num sentido mais primitivo, onde

---

20 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.16

21 | ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2009, pp.53



Img. 21 | Aproximação ao lugar - A aldeia vista de um dos pontos mais altos

se observa o meio sem regras e, posteriormente, uma observação estimulada pelo ensino da arquitetura, moldada e com uma atenção especial a pormenores que antes eram irrelevantes: uma visão crítica.

Tratando-se de um lugar com uma forte relação genealógica com o arquiteto a abordagem ao lugar salta algumas das etapas e sensações comuns de quando se visita um lugar pela primeira vez, ou quando se tem um primeiro contacto com o terreno ou a cidade onde se vai intervir, onde tudo é novidade. As primeiras emoções, tantas vezes importantes na criação de referências no caminho do projeto e que se tornam elementos agregadores pela sua pureza e síntese, aqui, encontram-se completamente depuradas.

"As memórias do lugar ficam cada vez mais ténues, tanto como a própria transmissão oral, dado que a "cultura" do património está ligada à sensibilidade que cada um traz consigo próprio, por vivência diária com os seus maiores, portanto quando as responsabilidades cívicas diminuem, a responsabilidade cultural acompanha essa mesma atitude." [22]

Além da casa objeto de intervenção, alarga-se nesta narrativa a definição de lugar também ao território onde se insere: a aldeia, para melhor perceber o seu enquadramento.

Em termos familiares, este lugar é espaço de infância, muitas vezes até lugar de vida inteira, onde se nasce, cresce e morre. Mas tem-se verificado que as gerações mais jovens já não são assim, descobriram (e descobrem) gradualmente que o mundo é bem maior do que julgavam os antepassados, outrora confinados aos limites do concelho, ou mesmo dos vales de rios e ribeiros que se apresentavam como barreiras intransponíveis. Estes "pequenos" limites referidos, embora pareçam citados com algum exagero, são barreiras que existiram até há bem pouco tempo, o suficiente para alguns dos antepassados não saírem deste território durante grande parte da sua vida, e quando acontecia era por alguma situação inevitável: a imigração, o serviço militar, ou mesmo o exame da 4ª classe. Nem todos passavam por estes momentos e, por isso, ficavam ainda mais tempo sem precisar de sair deste remoto lugar.

---

22 | MENÉRES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído; Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, pp.9



Img. 22 | Pequeno abrigo em pedra construíno em terreno agrícola, localizada na freguesia de Urrós, Mogadouro

Enquanto elementos da mais recente geração da família que construiu e habitou esta casa, o tempo do arquiteto e cliente envolvidos neste projeto é já o da máquina e todo o seu avanço tecnológico que permitiu a transformação e abertura desta região ao mundo. Assim, face a este lugar, considera-se que as memórias são recentes, coincidentes apenas com o estado atual de transformação.



Img. 23 I Aproximação ao lugar - acesso Sul

3.2. Localização e território

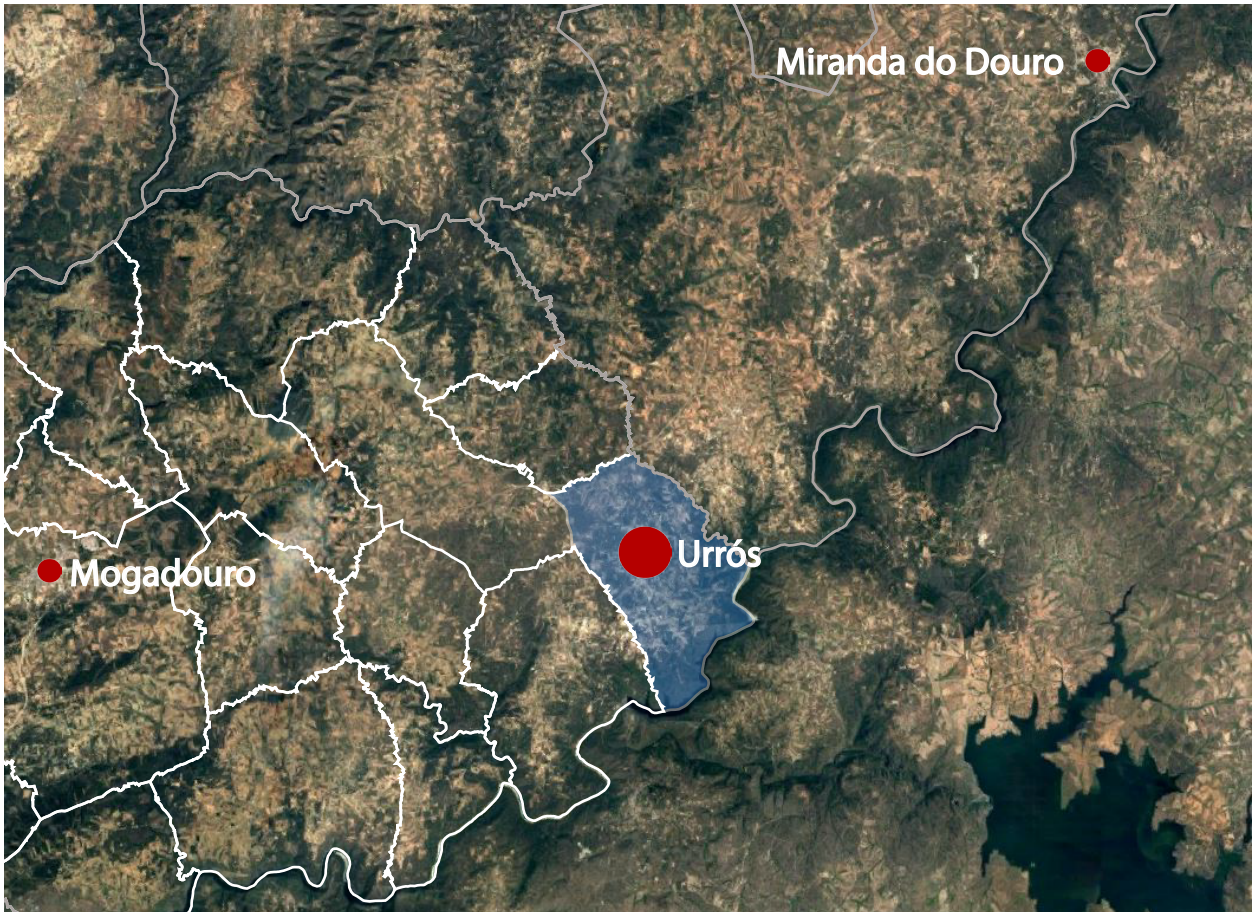
Durante o desenvolvimento deste projeto, revela-se essencial estudar a região e a aldeia nos quais o edifício se insere. Mais do que as características físicas da região, revela-se essencial perceber a relação humana com o território, a intrínseca dependência da terra das gentes desta região, sobretudo em dois momentos diferentes. Primeiro, o momento em que a casa original foi construída; depois o momento atual, com todas as suas transformações culturais e territoriais. Em conjunto, estes dois momentos levam a uma reflexão do que pode ser o resultado da intervenção que se vai realizar.

Perceber a ligação território-utilizador torna-se fundamental quando se intervém numa zona tão sensível a transformações como a província de Trás-os-Montes, onde o rumo da região rapidamente muda para uma transformação ou abandono, totais, com perdas irreparáveis. Ao longo dos anos a região tem sido fustigada por abandonos massivos da sua população, sucedendo o mesmo com os setores de atividade que se têm transformado ativamente, modernizando-se e, neste sentido, transformando socialmente o território. Fisicamente a região também tem sofrido alterações, tanto ao nível da paisagem agrícola, como da construção ou modernização de infra-estruturas, que visam tornar a região muito mais participativa e integrada na economia nacional, apesar de que *" a modernização do meio rural teve efeitos perversos, precipitando o seu declínio"*, porque *"as boas vias de comunicação multiplicaram as migrações pendulares"* [23] para os grandes centros urbanos.

---

23 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.28





Img. 24 | Planta territorial - localização da freguesia de Urrós

A habitação em estudo nesta dissertação localiza-se na freguesia de Urrós, aldeia que faz parte do concelho de Mogadouro, localizado no distrito de Bragança. O concelho de Mogadouro, está integrado na província de Trás-os-Montes, sendo um dos municípios que faz fronteira com Espanha. Dentro do distrito de Bragança, Mogadouro faz fronteiras concelhias com Miranda do Douro, Vimioso, Macedo de Cavaleiros, Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta, com os quais apresenta grandes semelhanças morfológicas e climatéricas, contribuído para uma grande homogeneidade desta fração do território.

"Se se conseguisse um naco de paisagem mirandesa sem postes de electricidade - coisa não muito fácil, nas áreas mais notáveis, porque a "fada" electricidade já estendeu por aqui as suas finíssimas teias -, o que nos aparecia era um planalto de granito, agreste e estranho, aberto aos ventos de Espanha, e cortado nos longes por um Douro que divide sem soluções de continuidade. Nessa mesa de gigantes, em que a toalha esburacada e emendada em grandes remendos de muitas e variadas cores afirma a presença mais frequente do ser humano, tudo aquilo que poderia dar uma escala humana é absorvido e dilui-se em conjuntos de outra ordem de grandeza. Deve-se essa sensação, não só à configuração do terreno, como à maneira larga como é feita a exploração da terra. Entre trechos de paisagem brava, abrem-se grandes extensões de terrenos cultivados, amplas bordaduras dos povoados, cuja proximidade nos é dada por guardas avançadas de negrilhos (olmos) tortuosos." [24]

O concelho de Mogadouro é limitado em grande parte da sua extensão por dois vales de rios. A Norte, o rio Sabor, apresenta vertentes íngremes, sendo ao longo da sua extensão que se fazem fronteiras concelhias com Alfandega da Fé e Macedo de Cavaleiros. Na vertente Sul, o rio Douro demarca em toda a sua extensão a fronteira entre Portugal e Espanha, elemento que se revela fundamental na distribuição e organização dos aglomerados urbanos na região.

Entre estes dois vales humanamente transformados desenvolve-se um planalto que, pontuado por colinas e algumas serras, caracteriza a

24 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.154



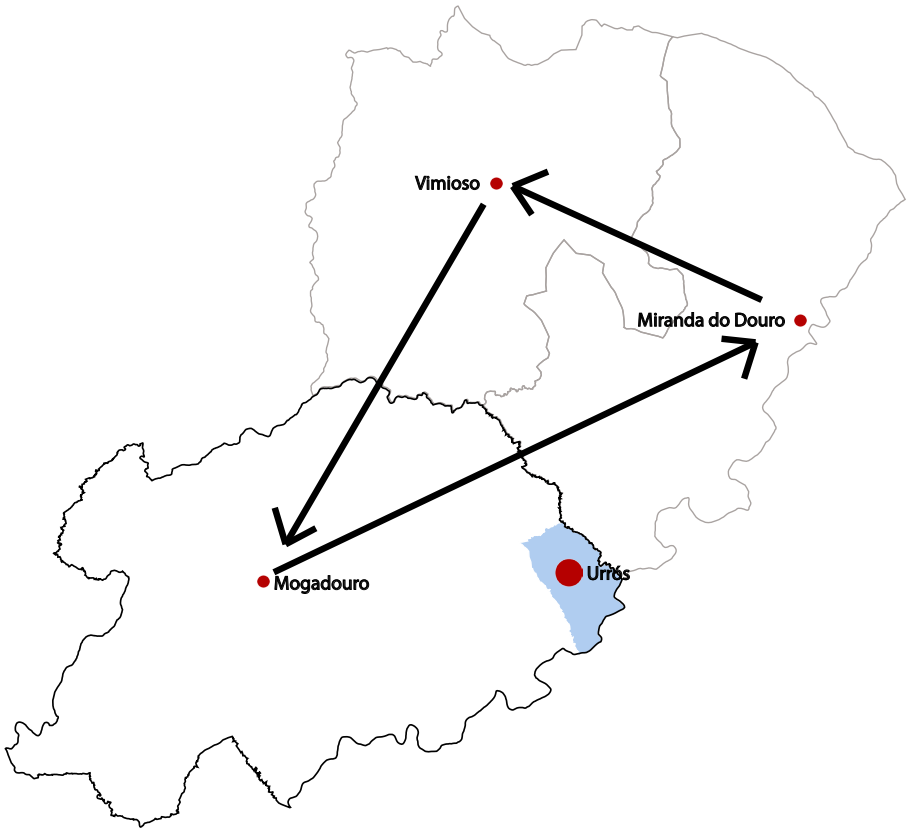
Img. 25 | Construção de casas de apoio à Barragem de Bemposta onde trabalharam muitos homens da aldeia, motor para a mudança do paradigma da construção na região, 1964

grande área desta região, uniformizando-a em quase toda a sua extensão. Juntamente com os concelhos de Miranda do Douro e Vimioso, o município de Mogadouro faz parte do Planalto Mirandês, onde a paisagem, a topografia, a estrutura urbana e a cultura apresentam as mesmas características. Nestas zonas, predomina a cultura do cereal e, consequentemente, a criação de gado adquire uma grande importância. Outros existem ainda que tiram partido de uma situação mista, que é o caso da aldeia onde se encontra a casa em estudo e que, derivado da sua localização mais privilegiada, apresentam um crescimento e um desenvolvimento maior ao longo dos tempos. A variedade de atividades agrícolas existentes na região tem uma influencia direta na estrutura da habitação local, precisamente porque nela são integrados equipamentos destinados a tais atividades. Relativamente à estrutura dos aglomerados urbanos, a referência agrícola é ainda mais notória, onde equipamentos como por exemplo as eiras públicas se tornaram espaço de referência das aldeias. Sensíveis ao crescimento do seu perímetro urbano, é notório o recurso a técnicas e materiais construtivos diferentes dos tradicionais e que em muitos casos modificou completamente a imagem da aldeia, onde *"As transformações orientam-se para uma nova economia e tentativa de melhoria construtiva."* [25]

A estrutura urbana da região, define-se pela presença de alguns aglomerados urbanos de maiores dimensões, as vilas (Mogadouro e Vimioso) ou cidade (Miranda do Douro), que dão nome aos concelhos dos quais são sede. À volta das sedes de concelho organizam-se aglomerados urbanos que se distribuem uniformemente ao longo do território, tanto em dimensão e número de habitantes como de distanciamento entre aldeias. Os municípios desta região apresenta-se bastante equilibrados entre si, tanto em área territorial, como população ou mesmo a dimensão e o número dos aglomerados urbanos, onde as sedes de concelho não ultrapassam a barreira dos 5 mil habitantes, e as aldeias raramente os 300 habitantes.

Relativamente à rede viária, existem ligações principais diretas entre estes três concelhos, formando um triângulo entre si que, por sua vez e privilegiando a localização geográfica, permite ligações a Espanha (por Miranda do Douro), Bragança (por Vimioso), Porto e Lisboa (por Mogadouro). Deste triângulo de estradas principais, irradiam outras secundárias que ligam às aldeias dos respetivos concelhos, podendo dizer-se que hoje a

25 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.33



Img. 26 | Planta territorial - articulação entre os concelhos de Mogadouro, Miranda do Douro e Vimioso

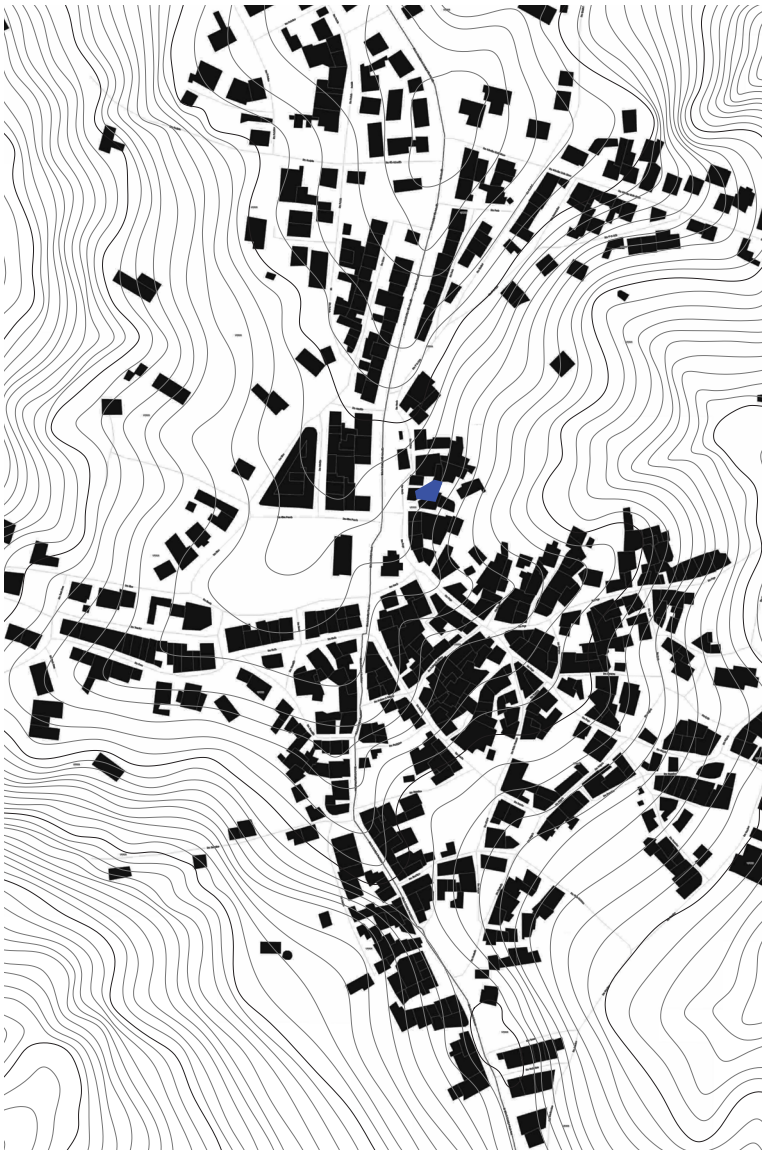
região conformada por estes três concelhos encontra-se dotada de ótimas e equilibradas condições de ligação. Relativamente à atividade industrial, a mesma predomina essencialmente nas três sedes municipais, sendo a exceção feita a alguns aglomerados localizados em vias estruturantes. Nas aldeias é raro a existência de atividade industrial, e a exceção são indústrias ainda muito ligadas à agricultura ou produção de produtos de carácter tradicional que entretanto se modernizaram, integrando-se no grupo das *"aldeias em urbanização."* [26]

Desde a década 50, altura em que a casa foi construída, e o momento atual, cerca de 60 anos depois, a relação da aldeia com os povoados vizinhos apresenta-se completamente modificada, porque *"A economia, que se voltava exclusivamente para os recursos locais, passou a beneficiar da melhoria socioeconómica do exterior. O mundo rural entra em contacto com a urbanidade."* [27] Hoje a região funciona mais como um todo, o que faz com que as aldeias já não sejam auto-suficientes e dependam essencialmente das vilas sede de concelho. Pese embora a existência de alguma indústria, o setor dos serviços encontra-se maioritariamente centralizado nas vilas, o que obriga a população a deslocar-se lá frequentemente.

"Os anos 60 separam o tempo de antes do tempo de agora." [28], consequência disso, enquanto que há 60 anos a grande maioria dependia exclusivamente da atividade agrícola, hoje, poucas são as pessoas que vivem exclusivamente da agricultura e, quando o fazem, é em contornos muitos diferentes de antigamente, tanto em culturas como métodos. Neste âmbito, considera-se que hoje a vivência da população da aldeia é drasticamente diferentes de há 60 anos atrás, *"pois já se urbanizaram eles próprios. (...) O meio urbano torna-se o modelo a imitar."* [29], levando a que seja crucial perceber o que mudou e delinear um caminho evolutivo, que visa a transformação do espaço em termos tipológicos ou programáticos.

---

26 | GOÇALVES, Rui Martins - op. cit., pp.27
27 | Idem, pp.23
28 | Idem, pp.27
29 | Idem, pp.29



Img. 27 I Planta de localização - implantação da casa na freguesia de Urrós, Mogadouro

3.3. Evolução e transformação morfológica do lugar

Estrutura urbana

A casa inserida no contexto espacial que se visualiza hoje é o reflexo de grandes transformações do lugar ao longo das últimas décadas. Encontra-se atualmente integrada no aglomerado urbano da aldeia, mas nem sempre ocupou essa posição. Por norma, a implantação dos edifícios da aldeia *"sujeitava-se ao povoamento concentrado, cujas regras, (...) eram ditadas em grande parte pelo sentido gregário da comunidade."* [30], É o caso desta casa, que embora estivesse integrada no povoamento, ocupava um lugar mais periférico.

Consideram-se então alguns pontos de transformação do lugar que estão intrinsecamente relacionados com a época, a cultura e a atividade quotidiana dos habitantes. São as pessoas que definem o rumo do urbanismo da aldeia, onde *"o traçado das ruas impôs-se sobre os factores de topografia, de protecção contra os ventos e de exposição."* [31] Aqui não se recorre a técnicos urbanistas que com os seus estudos planeiam a expansão do aglomerado urbano. De certo modo, este papel é desempenhado pelos habitantes da aldeia que, guiados por matrizes marcadas ao longo dos anos nos caminhos do cadastro territorial, utilizam-nos como elemento base para a expansão, sendo sucessivamente modificados. Deste modo, os caminhos e sobretudo "a estrada", ladeados por terrenos de cultivo, começam a ser utilizados como rua e os terrenos para a construção de novos edifícios.

Neste tipo de estrutura rural, o edifício apresenta-se como o primeiro elemento a integrar o desenho urbano da aldeia. A partir daí, a construção sucessiva vai conformando "ruas", que só depois de terem algum sentido de vizinhança começam a ser dotadas de melhores infra-estruturas e desenho do espaço público. A integração de passeios para os peões é já um sinal de que estamos perante uma das principais artérias da aldeia, e por fim, o tratamento de espaços públicos como largos ou jardins, são um indicador que estamos no "centro" do aglomerado urbano ou num ponto de grande relevância para a aldeia. Ao longo dos anos a aldeia tem sofrido intervenções sucessivas no espaço público que a têm transformado. As ruas em terra batida que existiam

30 | GOÇALVES, Rui Martins - op. cit., pp.56
31 | Idem, pp.48



Img. 28 | Centro da aldeia junto ao lugar de intervenção

outrora, até nas zonas mais centrais, apresentam-se agora modificadas, sendo em muitos casos esta modificação resultante da introdução de infra-estruturas tão indispensáveis atualmente e que antes não existiam, como a rede de água e saneamento, revelando assim claros sinais de evolução e que *"O fulgor dos grandes centros chega até lá (aqui), insinua-se e instala-se."* [32]

A casa em estudo localiza-se atualmente no que se considera o centro cívico da aldeia. Os três cafés existentes, a junta de freguesia e a antiga escola primária encontram-se neste local, na única "avenida" da aldeia. Hoje este ponto do aglomerado urbano demarca-se pela sua atividade, principalmente nos meses de Verão onde o clima se torna mais convidativo para as pessoas saírem à rua e, sobretudo, porque a população da aldeia aumenta substancialmente com a adição de habitantes e familiares imigrados ou em visita às famílias.

Durante a década de 50, altura em que a casa começou a ser edificada, a aldeia apresentava-se compacta e uniformizada por um tipo de construção praticamente comum a todos os edifícios, onde *"paisagem, casas e homens aparecem-nos talhados pela mesma forma de cíclopes"* [33], cenário bem diferente do que acontece atualmente. Os limites apresentavam-se geralmente irregulares, graças à construção pouco ordenada que ia conformando ruas e alguns largos. As habitações eram de um modo geral de pequenas dimensões, exceção apenas quando havia algum edifício - solar - de famílias mais abastada.

Tipologias Habitacionais

Entre a malha urbana identificava-se claramente 3 tipos de habitações diferentes. Os currais (modelo 1) de pequenas dimensões e que de um modo geral não tinham mais de um compartimento, eram o modelo de habitação mais simples e de características mais pobres, onde se amontoavam famílias dentro do pequeno espaço, principalmente em zonas mais recuadas anexas às principais ruas. *"Por casa, entenda-se um espaço fechado onde o frio e a chuva se imiscuem com maior ou menor dificuldade, mas que é, afinal, o último reduto da vida do indivíduo. "* [34], e assim, restava a muitos indivíduos

32 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.3
33 | Idem, pp.167
34 | Idem, pp.132



Img. 29 | Casa correspondente ao modelo 1 - Bemposta, Mogadouro



Img. 30 | Casa correspondente ao modelo 2 - Sanhoane, Mogadouro



Img. 31 | Casa correspondente ao modelo 3 - Lamoso, Mogadouro

viverem com pouco mais que um abrigo entre grossas paredes de pedra. Grande parte destes espaços eram também usados para guardar o gado.

Outro modelo que se identifica corresponde à habitação construída em dois pisos, a *"tipologia de casa de lavoura - a casa-bloco"* [35] (modelo 2), onde o rés-do-chão se destina ao gado e no piso superior moravam as pessoas. Este modelo é bastante comum em toda a região de Trás-os-Montes, porque *"O ideal desta gente é reunir no mesmo edifício todos os haveres móveis, por uma razão de comodidade e, sobretudo, para poderem exercer vigilância constante sobre os animais que assim podem alimentar sem grandes deslocações (Dias, 1953)." (...) Tratava-se da concepção mais económica de habitat doméstico em meio rural, por reunir num mesmo corpo os currais e as dependências destinadas a recolher a produção agrícola (em baixo) e a habitação (no andar)".* [36]

O terceiro modelo e mais característico das Terras de Miranda porque *"as explorações agrícolas eram maiores"* [37] caracteriza-se pela construção da habitação e todas as dependências para guardar animais e alfaias agrícolas em torno de um *pátio* [38], que pode ter zonas cobertas e onde *"a casa passava a dissociar as reservas e o gado da habitação"* [39]. Este modelo que se caracteriza pelo encerramento face ao espaço público é identificado pela existência de uma "porta carral".

"A pedra que, penosamente, foi cortada sob o Sol escaldante; a madeira, contando toda a sua história centenária, no emaranhado dos seus veios, a telha humilde que formas toscas e mãos calejadas ofereceram em holocausto ao Sol, nos terreiros da cozedura...Portanto, nobreza na humildade e majestade, na presença que cada um de tais elementos acusa fortemente para si. E sabedoria, na maneira como os homens souberam deixá-los falar por si mesmos. e os sujeitaram às vicissitudes das necessidades e às contingências da sua utilização." [40]

---

35 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.51
36 | Idem, pp.48
37 | Idem, pp.48
38 | Idem, pp.48
39 | Idem, pp.48
40 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.167



Img. 32 | Estrada - entrada na aldeia

Estes três modelos nascem recorrendo sempre a materiais construtivos locais como a pedra e a madeira, praticamente no seu estado mais natural e arcaico. Foram edificados com mão-de-obra local, encontrando-se assim uma aldeia de padrão uniformizado, onde os métodos construtivos eram recorrentes ao longo de séculos, transitando a sabedoria e mestria de geração e geração.

Transformação social

A partir das décadas de 40 e 50, houve melhorias claras na estrutura social da aldeia, sendo a construção da escola na década de 30 um dos primeiros sinais indicadores da evolução da população local. Nesta altura aparecem também pela primeira vez na aldeia os veículos movidos a motor, sendo os tratores comprados pelos mais endinheirados o mote para uma revolução dos métodos de trabalho agrícola ligados ao desenvolvimento urbano da região. A construção de barragens nas proximidades introduziu oportunidades de trabalho na construção civil e, com elas, foram apreendidas novas técnicas construtivas e materiais que passaram a ser utilizados também na construção de casas na aldeia. Ao mesmo tempo, a emigração e o êxodo para algumas das principais cidades do país fez com que a transformação se acentuasse e, consequentemente, a população passasse a usufruir de outro tipo de conhecimentos e tecnologia, coisas que até então eram praticamente desconhecidas. *"As centenas ou os milhares de quilómetros perderam muito do seu mistério e do seu poder de separar os indivíduos"* [41], na aldeia tudo se torna mais fácil, mais conhecido e mais rápido de chegar ou obter, entrando assim para o paradigma de urbanidade, a *"tão falada "aldeia-global" em que vivemos."* [42]

A construção desenfreada e crescente nas zonas mais periféricas, principalmente usufruindo do traçado de caminhos e da estrada de acesso à aldeia, vieram também introduzir novos espaços que anteriormente não existiam, dando-se uma massiva construção de edifícios novos nem sempre integrados no conjunto, tanto em termos urbanísticos como de elementos arquitetónicos.

---

41 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - op. cit., pp.3

42 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.39



Img. 33 | transição entre diferentes expressões da fachada

Hoje, o centro da aldeia deixou de ser o largo da igreja e passou para cota mais alta, no ponto de chegada ao aglomerado urbano, junto à escola, junta de freguesia e cafés. Surgiu com melhores condições funcionais e apelando à concentração da população neste local. Um reflexo da mudança dos tempos e da transformação e vivência da população.

Transformação construtiva

A partir dos anos 60, essencialmente, deu-se uma franca mudança no paradigma de construção na aldeia, situação que, mais do que o modelo de construção e os métodos adotados, visou sobretudo uma alteração no modo como a população passou a ver a habitação, a sua própria casa. Até então, predominava na estrutura familiar o aproveitamento de habitações que transitavam de geração em geração. Estas habitações eram mantidas praticamente inalteradas ao longo dos anos e, quando se efetuavam alterações deviam-se essencialmente à degradação dos espaços, sendo necessário substituir algum elemento construtivo, ou, quando a família se tornava maior e havia uma condição financeira favorável, construíam-se acrescentos à habitação, e definiam-se novos compartimentos.

Por esta altura *"Um edifício também tem uma época e resulta da sobreposição de camadas."* [43] e por esse motivo, quando a condição financeira era de prosperidade, eram adquiridas construções adjacentes que já se encontravam abandonadas ou desocupadas, e desta forma as habitações cresciam por agregação, demarcando-se por uma estrutura funcional bastante irregular, e cuja tipologia habitacional se foi transformando ao longo dos tempos, tornando-se cada vez mais compartimentada e aumentando gradualmente a área total. Com base nestas premissas verifica-se que a estrutura funcional da habitação tradicional da região, mais do que agrupar-se em 3 tipos e mais do que manter um modelo que se repete de forma natural em várias unidades com um carácter tradicional rege-se pelo que o lugar dá e sobretudo pela melhor forma de corresponder às atividades quotidianas. Tendo sempre como referência estas bases, a população local não teve quaisquer problemas em procurar outro tipo de soluções construtivas, onde *"Sintomas de progresso tanto podem ser dados pelo apuramento do trabalho dos materiais de construção, como pela versatilidade dos métodos*

43 | MESQUITA, Mário João - António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa; FAUP Publicações, Porto, 2006, pp.14



Img. 34 | Casa intervencionada com novos materiais - Tó, Mogadouro

construtivos, ainda que utilizando materiais e princípios rudimentares." [44], para a certa altura, abandonar totalmente os modelos e materiais autóctones que outrora conferiram um carácter mais unitário à aldeia.

Usando como base as construções existentes com materiais locais, predominavam as estruturas em pedra de granito *"sempre abundante e conferindo uma notável solidez às construções, não só pelas suas características físicas, mas também pelo domínio ancestral da sua execução pelas populações."* [45] A madeira era usada na estrutura de lajes (sobrados), telhados ou paredes interiores em tabique, onde por vezes foram sendo acrescentadas novas partes aos edifícios, utilizando novos materiais como o tijolo, o bloco de betão e o cimento. A estrutura das lajes aligeiradas com vigotas passou a ser denominador comum na construção local a dado momento, sendo frequente encontrar estes novos tipos de materiais em consonância com a pedra e a madeira. As soluções encontradas não procuraram explorar a questão estética, focando-se meramente na questão económica e funcional, dando origem a edifícios *"remodelados para pior, sem critério nem vantagem."* [46]

Atualmente esta sucessiva utilização de materiais diferentes dos populares de outrora continua a existir, sendo cada vez mais frequente a introdução de novos materiais, e rapidamente edifícios em pedra, centenários, vêm as suas coberturas de telha substituídas por painéis pré-fabricados e a estrutura em madeira, muitas vezes ainda produzida artesanalmente com matéria prima proveniente dos terrenos da aldeia, substituídas por estruturas metálicas.

Consequentemente, levados por estes novos sistemas construtivos, desenvolveu-se uma procura incessante de novas habitações, *"são "casas de sonhos" que constituem o tipo novo: a casa popular urbana em meio rural."* [47], construídas de raiz. Nesta altura as referências deixam de ser as habitações locais, e passam a tentar "copiar" alguns dos modelos que se encontravam em zonas mais urbanas ou mesmo localidades estrangeiras, para onde uma

---

44 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.151
45 | MENÉRES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído; Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, pp.31
46 | AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988, pp.4
47 | GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003, pp.139

grande parte da população emigrou. Surge a "casa de emigrante", muitas vezes levada pelo desejo de ostentação, aparecendo *"rapidamente outras como resposta, copiando-as ou, de preferência, tentando ofuscá-las - por iniciativa quer de outros emigrantes, quer daqueles que ficaram e amealharam algum porvir."* [48] A propósito deste fenómeno de construção em Portugal, Fernando Távora é critico para com a situação e mostra-se negativo pelas consequências futuras que a mesma terá, dizendo: *"Os grandes problemas, certamente mais por culpa da época do que dos homens, não foram estudados e, outra coisa não era de prever, as soluções satisfatórias não surgiam, antes, se existia um princípio de caos, ele foi aumentado tragicamente, com mais um "estilo" que será muito difícil de banir da nossa arquitectura."* [49]

Por esta altura, a população que vivia exclusivamente da agricultura e a própria habitação era o reflexo da vida na lavoura, passa a estar integrada no vasto conjunto de habitações que se tornaram de fim-de-semana ou apenas férias. Por este motivo, elementos como os pátios, os currais dos animais ou mesmo o lagar deixam de fazer parte da estrutura funcional da casa, que começa a ser estruturada de forma completamente distinta.

Surge então a ruína pela incapacidade de se propor alternativas, que segundo António Menéres trata-se de *"Uma destruição que começa na simples impossibilidade de se manter vivos, ou seja, habitadas, muitos daquelas obras. Porque já não se adequam às novas necessidades, porque as populações que lhes davam vida mudaram de sítio ou simplesmente desapareceram. Ou, argumento estúpido mas decisivo, unicamente porque passaram de moda."* [50]

Hoje, pode-se dizer que nenhuma família vive exclusivamente do setor primário, tornando-se os setores da indústria e dos serviços os maiores absorventes da mão-de-obra local. As casas hoje estão dotadas de redes e equipamentos como qualquer outra numa localidade completamente distinta em localização e escala, tendo para ela contribuído a proximidade com a cultura urbana, recorrendo às tecnologias, que cada vez mais aproximam a região do resto do mundo.

---

48 | GOÇALVES, Rui Martins - op. cit., pp.34

49 | TÁVORA, Fernando - O Problema da casa Portuguesa, Série I; Editorial Organizações, Lda, Lisboa, 1947, pp.6

50 | MENÉRES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído; Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013, pp.7

Transformação urbana

Apesar de demograficamente estar hoje a entrar em franca regressão, a estrutura urbana da aldeia cresceu dramaticamente depois dos anos 50. O que na primeira metade do século XX se identificava como sendo periferia, hoje encontra-se no centro do aglomerado urbano. Os modelos de construção que se foram introduzindo durante a segunda metade do século XX transformaram a imagem da aldeia. Por esta altura, segundo Fernando Távora sentia-se que esta mudança cultural e social teve como consequência que *"a arquitectura portuguesa estava perdendo o que hoje convencionalmente se chama carácter."* [51]

Os quarteirões densos e muito construídos, por vezes sobrepostos, foram substituídos primeiro por casas em banda e, depois, por habitações mais dispersas cujos proprietários passaram a privilegiar ter um pequeno jardim, pomar ou mesmo horta à volta da sua casa. Derivado destas novas formas de crescimento, a mancha de ocupação estendeu-se rapidamente por caminhos que circundavam a aldeia e, pelo meio, conservam-se ainda muitas bolsas de terrenos agrícolas que se mantêm utilizados, como hortas ou mesmo olivais. Ao mesmo tempo, a construção ilegal permaneceu ao longo de todos estes anos e, de algum modo, influenciou este descontrolo de ocupação.

---

51 | TÁVORA, Fernando - O Problema da casa Portuguesa, Série I; Editorial Organizações, Lda, Lisboa, 1947, pp.5



Img. 35 | Saída da aldeia em direção a Sul, terrenos, rio Douro e Espanha



Img. 36 | Aproximação ao lugar - vista a Norte



Img. 37 | Aproximação ao lugar - vista a Sul



Img. 38 | Aproximação ao lugar - vista a Poente



Img. 39 | Aproximação ao lugar - vista a Nascente

Determinante é também a localização e a exposição da aldeia no território. A estrutura urbana ocupa uma zona de colina, ligeiramente mais elevada que o restante terreno à sua volta. A chegada à aldeia é feita sempre pelas cotas mais altas. O perímetro da aldeia até à década de 50 encontrava-se confinado a uma parte da vertente voltada a Sul, para a zona do rio Douro e dos terrenos adjacentes, o "termo" na linguagem local. Da aldeia é possível ver grande parte dos terrenos de cultivo, e vice-versa, permitindo algum controlo de ocorrências. Aquando do crescimento da aldeia, o perímetro alargou-se sobretudo para Norte, a cota mais alta e no sentido da estrada de chegada à aldeia. Deste eixo irradiam ruas que foram sendo construídas e que descem as vertentes, tanto a nascente como a poente. De cada um destes lados correm ribeiros, que em tempos eram estruturantes na medida em que abasteciam a população de água e eram usados para lides domésticas. Hoje, estes cursos de água alimentam algumas das hortas que sobrevivem e que são utilizadas pela população. Assim, verifica-se que apesar da rápida e descontrolada expansão, a aldeia cresceu de forma homogénea, procurando zonas de boa exposição solar a cotas mais elevadas, onde foram introduzidos novos equipamentos e espaços públicos que se assumem como o centro da aldeia.





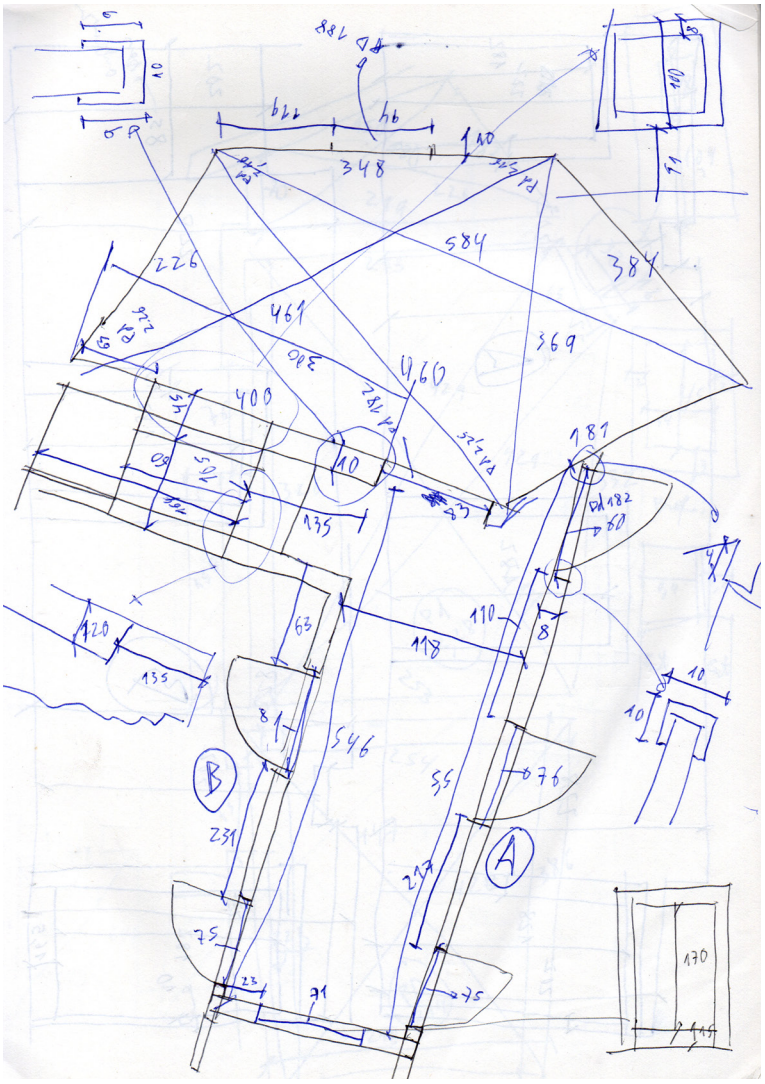


Img. 40 | Aproximação ao lugar - fotografia de 1967 onde é possível perceber a relação da casa com a envolvente na época.

É nesta zona, que durante a década de 50 era periférica e agora se tornou o centro da aldeia, que se localiza o edifício em estudo. Desde o momento da construção da casa até hoje, o enquadramento arquitetónico do local mudou substancialmente, tal como mudou a casa em estudo. As casas envolventes maioritariamente em pedra, deram lugar a acabamentos em reboco pintado ou paredes em bloco, recorrendo a novos desenhos e soluções construtivas. Alguns edifícios envolventes que se enquadravam nos modelos descritos anteriormente conferiam à zona uma leitura própria da região, mas hoje encontram-se completamente desvirtuados. O local onde se implanta a casa era noutros tempos marcado por um espaço público em terra batida e pela presença de grandes fragas que tornavam o curso da rua bastante tortuoso e de difícil progressão. Hoje encontra-se completamente pavimentado, com corredores de circulação bem definidos. Verifica-se então que houve uma vontade de melhorar as características morfológicas do local adaptando também o espaço público à evolução da população e, consequentemente, às suas necessidades funcionais. Todas estas intervenções em conjunto, públicas ou privadas, de grande ou pequena escala, foram transformando a imagem do lugar.

Neste sentido, o questionamento sobre qual caminho seguir na intervenção torna-se pertinente na medida em que a liberdade de atuação se torna muito mais abrangente. Ignasi de Solà-Morales refere que *"la primera dificultad está justamente en la vegedad y en la imprecisión del término "intervención"* [52] questionando-se o sentido de recuperar o existente mantendo as características arquitetónicas originais ou, se pelo contrário, se deve enveredar por um caminho de intervenção solta das referências existentes mas com vista ao máximo de resposta ao programa que se pretende atualmente, à interação da casa com os utilizadores sempre guiados por um carácter integrador e coerente da arquitetura, sem no entanto negar a diferença e a integração de um novo rumo que pode vir a ser uma referência para intervenções futuras.

52 | SOLÀ-MORALES, Ignasi (1982) - Teorías de la Intervención Arquitectónica; (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/2015/04/16/teorias-intervencion-arquitectonica/, pp.47

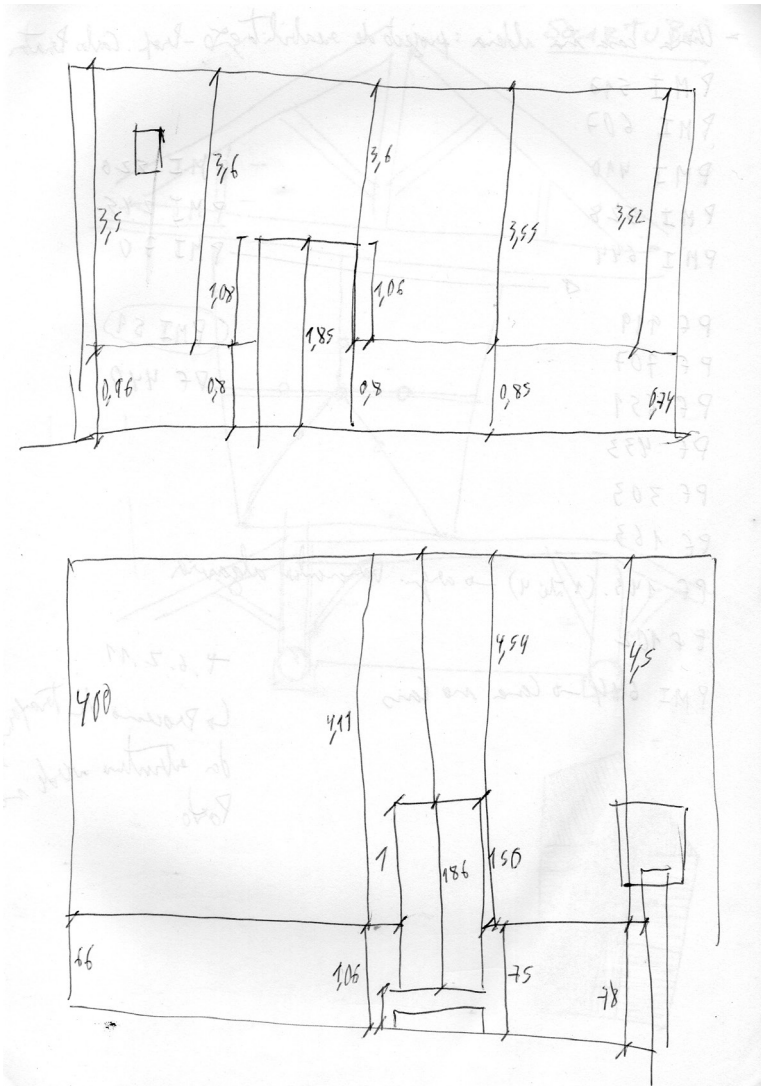


Img. 41 | Desenho de levantamento

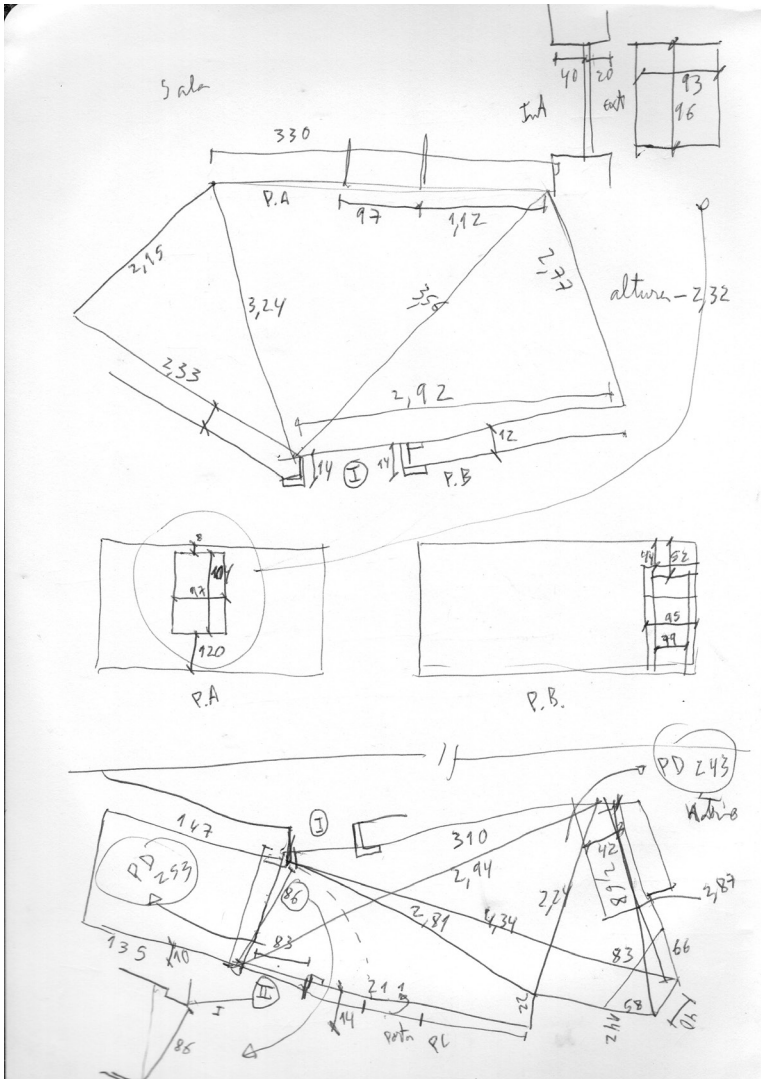
3.4. Rutura e confronto entre existente e construção nova

Levantamento do existente

Com o desenvolvimento do projeto revela-se essencial conhecer mais pormenorizadamente o local onde o mesmo será construído, bem como as suas características espaciais, construtivas e materiais. Para o efeito foi feito um levantamento sobre várias formas de suporte, tomando-se registos vários para posteriormente rever, esclarecer e usar como matriz do projeto. A fotografia, o desenho à mão levantada sobre a forma de esquisso e o levantamento rigoroso das dimensões do espaço representam os elementos de recolha de informação diretamente da pré-existência. Nesta fase de desenvolvimento começaram também a surgir questões relativamente aos aspetos tectónicos e construtivos da casa, suscitadas pelo levantamento da pré-existência, que começam a implicar pertinentes questões projetuais e a definir um caminho a seguir.



Img. 42 | Desenho de levantamento



Img. 43 | Desenho de levantamento

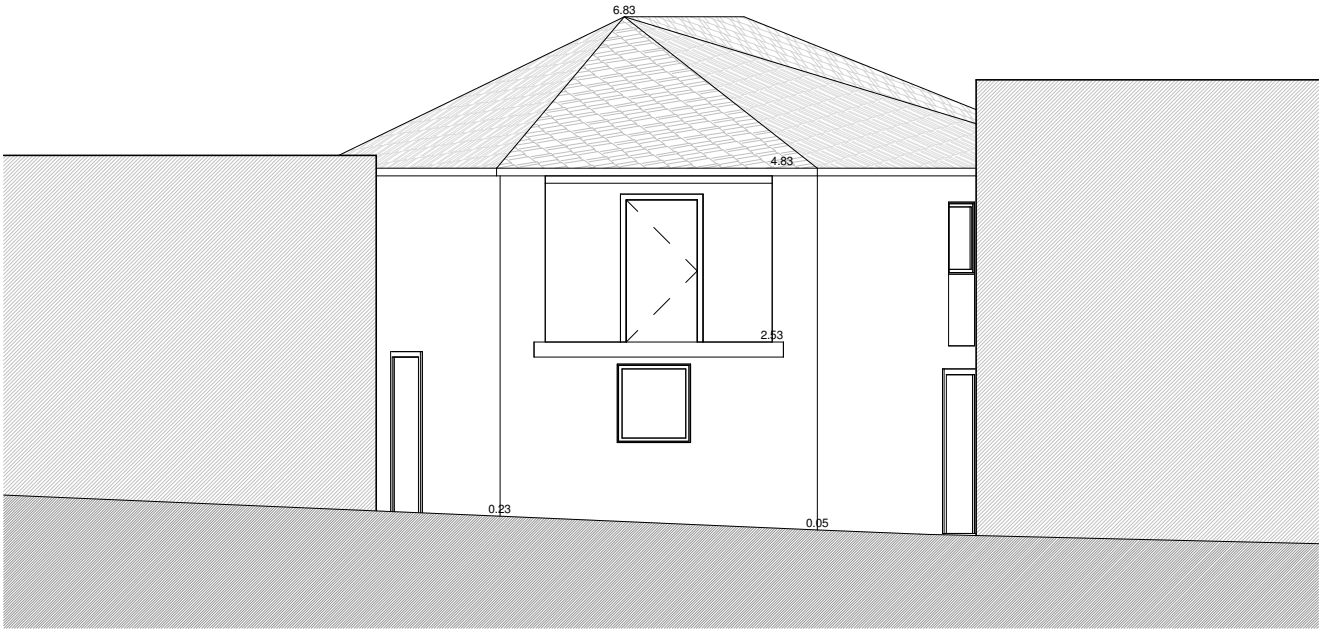


Img. 44 | Aproximação ao lugar - Fachada Poente

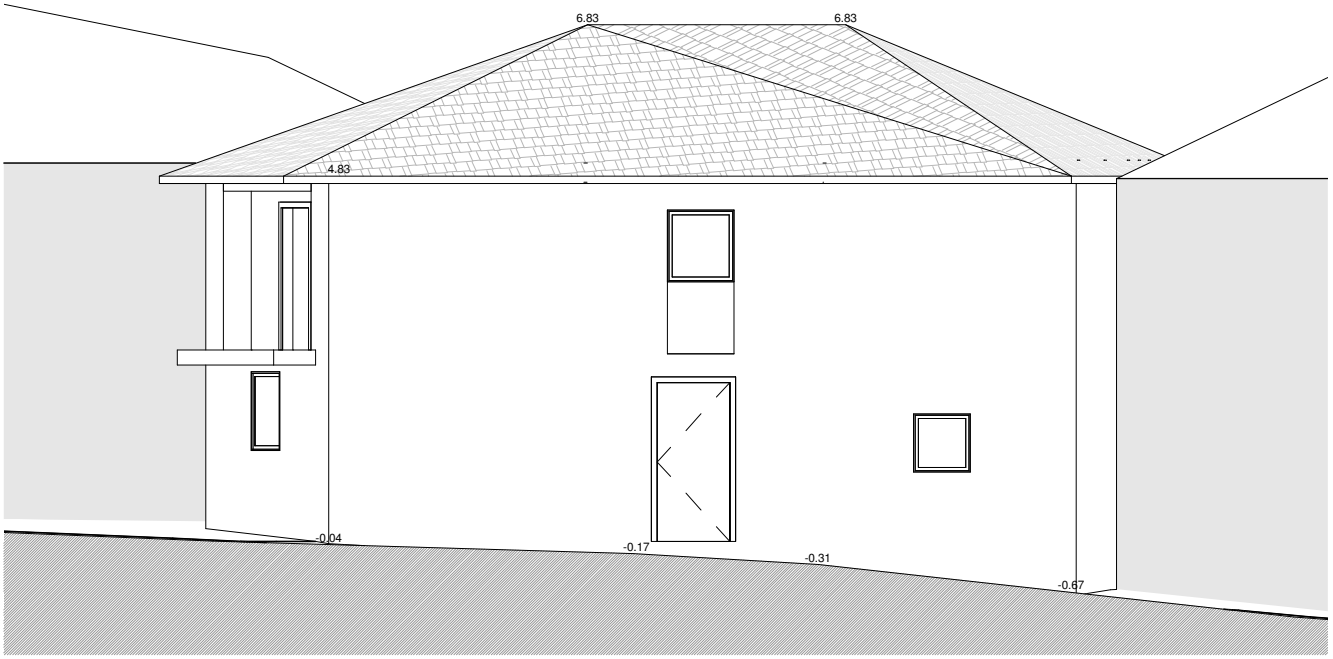




Img. 45 e 46 | Chegada ao lugar - Fachada e entrada a Sul



ALÇADO POENTE



ALÇADO SUL

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Alçado Poente e Sul	LEV.06
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100

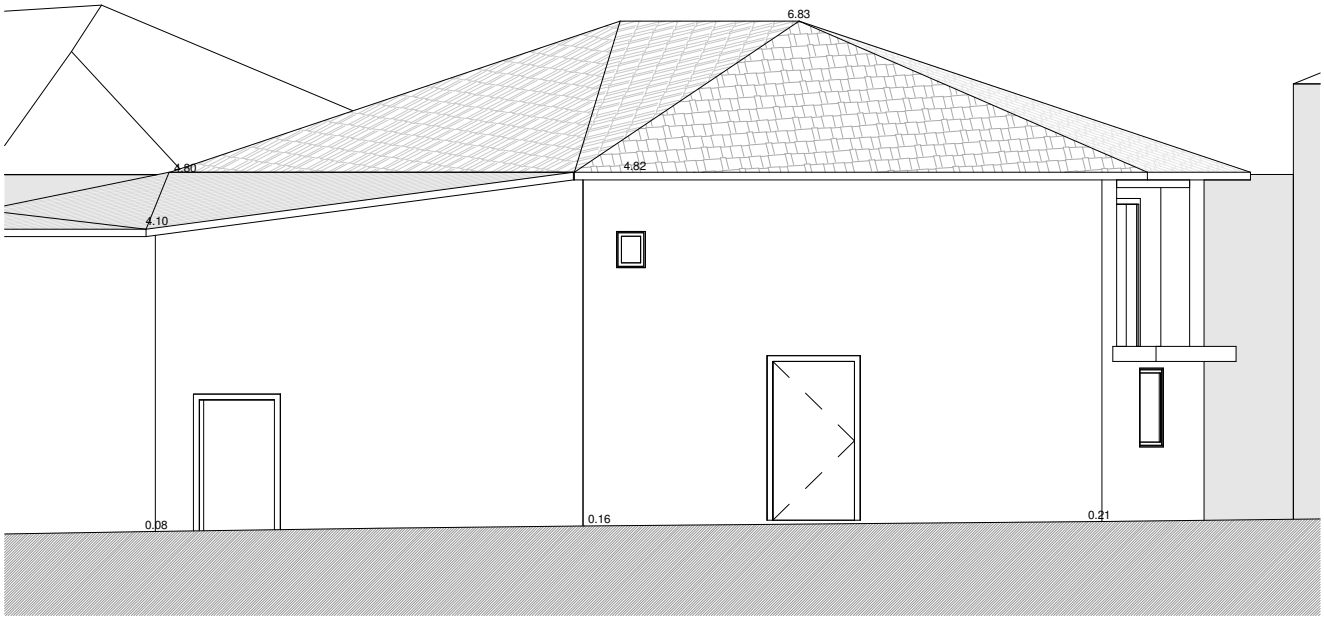




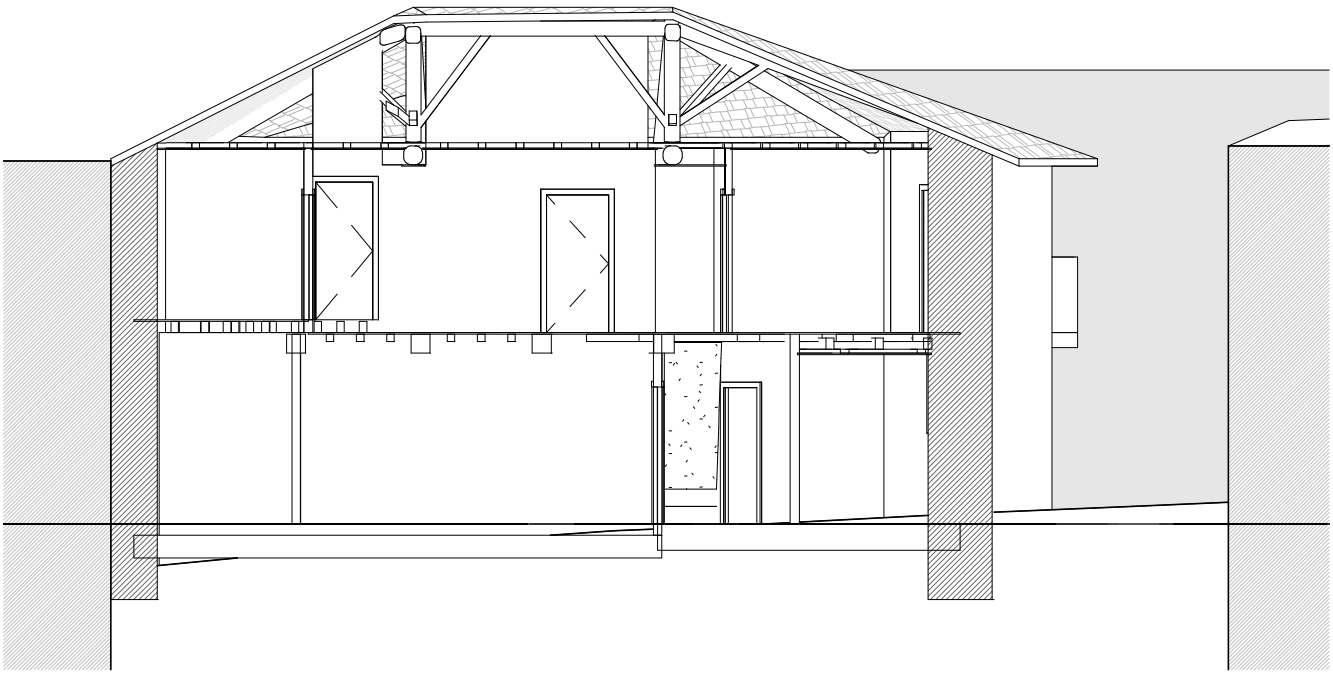
Img. 47 e 48 | Chegada ao lugar - Fachada e entrada a Norte



Img. 49 | Aproximação ao lugar - Fachada Nascente



ALÇADO NORTE



CORTE

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Alçado Norte e Corte	LEV.07
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100



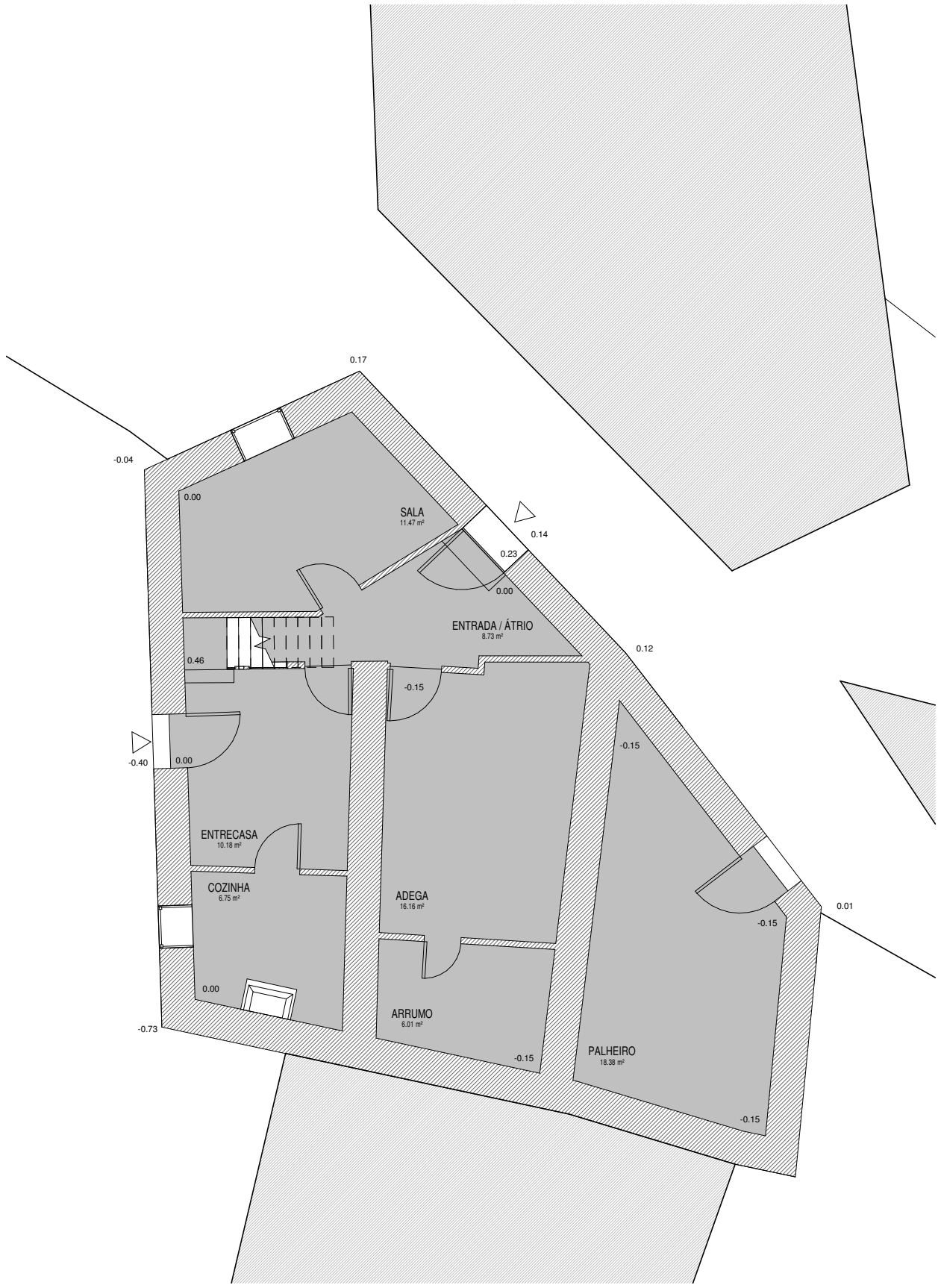


Img. 50, 51 e 52 | Sequência - Entrada Sul, Entrecasa e Cozinha





Img. 53, 54 e 55 | Sequência - Entrada Norte, Átrio de acesso à adega e distribuição para sala e entrecasa



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Planta Piso 0	LEV.01
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100

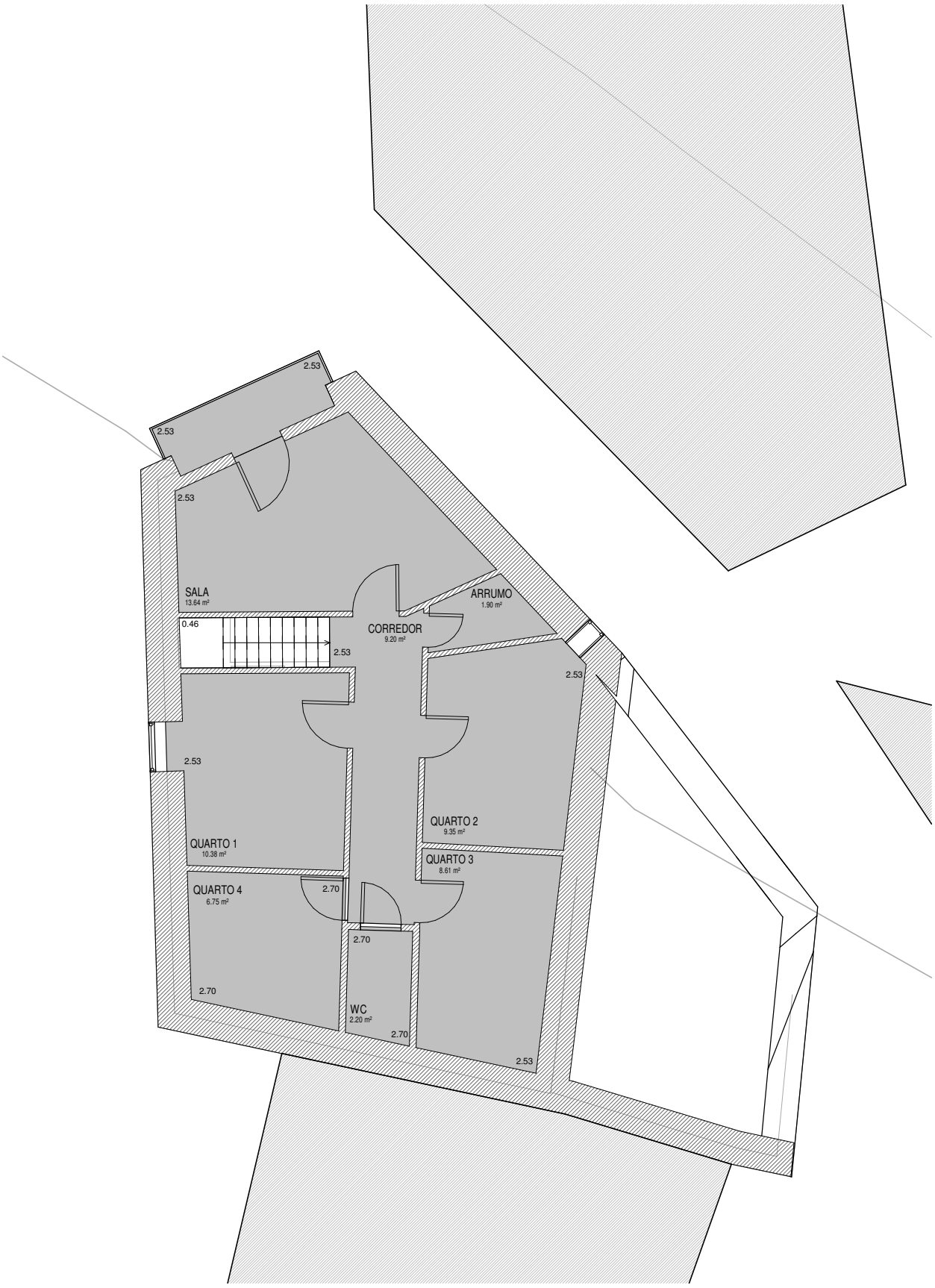




Img. 56, 57 e 58 | Sequência - Escadas para piso superior , corredor de distribuição para sala, quartos e wc




Img. 59 e 60 | Espaço interior - Sala do piso 1 e nicho sobre a escada interior



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Planta Piso 1 **MORADA:** Urrós, Mogadouro	LEV.02 **ESCALA:** 1 : 100



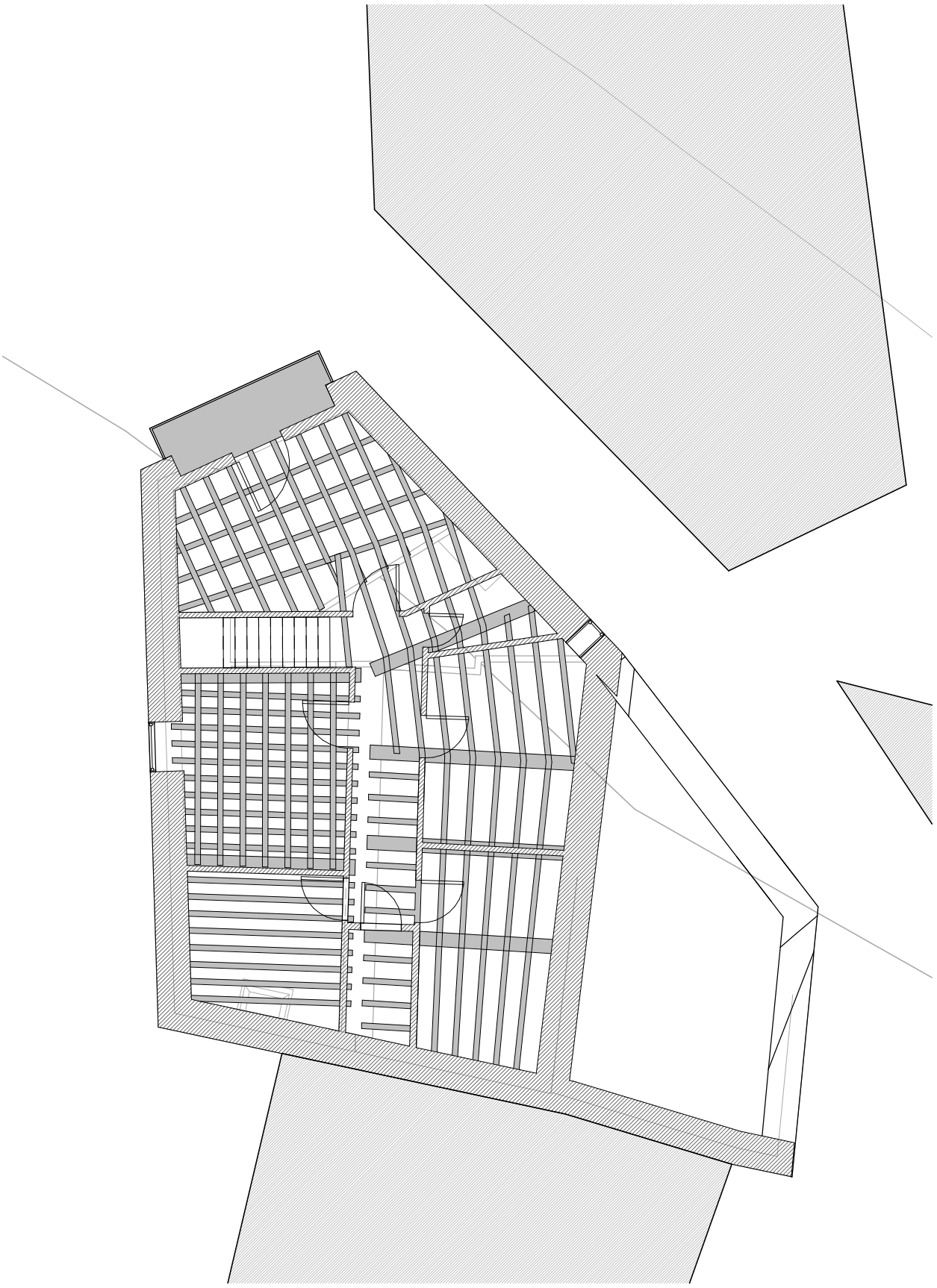


Img. 61 e 62 | Espaço interior - Quarto das raparigas e nicho sobre a escada interior





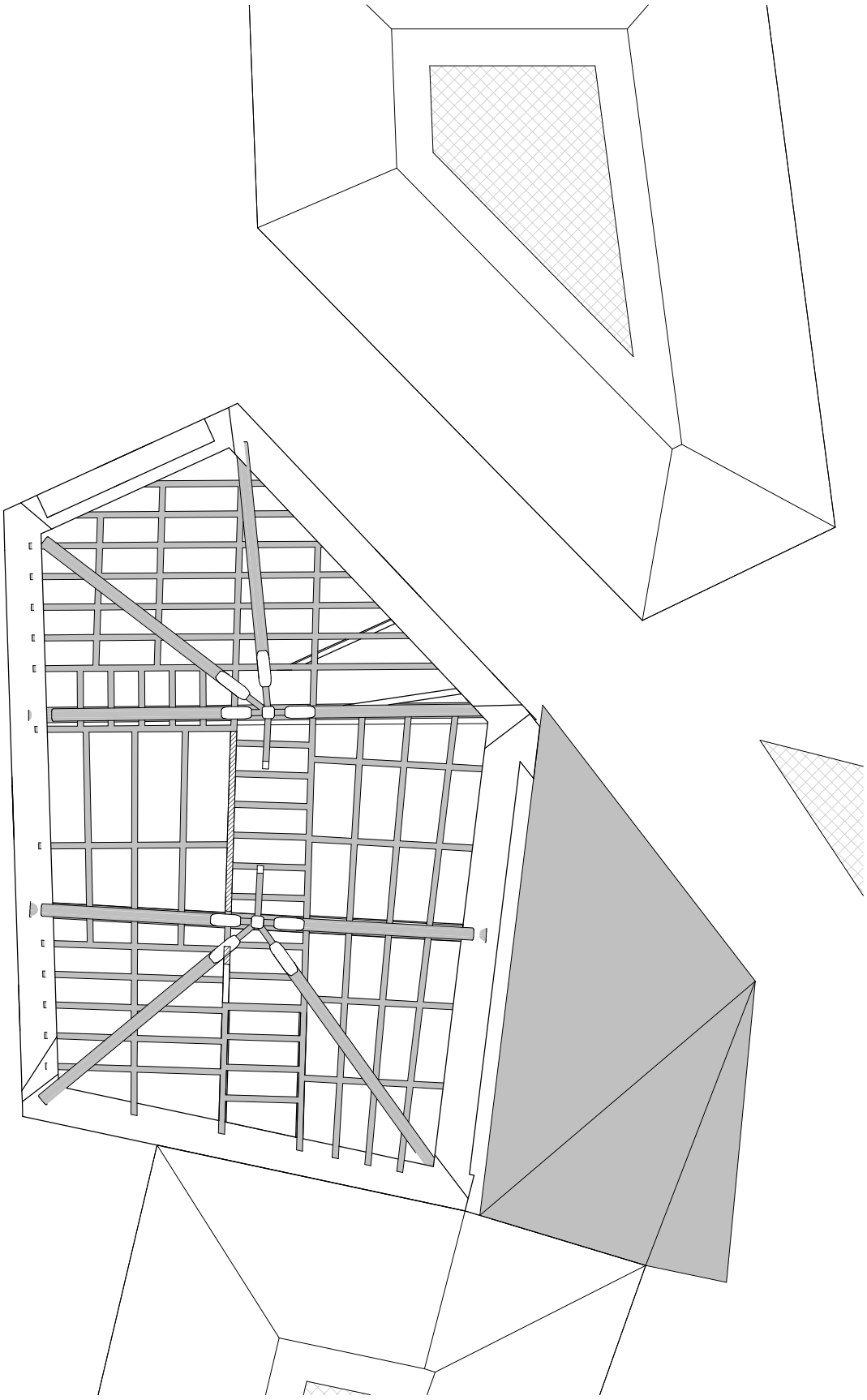
Img. 63 e 64 | Espaço interior - Quarto dos avós e vão de iluminação interior



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Planta Piso 1 - estrutura	LEV.04
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100



Img. 65 | Asna de suporte da cobertura



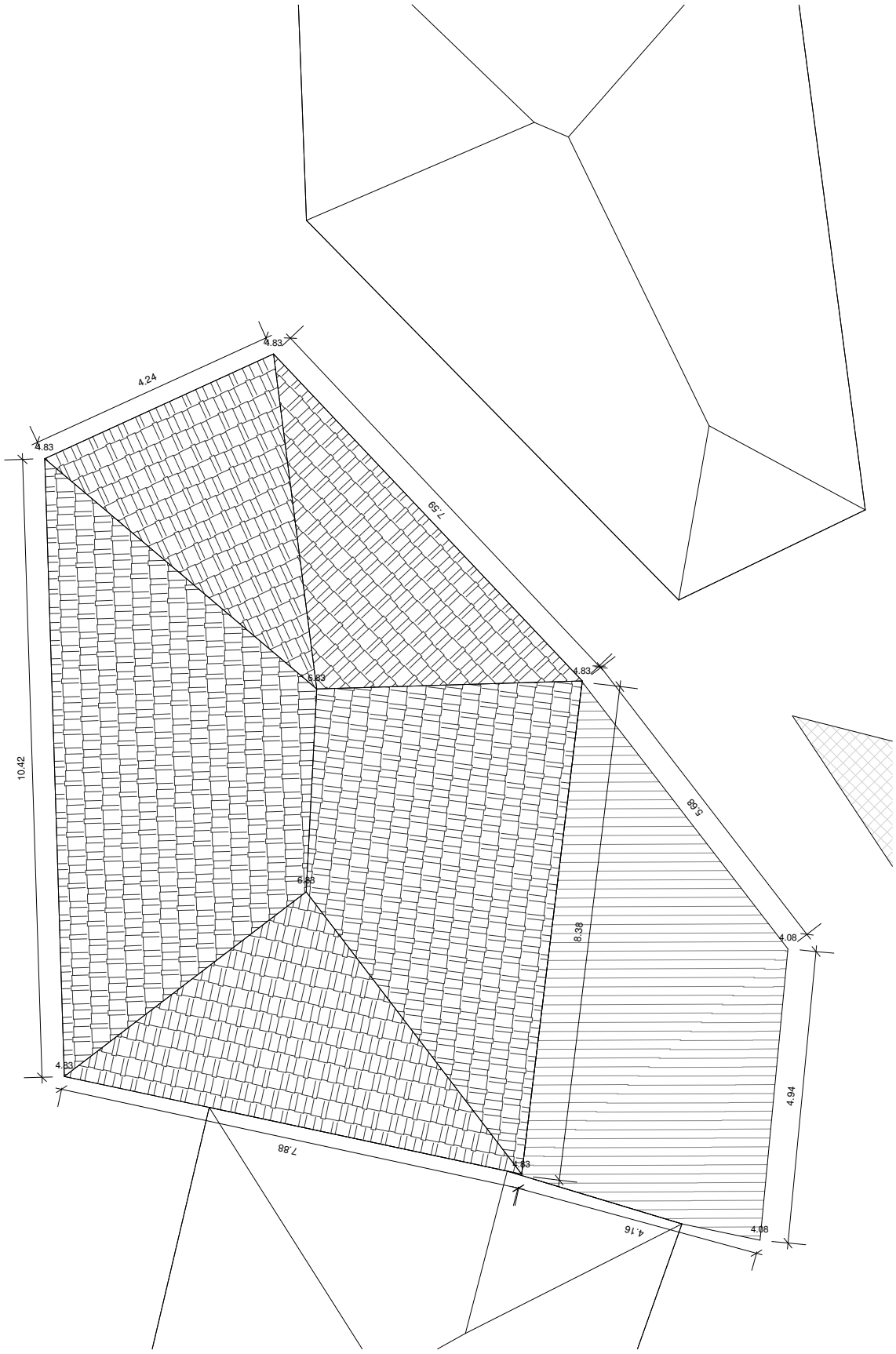
projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Planta Cobertura - estrutura	LEV.05
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100



Img. 66 | Remate exterior entre parede e telhado



Img. 67 | Remate interior do telhado



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana	**ORIENTAÇÃO:**
Planta Cobertura	LEV.03
MORADA: Urrós, Mogadouro	**ESCALA:** 1 : 100

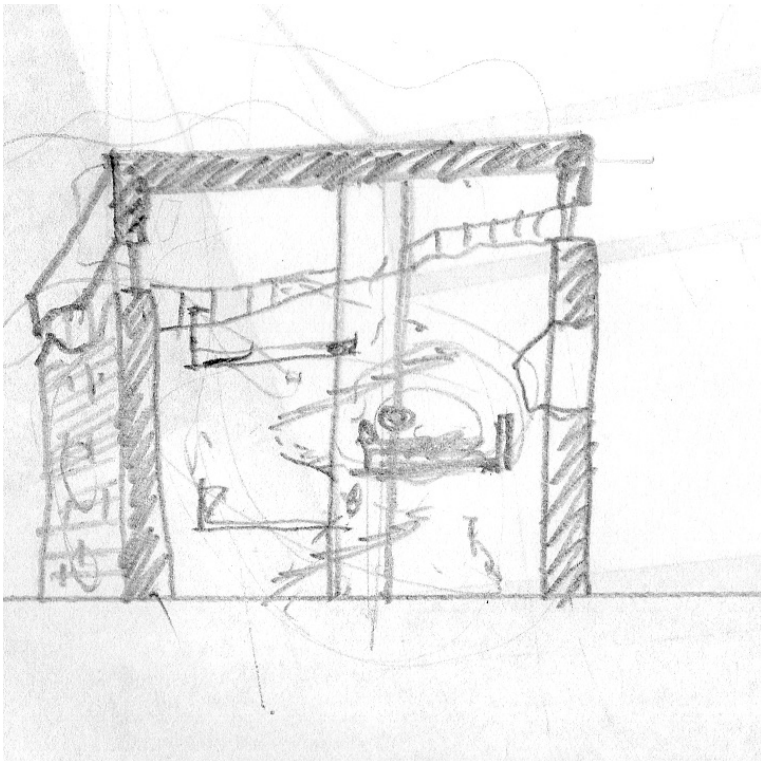
Estudo 3

Com os desenhos e registos de levantamento de um lado, e os desenhos e maquetas dos primeiros estudos do outro, começam a surgir ideias mais concretas do que podem ser as características da casa. Os elementos da pré-existência começam a ser observados com mais atenção, despoletando um novo ponto de partida para uma proposta muito diferente das anteriores. Esta fase do projeto apresenta-se sobre a forma de síntese uma vez que procura manter-se bastante afastada do rigor de desenho da casa e incidir sobretudo no confronto entre o existente e o novo. Nesta fase do projeto começa-se a definir o que se considera fundamental ser mantido, o que não deverá ter qualidade nem lógica para preservar e ainda os elementos que poderão, numa fase mais avançada de desenvolvimento, ser reintegrados no desenho da proposta.

As paredes em alvenaria de pedra assumem-se como o ponto de referência da construção. O perímetro das paredes exteriores e os respetivos vãos passam assim a estar integrados no desenho do projeto, ficando para já em aberto o acabamento exterior das mesmas. Sobre a ideia de manter as paredes exteriores da casa começam a surgir inúmeras referências arquitetónicas, de vários momentos da história, escalas e contextos diferentes. As referências surgem naturalmente, tal como diz Álvaro Siza, *"Trata-se de influências que se manifestam no subconsciente e que entram no projecto sem que nos apercebamos disso."* [53], são recordações que ficam de um estudo anterior sobre as obras e autores, a visita dos edifícios, aprendizagem académica e profissional com os arquitetos autores, a proximidade programática e o contexto geográfico, ou ainda a procura de referência no momento em que se tem um projeto em mãos e é necessário encontrar respostas.

Numa perspetiva de síntese levada ao limite, procura-se desenvolver uma solução que conjugue o antigo com o novo, onde a preocupação seja demarcar ferozmente o limite entre estas duas realidades: uma rutura. Além das memórias, pouco se pretende guardar da casa velha, à partida. As pessoas são outras, a cultura e a vivência. Os processos construtivos também podem ser outros, os materiais, o tempo de construção. Neste momento, a ambição

53 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.139



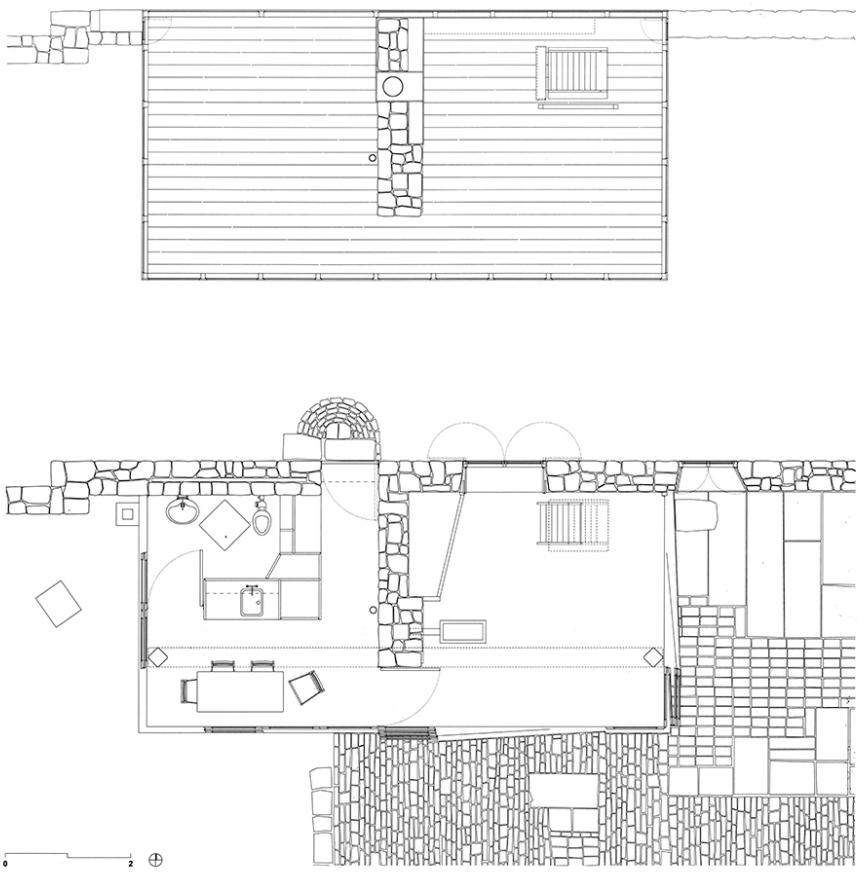
Img. 68 | Estudo 3 - desenhos de processo

permite sonhar com uma conjugação clara e perfeita entre estes dois tempos da casa.

No sentido tectónico, trabalha-se com base numa premissa onde a "massa" nova não deve tocar na parede de alvenaria existente. Assim, desenha-se todo o interior como uma estrutura independente, que segure a laje do primeiro piso e a cobertura. Em betão armado, acentua-se o contraste entre estes dois materiais a nível técnico e construtivo tão diferentes, enriquecendo a arquitetura desta casa para além da sua "pele". O autor-construtor que demorou tantos anos a construir a própria casa com métodos que herdou e materiais que recolheu do seu próprio chão: pedra, barro e madeira, dão agora lugar ao arquiteto e ao engenheiro, com conhecimentos técnicos para desenvolver uma solução construtivamente contemporânea, em tempo recorde.

No sentido programático, procura-se romper com a tipologia tradicional da região existente na casa e adotar uma solução "open space" que permita uma maior liberdade no momento de definir os espaços interiores. Organizada em dois pisos, revela-se necessário desenhar uma escada que os ligue. Uma escada em espiral denuncia uma intenção de liberdade e rutura com o que se encontra na pré-existência. O posicionamento dela no conjunto não pretende ser rígido, no entanto posiciona-se junto à fachada Norte, procurando ocupar a zona menos beneficiada em termos de iluminação natural. Desenha-se ainda uma mezanine com o objetivo de aproximar os dois pisos da casa, conferindo-lhe um sentido espacial mais unitário.

A casa "Upper Lawn" de Alison e Peter Smithson apresenta-se nesta fase do projeto como uma referência de grande importância, uma vez que são vários os traços comuns com a ideia que se pretende desenvolver. Trata-se de uma habitação de fim-de-semana e férias da família Smithson onde é utilizada uma pré-existência de construção popular para criar uma simbiose entre tradicional e novo. Não se negaram materiais, valorizaram-se as paredes de pedra construídas outrora, aproveitaram, construíram em cima, sendo este um aspeto referencial na ideia desta casa-pavilhão. Construíram coisas novas com materiais semelhantes aos que já existiam - neste caso toda a estrutura interior em madeira - mas sobretudo integraram materiais novos que modificam substancialmente a arquitetura da casa, como o revestimento da fachada com metal, formando conjunto com o aparelho de pedra, fachada que é agora



Img. 69 | Casa Upper Lawn, plantas - Alison and Peter Smithson

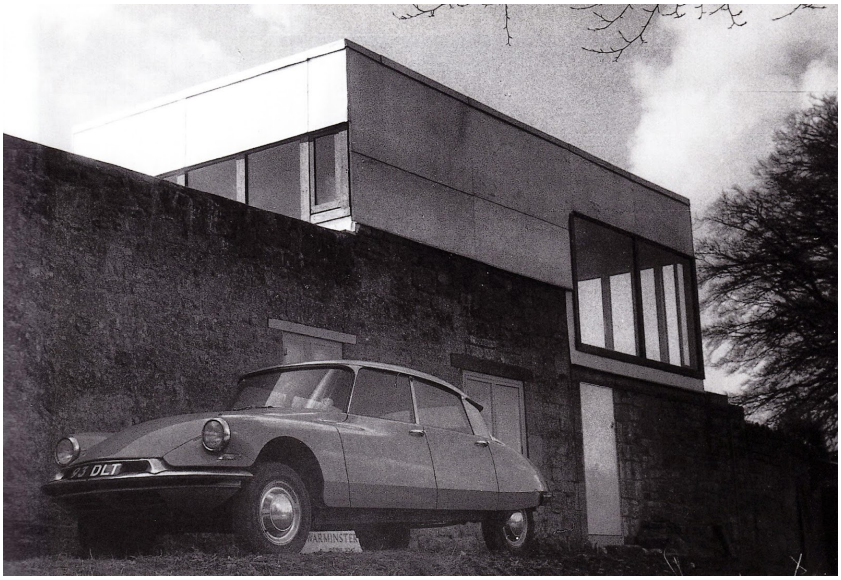
rasgada por grandes panos de vidro que permitem ter um maior usufruto do espaço e da luz.

Mas é em termos tipológicos que se considera esta obra de Alison e Peter Smithson mais preponderante, onde se procura integrar partes da casa anterior numa lógica de espaço amplo, onde cada utilizador se apropria do seu próprio espaço da casa, sem barreiras pré-estabelecidas. Pré-existência e novos materiais misturam-se, completam-se, definindo claramente o modo como o novo "pousa" no antigo. A nova construção precisa de encontrar o seu lugar, do mesmo modo que o antigo precisa de se rejuvenescer, tal como diz Peter Zumthor *" Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira."* [54]

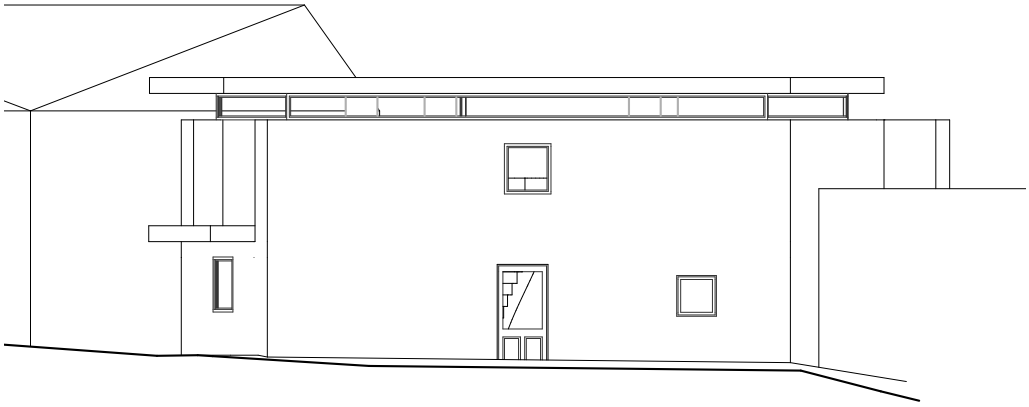
No estudo desenvolvido nesta fase, o novo piso da casa desenha-se apoiado em quatro colunas estruturais, que não devem tocar as paredes pré-existentes. A existência de uma varanda exterior será mantida, uma vez que se encontra perfeitamente integrada no edifício e faz parte da sua identidade.

A cobertura surge nesta fase do projeto muito diferente da pré-existente, sendo alvo de maior atenção. Procura-se desenvolver uma solução onde a cobertura nova transmita a sensação de elemento independente das paredes

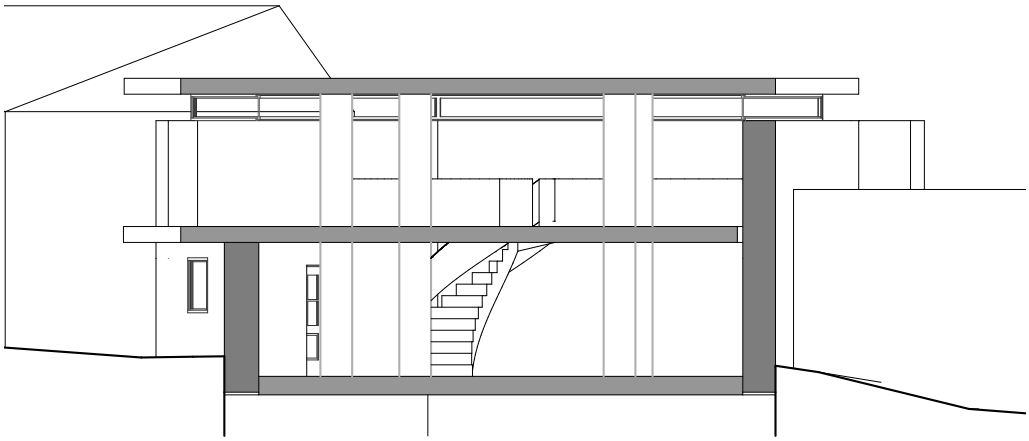
54 | ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2009, pp.17



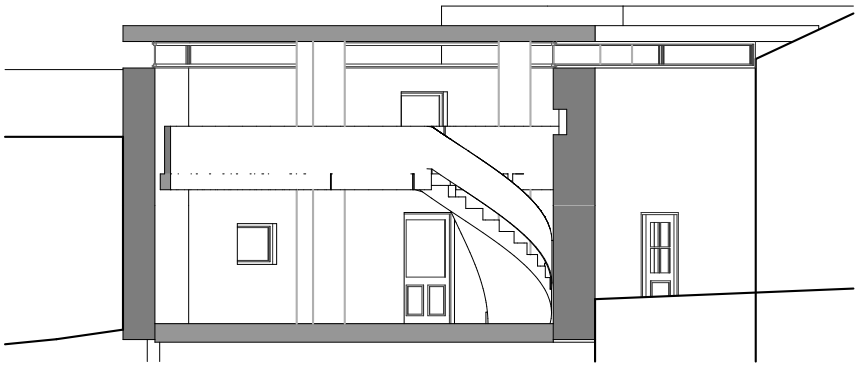
Img. 70 | Casa Upper Lawn, vista exterior e Citroen DS - Alison and Peter Smithson



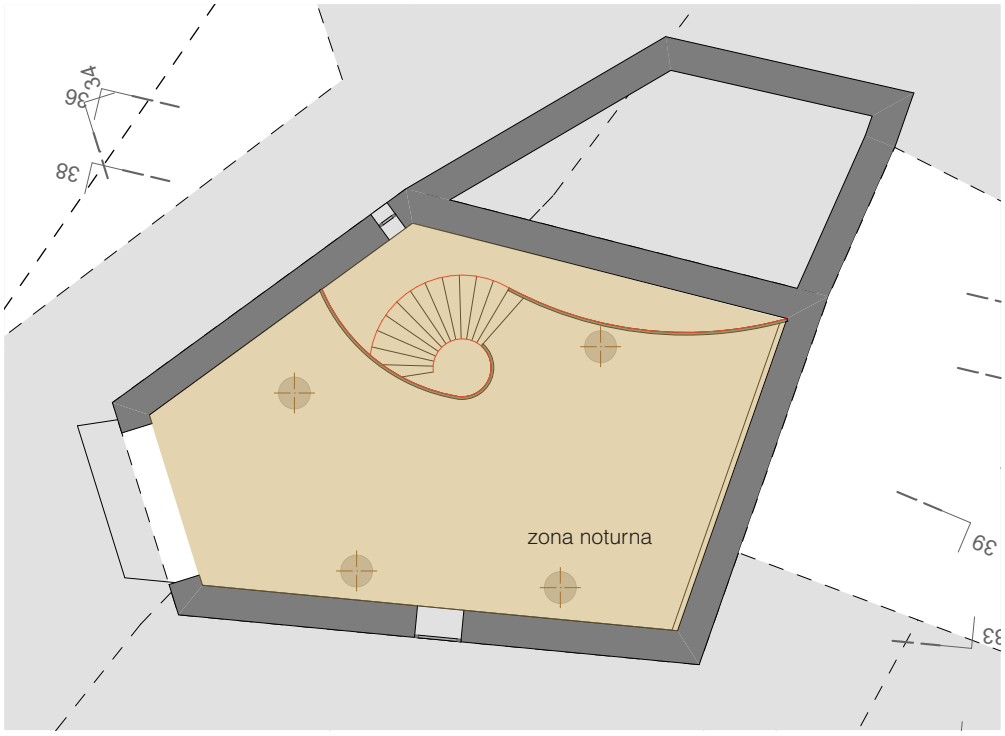
Img. 71 | Estudo 3, alçado sul - desenhos de processo



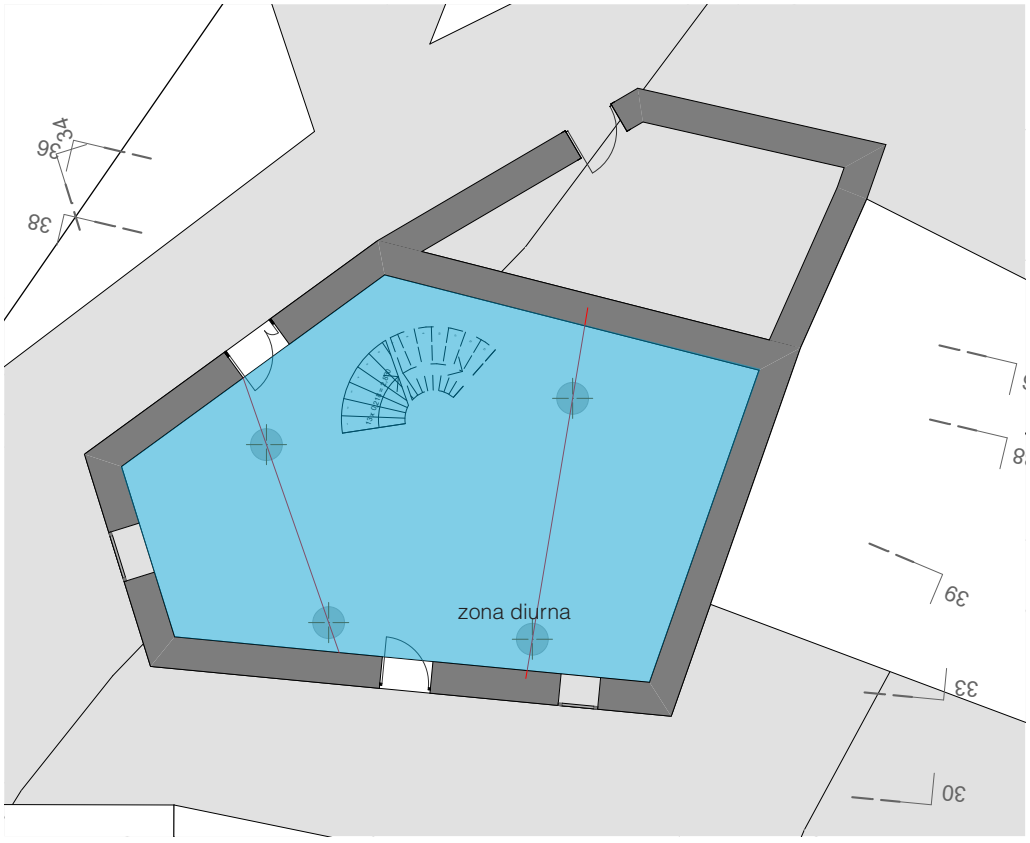
Img. 72 | Estudo 3, corte 1 - desenhos de processo



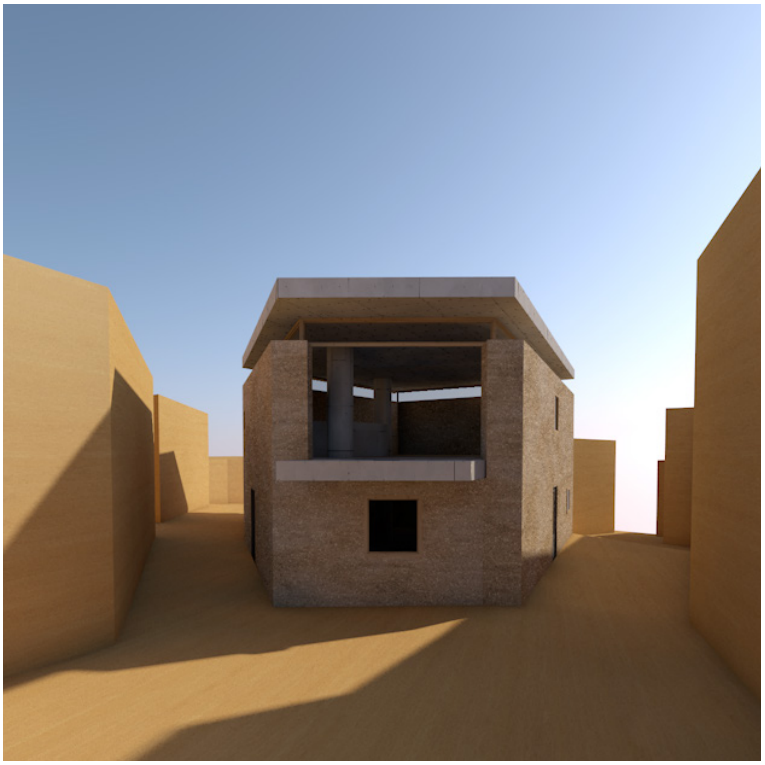
Img. 73 | Estudo 3, corte 2- desenhos de processo



Img. 74 | Estudo 3, planta piso 1 - desenhos de processo



Img. 75 | Estudo 3, planta piso r/c - desenhos de processo



Img. 76 | Estudo 3, vista tridimensional - desenhos de processo

pré-existentes. A nova cobertura, plana, apoia-se nos 4 pilares que seguram a laje do primeiro piso, e o seu limite extravasa o perímetro das paredes da casa. Uma vez que o pé-direito da casa é bastante contido, o facto de construir uma estrutura interior completamente nova permite aumentar-lhe o pé-direito, sobretudo no piso superior. Consequentemente, passa a existir uma folga entre a cota máxima da parede existente e a cobertura, espaço que pode ser utilizado como zona de iluminação natural do piso superior, acima do limite visual mas que permite melhorar a luminosidade do interior.

Este estudo foi apresentado ao cliente. Foram utilizadas várias ferramentas projetuais, tais como os desenhos de plantas, cortes e alçados do edifício, uma maqueta à escala 1:100 onde é possível confrontar com os estudos anteriores em iguais circunstâncias e, por fim, algumas imagens simples retiradas do modelo 3D também desenvolvido durante o processo de projeto, ferramenta que se tem revelado bastante útil na comunicação com o cliente, devido à sua interatividade e a possibilidade de navegar virtualmente dentro do edifício que se está a projetar. Desta solução não resultou ainda uma resposta concreta ao programa da casa, mas revelou-se deveras importante para a fase seguinte, onde se procura manter algumas das características funcionais e espaciais desta síntese.

4. MOMENTO 4

- Opções projetuais decisivas

Nota inicial

4.1. O programa

4.2. Iñaki Ábalos - A boa vida

Sobre as casa pátio de Mies van der Rohe

Sobre a casa existencialista

Sobre a casa fenomenológica

4.3. Observar com mais atenção

Estudo 4 - Opções projetuais decisivas

Nota inicial

Da conversa com o cliente, a propósito da solução anteriormente apresentada, surgiram algumas reações surpreendentes e que ajudaram a definir o rumo do projeto. Começa-se a ter uma perceção e definição mais clara do programa para o edifício, das respetivas áreas e, mais importante ainda, intenções de projeto, desejos, que o cliente pediu após visualizar os primeiros estudos e a consequente comparação com o existente, a memória do mesmo. Tal como diz Álvaro Siza, *"lentamente, a evolução do projecto orienta-se para uma redução à essência e uma gradual aproximação à substância."* [55]

Depois de nas fases anteriores se ter abordado os temas de enquadramento da casa no território físico, histórico e apresentado algumas hipóteses de intervenção, revela-se pertinente incidir a partir deste momento mais sobre as características da própria casa, porque a mesma reflete pedidos do cliente. Procura-se fazer sempre um cruzamento entre o que se observa, o que nos toca, o que se desenha, imagina e propõe para os espaços.

55 | SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, pp.137

4.1. O programa

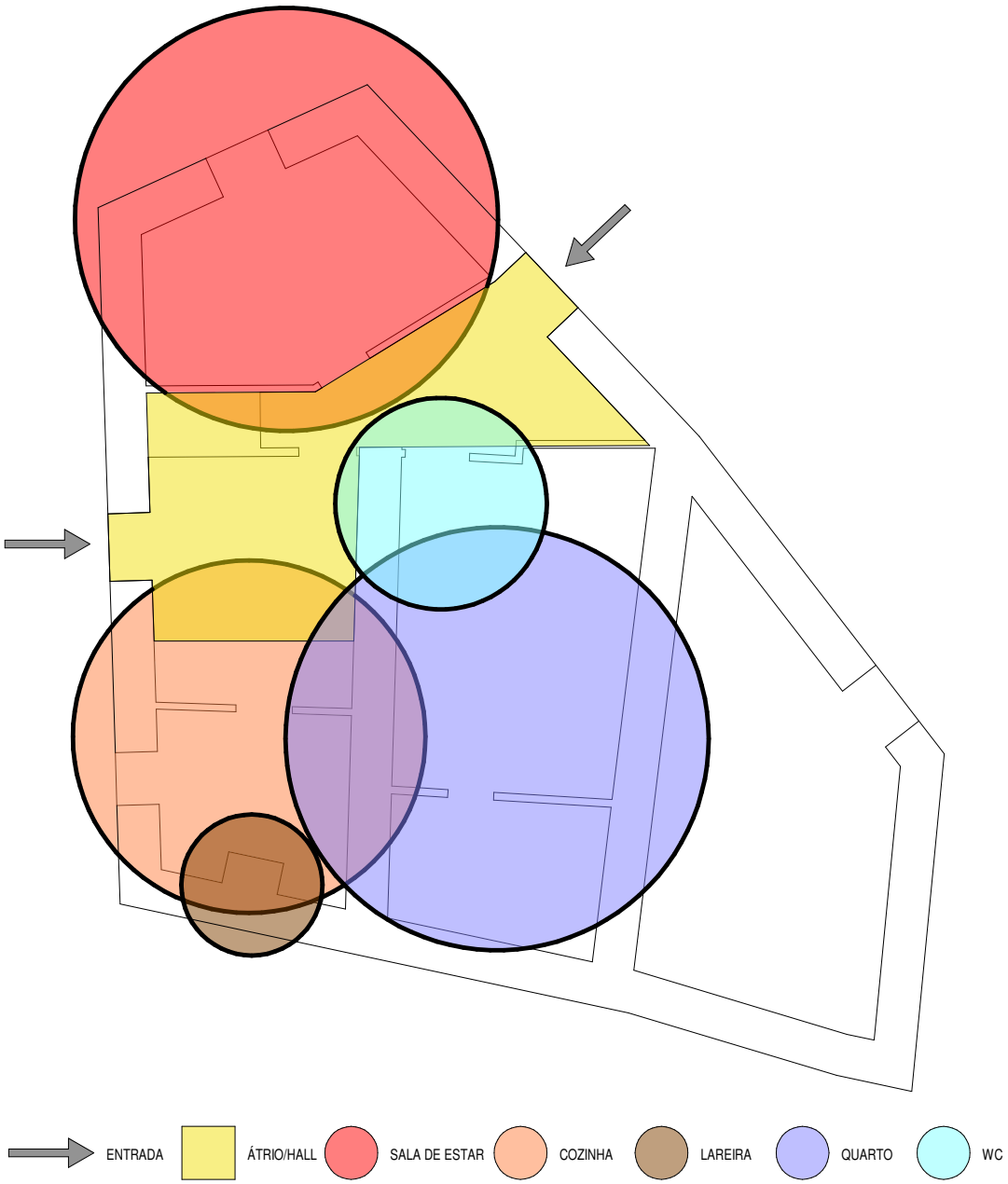
O programa vai muito ao encontro do que já está presente na pré-existência e as alterações visam, sobretudo, uma maior adequação à utilização que se dará no futuro. Pretende-se desenhar uma casa unifamiliar organizada em dois pisos. Desta feita, a intenção passa por utilizar o piso inferior como espaço de habitação permanente, e deve por isso ser completo e estar dotado de todos os espaços essenciais a uma vivência familiar para duas pessoas, ficando o piso superior como uma expansão da própria casa para quando for necessário acolher mais visitantes.

Segue-se a descrição do programa pretendido para a casa, de forma detalhada, anunciando já algumas intenções. Sobre o programa do piso térreo:

- A entrada na casa é um aspeto essencial do projeto e que apresenta algumas características próprias neste edifício. Existem duas entradas, uma na fachada norte e outra na fachada sul, sendo que ambas têm ligação direta para a rua. A entrada sul liga diretamente a um espaço de cozinha que se apresenta como elemento distribuidor e onde sai a ligação ao piso superior. A entrada norte relaciona-se com uma rua estreita e era utilizada como entrada de serviço. Lá dentro, sucede-se à porta de ferro um degrau em pedra de onde se vislumbra um pequeno átrio disforme com acabamento tosco, que liga à adega, a uma sala de jantar e à cozinha. Foi pedido para manter ambas as entradas da casa, no entanto deve ser reformulado o interior para as mesmas terem uma maior integração e participação nos espaços.

- Deve existir no piso inferior uma pequena sala de estar, confortável e acolhedora, que possa ser um "cantinho" resguardando do frio do inverno e do calor do Verão. Em termos de espaço não precisa de ser muito maior do que um quarto, uma vez que não será certamente um espaço fulcral na vivência prolongada deste edifício.

- Uma cozinha que deve conter o essencial para um fim de semana, mas que se for ampla e tiver espaço para refeições com um maior número de pessoas será uma mais valia. A cozinha pré-existente surge como um dos espaços centrais da habitação, onde as pessoas passam grande parte do tempo que estão em casa. Este espaço é comummente chamado de "entrecasa" porque liga a rua aos restantes compartimentos da casa, sendo



 Img. 77 I Esquema relacional entre o programa da habitação no piso 0 I escala 1:100

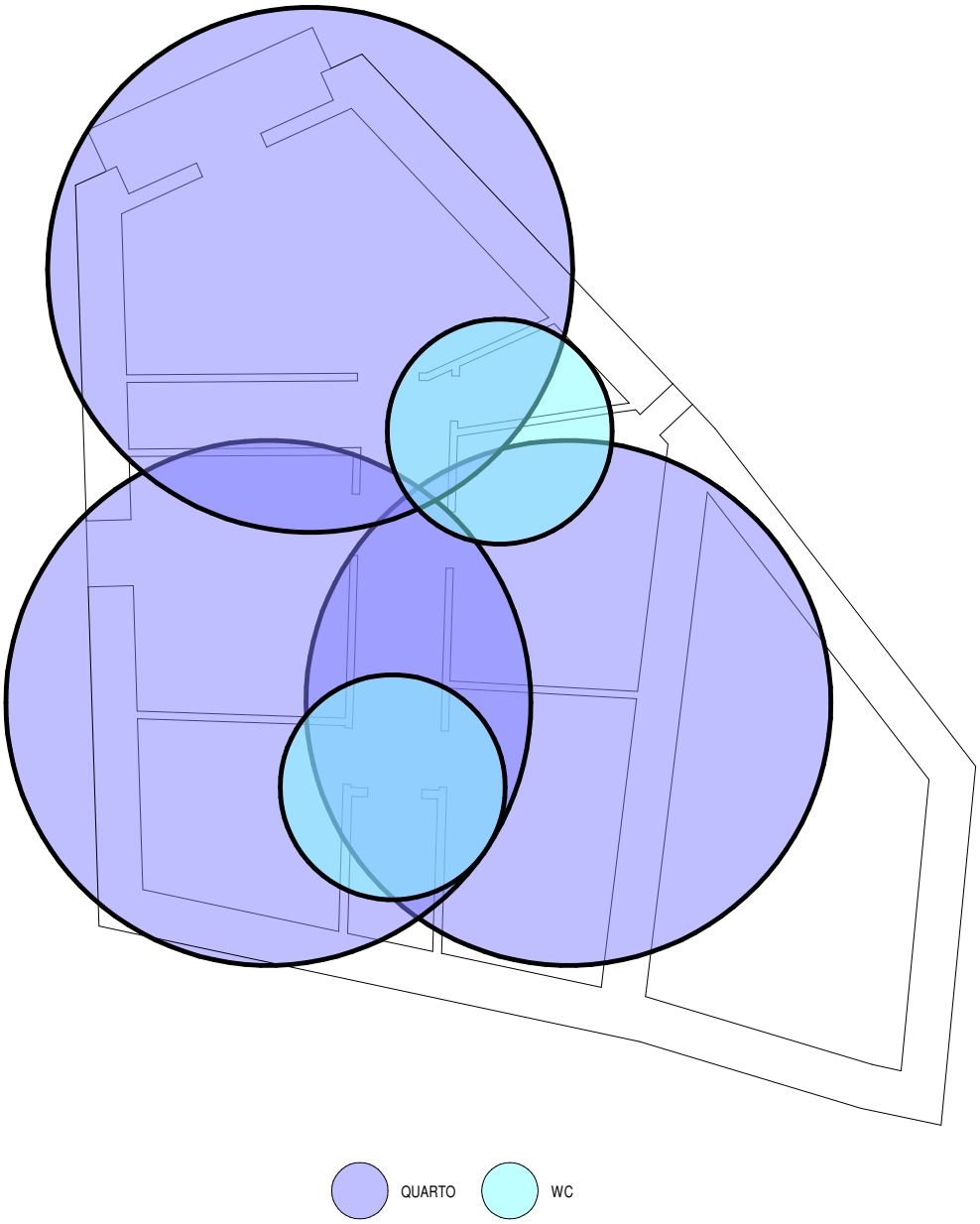
um compartimento que se encontra frequentemente na organização funcional das casas da região com o mesmo tipo de construção. Trata-se portanto de um traço tipológico identitário de uma região do país, e isto é um ponto interessante que leva o cliente a querer manter a sua função, até porque também se identifica com a sua vivência.

- Associado ao espaço de "entrecasa" que funciona como espaço de refeições, surge o compartimento da lareira. Este espaço é de pequenas dimensões, mas o suficiente para ter um banco de cada lado da lareira, de onde antigamente se faziam as refeições em família, ao lume. O aspeto é tosco, não existe tanta preocupação com o acabamento do chão, das paredes e sobretudo do teto. Lá dentro é possível ver a estrutura do piso superior, já negra do fumo da cura do fumeiro de tantos anos. Não houve preocupação em demover marcas de uso, porque este compartimento apresenta-se estritamente funcional, onde a porta se fecha quando se recebe visitas. Numa primeira instância foi pedido pela parte do cliente para manter este compartimento na estrutura funcional da casa.

- Foi pedido para integrar um quarto no piso inferior, com iluminação natural. Deve conter uma cama de casal e um guarda-roupa. Não necessita de ter quarto de banho privativo, mas foi pedido para que o mesmo esteja bastante próximo do quarto.

- Por fim, é necessário construir um quarto de banho no piso inferior, que deve servir todas as zonas da casa.

Passando agora à descrição do piso superior, é neste mesmo espaço que acontecem as maiores mudanças, apesar do programa de zonas privadas se manter. No edifício existente, o primeiro piso encontra-se compartimentado em quatro quartos, um quarto de banho, uma despensa e um outro espaço de sala de pequenas dimensões que usufrui de uma varanda e a vista para a avenida central. Dado que este piso tem 60 m^2, os compartimentos existentes são quase todos de pequenas dimensões e iluminação insuficiente. O maior quarto da casa com cerca de 10 m^2 - outrora usufruto das raparigas - contém no seu interior uma cama de casal, um guarda-fatos e um móvel de apoio, volta-se para a rua e contém uma janela que permite ter uma boa iluminação. Um segundo quarto com 9 m^2 e geometria irregular, era o quarto dos donos da casa, tinha um cama de dimensões contidas e uma arca, sendo a iluminação

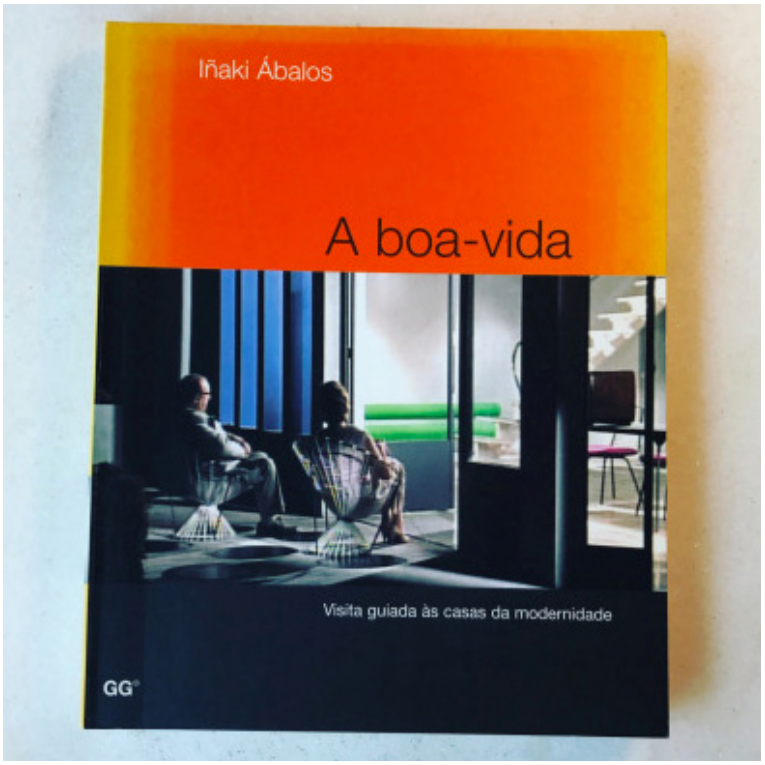


 Img. 78 I Esquema relacional entre o programa da habitação no piso 1 I escala 1:100

feita por uma janela de pequenas dimensões, por vezes insuficiente. Os restantes dois quartos - dos rapazes e arrumos - com 9 e 7 m^2 respetivamente, não têm qualquer tipo de iluminação natural. Por fim, o quarto de banho apenas contém um lavatório e uma sanita, é o único existente na casa e foi o último compartimento a ser construído, uma vez que só nos anos 80 a casa teve acesso a saneamento.

Deste modo, considera-se que a organização do piso superior deve ser completamente nova, mas aproveitando os vãos existentes. Foi dada liberdade para neste espaço explorar soluções de compartimentação diferentes, que variam entre a integração de várias alcovas de dimensões mais contidas e a clara definição de quartos individuais.

- Foi pedido para integrar no piso superior entre 2 a 3 quartos, sendo que também devem existir dois quartos de banho neste piso.



Img. 79 I Livro de Iñaki Ábalos, “A boa-vida” - Visita guiada às casas da modernidade

4.2. Iñaki Ábalos - A boa vida

Uma vez conhecido o programa para a casa, o seu contexto territorial, a sua história e estudados os modelos de casa tradicional transmontana da região, procede-se agora ao estudo do método de materialização das ideias de arquitetura e respetivo pensamento. Assim, estuda-se Iñaki Ábalos que através de casos práticos, clarifica *"que há outras formas de pensar e de viver a casa que implicam técnicas de projeto bastante distintas"* [56], procurando demonstrar exemplos de arquitetos que ousaram pensar de maneira diferente, encontrando um método que vá de encontro à sua visão de habitação e que se reflete no modo como desenham, como projetam, como constroem e como vivem a habitação.

Assim, procura-se também encontrar um caminho que assimile as várias vicissitudes do projeto, contribuindo para a sua clarificação.

Sobre as casa pátio de Mies van der Rohe

A análise que Iñaki Ábalos faz das casas pátio de Mies van der Rohe permite perceber a criação de um "sistema", um método de trabalho onde o arquiteto opera *"com poucas variáveis, ligadas entre si, para obter resultados completos e diversos, tanto construtivos, quanto espaciais ou estruturais."* [57]

Mies trabalha a casa abstratamente, dando origem a desenhos mais pensados segundo as suas ideias do que na família para a qual a habitação se destina [58]. O arquiteto assume no "sistema" de Mies o carácter de protagonista que se expande pela casa, impondo as suas técnicas construtivas que assim definem o ambiente [59].

"As casas organizam-se como um meio contínuo que se movimenta"[60.] Mies estrutura as suas casas partindo de uma base de continuidade, neutra, e sobre ela organiza os espaços, que se identificam de forma previsível [61]

---

56 | ÁBALOS, Inaki - A boa-vida, a visita guiada às casas da modernindade, Trad. de Alícia Duarte Penna; Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 2003, pp.08-pref.
57 | Idem, pp.22
58 | Idem, pp.23
59 | Idem, pp.31
60 | Idem, pp.31
61 | Idem, pp.23

através da disposição do mobiliário ou outros elementos arquitetónicos, como planos de parede.

Na composição das suas casas Mies valoriza a cultura objetual e ornamental dos elementos que tornam a casa habitável, elementos essenciais e que desenha com precisão, não necessitando de muitos pertences na definição íntima do espaço [62]. Desta forma *"algumas obras de arte e poucos móveis convivem, quase sem solução de continuidade, com os elementos mais arquitectónicos"* [63], onde segundo Àbalos *"reina um vazio imponente"* [64] Percebe-se no modo de projetar de Mies van der Rohe uma intenção de desenhar tudo, procurar a beleza e a perfeição e um método de apropriação do projeto como se da própria vida de tratasse.

Ábalos, através da análise das casas pátio, caracteriza o sistema de Mies como uma *"forma de conceber um programa completo do habitar"* [65] baseado num novo sujeito que se relaciona com *"a cidade e com a natureza, sua forma de conhecer o espaço e as técnicas para torná-lo presente, sua temporalidade, sua materialidade, sua cultura objetual compõem um cúmulo de momentos decisivos nos quais também se resolve este sistema."* [66]

"O interesse, para uma teoria do projeto, da reflexão sobre o sujeito - produto da projeção pessoal, mas também das elaborações próprias da filosofia antropológica -, de um questionamento da dicotomia público/privado em relação às práticas sociais desse sujeito, de um enfrentamento dos vínculos do espaço com o tempo, com a memória, com a subjetividade e a técnica - com os saberes positivos, com a cultura material de uma época." [67], são segundo Ábalos, aspetos reveladores da fecundidade do método, onde mais do que a visão pessoal do arquiteto, destacam-se *"as possibilidades (...) de uma reubiquação dos objetivos da casa"* [68].

---

62 | ÁBALOS, Inaki - op. cit., pp.33
63 | Idem, pp.33
64 | Idem, pp.33
65 | Idem, pp.34
66 | Idem, pp.34
67 | Idem, pp.35
68 | Idem, pp.35

Sobre a casa existencialista

Para perceber a definição de casa existencialista é necessário entender o Habitar segundo Heidegger, para quem *"não é um ato simples, nem insubstancial"* [69]. Recorre-se à filosofia para pensar a habitação, onde o "ser" assume um papel central e sobre o qual se pergunta o sentido.

Ábalos refere que para Heidegger tudo o que é familiar gravita em torno do sujeito existencial, sendo a casa a materialização da vida onde o tempo passado, presente e futuro, sem obedecer a uma ordem cronológica, influencia o modo de habitar do sujeito de uma forma subjetiva [70]. Deste modo, importa que o sujeito se conheça e se compreenda a si próprio para dessa forma atingir o *"autêntico habitar, a plenitude do ser"* [71].

Para Heidegger *"o que ou quanto construir não é tão importante quanto saber porque construir"* [72]. sendo a interrogação ao "ser" defendida como importante no conhecimento de si próprio, porque *"somente através dele poderemos transformar um mero alojar-se em um autêntico habitar".* [73]

A casa existencialista entende-se como um espaço de linguagem dominada por alguém que a construiu à sua imagem e como extensão do seu corpo. Definiu-se um caminho e, por esse motivo, *"a casa de Heidegger é a manifestação dos conflitos existenciais com o tempo, aquilo que, simplificando, denominamos nostalgia, o produto de uma idealização da densidade e da solidez do passado frente à banalidade do presente".* [74]

Ao contrario das casas de Mies onde o arquiteto recorre a um sistema compositivo que valoriza a continuidade espacial e um desprendimento de quem a vai habitar, a casa existencialista *"é o lugar do autêntico, é o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva."* [75] Assume-se a presença permanente de um esquema

---

69 | ÁBALOS, Inaki - op. cit., pp.44
70 | Idem, pp.44
71 | Idem, pp.44
72 | Idem, pp.46
73 | Idem, pp.46
74 | Idem, pp.50
75 | Idem, pp.51

hierárquico na casa existencialista, onde a família aparece em primeiro lugar, estruturada e *"ancorada firmemente ao lugar"* [76] numa espécie de refúgio para o exterior mundano e negativo.

Na construção da casa existencialista valoriza-se o fator tempo, o passado e a ligação ao lugar. Desta forma, a casa existencial *"será feita de materiais naturais, provavelmente de pedras, tijolos, ou madeira; a mesma madeira e as mesmas pedras obtidas na ação natural de abrir uma clareira no bosque para a sua construção"* [77]. Valoriza-se mais o ato de construir, o esforço do ser humano na construção do espaço, que é o reflexo do seu espaço interior.

Sobre a casa fenomenológica

"O fenomenólogo pensa que pode conhecer tão-somente a experiência da sua própria vida, e que este é, portanto, o seu único ponto de partida"[78] É com base na capacidade sensorial, na visão, e nas vivências do passado que o agente fenomenológico estrutura o seu pensamento. Neste propósito apresentam-se duas visões diferentes: a de Merleau-Ponty onde *"prima tanto a intensificação da experiência, quanto a suspensão do tempo"* [79], e a de Bachelard que afirma que *"tudo será ativação da lembrança, do sonho"* [80]. Centrando-nos em Bachelard, importa destacar a importância das vivências de criança e a sua simplicidade de relação com o mundo, que segundo a sua opinião, ainda não se encontra *"deteriorada pela imposição de um modelo racional à nossa forma de visão"* [81].

Em oposição ao existencialista, o sujeito fenomenológico valoriza os estímulos, reações, desejos e afetos que passam a dar sentido ao corpo e ao habitar. Não valoriza a transcendência nem o sentido de linhagem e hierarquia estruturante no pensamento de Heidegger, pelo contrário, apresenta-se como *"o menino escondido em cada um de nós, desfrutando do prazer proporcionado por férias prolongadas nessa imaginária casa natal, em que a convivência com muitos facilita a multiplicação e, consequentemente, a dissolução das hierarquias familiares cotidianas."* [82].

76 | ÁBALOS, Inaki - op. cit., pp.51
77 | Idem, pp.55
78 | Idem, pp.93
79 | Idem, pp.93
80 | Idem, pp.93
81 | Idem, pp.95
82 | Idem, pp.95

Sobre a casa fenomenológica refere Ábalos que a "pele" da mesma se procura evidenciar, *"extremamente sofisticada, um filtro emocional, eriçado e sensível"* [83], ao contrário da existencial que se fecha em si própria e isola para o mundo. Assim, a conceção defensiva e encerrada da casa existencial heideggeriana dá aqui lugar a um *"momento de especial esplendor fenomenológico, o da luminosidade mediterrânea do amanhecer ou o momento em que a garoa cessa e toda a natureza volta a se abrir".* [84]

Na casa fenomenológica destaca-se também a memória, recordada através de objetos sentimentais e recordações que o sujeito se faz rodear. [85] Sobre este tema Ábalos destaca que não existe uma hierarquização das coisas e que prima a desordem, dando origem a uma organização labiríntica e muito particular, reflexo pessoal do sujeito e do seu modo de apropriação do espaço. [86] *"Não há um fim definido, uma casa que já conhecêssemos em seus valores arquetípicos, um processo que tivesse os procedimentos prefixados: o projeto fenomenológico é uma divagação da mente e dos sentidos, não conhece, nem deseja aproximar-se de imagem prévia alguma; ao contrário, busca, antes de tudo, evitá-la".* [87]

Para Iñaki Ábalos a casa fenomenológica distingue-se das restantes duas abordadas anteriormente por ser tanto *"produto das decisões de quem a projeta, quanto o objeto da experiência de quem a vive."* [88] Assim, Ábalos defende que todas as casas se apresentam fenomenológicas em si próprias, uma vez que estão sujeitas às relações com os seus utilizadores e provocam relações, experiências e sentimentos individuais em cada um deles.

A casa fenomenológica é, no pensamento do arquiteto e segundo Ábalos, uma *"cozinha"* [89], referindo-se ao facto de ser um instrumento técnico muito aberto a possibilidades de interpretação, criticado por muitos por ser *"sensualista"* [90] e rememorar *"uma nostalgia excessivamente literal".* [91] Porém, Ábalos levanta algumas questões sobre o desafio fenomenológico que impor-

83 | ÁBALOS, Inaki - op. cit., pp.99
84 | Idem, pp.99
85 | Idem, pp.101
86 | Idem, pp.101
87 | Idem, pp.106
88 | Idem, pp.107
89 | Idem, pp.107
90 | Idem, pp.107
91 | Idem, pp.107

ta destacar tendo em conta o objeto de estudo desta dissertação:

"Como recuperar a complexidade da experiência; como recriar os labirintos tipológicos dos grandes casarões rurais em vivendas e apartamentos com cem metros quadrados apenas; como organizar uma pele entreaberta, provedora da intensidade, em fachadas com superfícies e técnicas limitadas e em lugares sem qualidade alguma; como relacionar o palácio em que Picasso desfrutava de longas, prazerosas e produtivas férias, com tantas periferias deprimentes e sem quaisquer atributos. Podemos - e porque não? - simplesmente renunciar a tal tentativa, e assumir que a concepção fenomenológica é demasiado bela para ser real, que talvez seu destino seja mesmo elitista, e que sua intensidade somente possa ser empregada ali onde as circunstâncias o permitem". [92]

O estudo dos três pensamentos e métodos desenvolvidos por Iñaki Ábalos apresentados anteriormente revelam-se cruciais para o desenvolvimento do projeto e respetivo método de trabalho. Assim, importa destacar o pensamento fenomenológico enquanto elemento referencial, uma vez que o início do estudo se dá precisamente com o exercício de memória do lugar, procurando recordar o espaço tal como ele era da última vez que lá entrei em criança.

Os primeiros estudos apresentados do projeto assentam também nestas premissas onde se privilegiou a criação de referências tendo por base a intuição, tanto em termos de controlo volumétrico como desenho das formas. Torna-se denominador comum na primeira abordagem a novos temas procurar uma resposta intuitiva, que só depois será sucessivamente estudada e aprofundada.

Mas o pensamento fenomenológico vai-se esgotando ao longo do projeto e surge a necessidade de suportar as tomadas de decisões intuitivas com referências. Aqui o pensamento existencial ganha alguma força, porque o "ser" pessoa precisa de estudar o "ser" casa e o "ser" lugar para perceber o que pode ser mantido e mudado para melhor corresponder à sua identidade. O tempo e as pessoas que habitaram a casa ganham neste momento força que se reflete na valorização de determinados objetos ou pormenores.

92 | ÁBALOS, Inaki - op. cit., pp.107



Img. 80 | Janela voltada a Sul presente na pré-existência

4.3. Observar com mais atenção

A partir deste momento, o desenvolvimento do projeto de intervenção na casa de férias conhece um novo rumo, mais concreto e assertivo em termos de prioridades. Já há um programa definido para a casa, e há ideias, características arquitetónicas do que se pretende para o local.

Do estudo apresentado anteriormente - síntese - resultaram algumas críticas à ideia de estrutura independente, sendo claro que o cliente prefere outro tipo de soluções. Neste sentido, foi proposto desenvolver uma solução que mantivesse a estrutura do piso em madeira, aspeto que recolheu aprovação e que lança novos desafios. Revela-se necessário um olhar mais atento sobre a pré-existência, uma revisão mais detalhada ao levantamento e uma análise dos elementos estruturais da casa, averiguando as suas qualidades arquitetónicas e as possibilidades que existem para a mesma.

Sobre o programa já são conhecidos os compartimentos que ficarão no piso inferior e no piso superior, tendo sido trabalhadas algumas possibilidades de distribuição do programa.

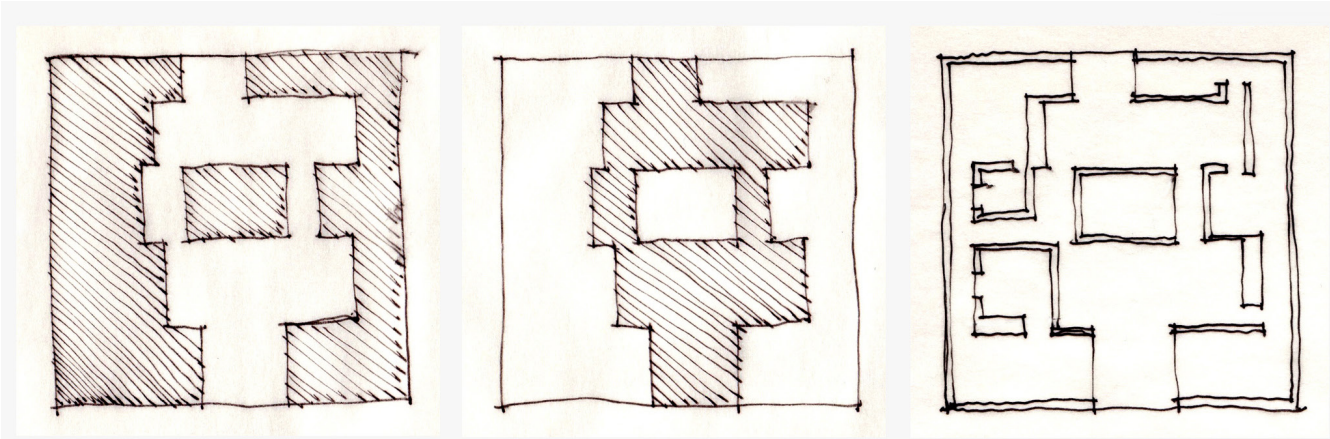
Relativamente ao piso inferior, parece-nos essencial manter a localização da cozinha no mesmo local, com a mesma relação com o exterior, mas desenvolver uma proposta diferente em termos de transições para o espaço de sala e da ligação ao piso superior.

Analisando o restante espaço disponível, que hoje é a adega escura, parece-nos interessante a integração de novo programa, uma vez que é um espaço que goza de mais regularidade geométrica. A questão de iluminação deste espaço resolve-se recorrendo à demolição de parte do palheiro anexo, cuja função deixa de ser necessário e assim dá lugar a um espaço exterior e possibilita a iluminação da zona escura da habitação. Sendo uma área com cerca de 20 m^2, revela-se convidativa para a colocação de um quarto e um quarto de banho. Evita-se intervir numa parede de alvenaria que existe no centro do piso térreo e que suporta a estrutura do chão do 1º piso.

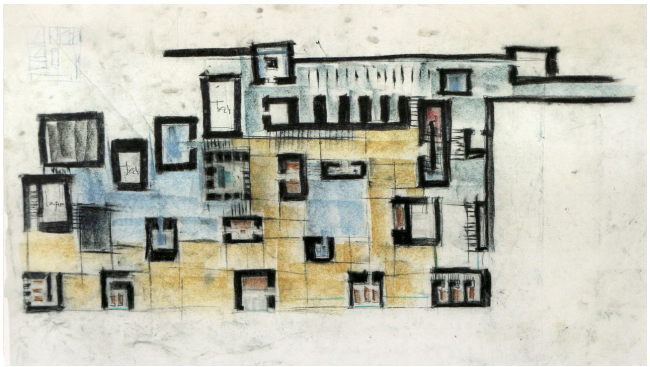
A sala vem ocupar o espaço referente a uma pequena sala de jantar e o átrio irregular da porta do lado norte, eliminando-se a barreira entre os mesmos. A entrada norte passa a ter um carácter secundário, dá acesso direto da rua para a sala e aumenta a sua dimensão e consequente usabilidade.



Img.81 I Quarto na Quinta de Bouços, Arq. Nuno Brandão Costa



Img. 82 I Diagramas de Casa em Melides, Aires Mateus



Img. 83 I Peter Zumthor - desenho



Img. 84 I Alcova na casa do Moledo, Arq. Sérgio Fernandez

Procura-se estabelecer uma maior relação visual entre a sala e o espaço de "entrecasa". Propõe-se a demolição da escada existente e a construção de uma nova um pouco mais à frente, com um maior equilíbrio entre a dimensão do espelho e do cobertor. Desenhando uma escada mais leve e reduzida ao seu essencial construtivo, ganhando-se assim uma maior articulação entre os dois espaços coletivos.

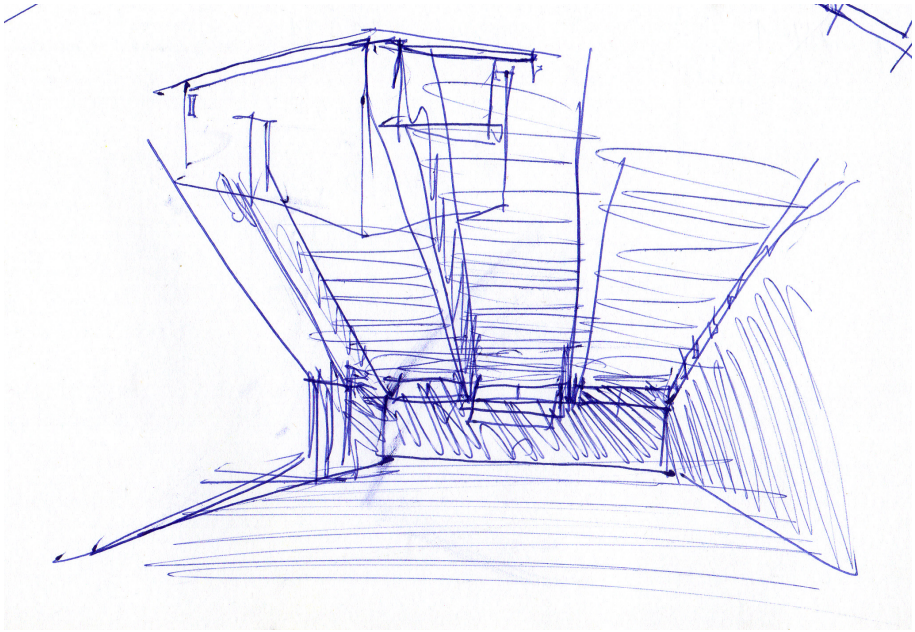
No piso superior procura-se abordar o problema numa lógica de "open space". Não fica ainda definido ao certo o programa para este piso. Contudo sabe-se que será espaço para quartos ou alcovas, gerando a oportunidade de poder experimentar múltiplas formas de organização do mesmo.

Um desejo aquando do estudo deste espaço foi levar ao limite a sua apropriação por parte dos utilizadores em determinado momento. Pretende-se deixar o espaço o mais amplo possível e dotá-lo apenas do essencial para poder funcionar. Assim, surge a ideia de pousar um módulo de quarto de banho no piso, sem uma relação óbvia com os limites da casa mas que possibilite a compartimentação através de módulos de parede amovíveis. A intervenção do arquiteto Nuno Brandão Costa na Quinta de Bouços revela-se uma referência crucial na medida em que pousa um elemento no piso quase como um corpo humano. Mantém-se a leitura contínua do espaço, como se o módulo de quarto de banho reduzido à pertinência da sua função se tornasse invisível, mas essencial para *"pôr a casa a funcionar".* [93]

Seguidamente, percebe-se que um módulo seria insuficiente, e o ideal seria ter pelo menos dois para a compartimentação do piso poder funcionar condignamente. Com a adição de mais do que um bloco começam a levantar-se outras questões de desenho e observação do espaço. Torna-se necessário encostar os blocos aos limites da casa e, consequentemente, os mesmos passam de objetos pousados para elementos divisores do espaço.

O modo de pensar a arquitetura muda neste momento de sentido, já não se trata de um espaço amplo, total e limitado pelas paredes exteriores da casa com "coisas" dentro; agora joga-se com dois blocos "negros" e uma escada, numa lógica de "massa e escavado". Começam a surgir referências aos desenhos dos arquitetos Aires Mateus e Peter Zumthor, e explora-se agora

93 | COSTA, Nuno Brandão in TC Cuadernos - Nuno Brandão Costa, Arquitectura 1998-2009; Ediciones Generales de la Construcción, Valência, 2009, pp.148



Img. 85 | Estudo 4, esquisso - desenhos de processo



Img. 86 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo

as “mass and cavity”.

Já não existe um espaço contínuo, agora avança-se de compartimento em compartimento e procura-se aproximar os mesmos da escala certa para poderem funcionar como alcovas. Ter muito espaço disponível dentro dos quartos não é muito importante neste momento, apenas é necessário que caiba uma cama e uma armário para guardar os pertences pessoais. O desenho sugere as alcovas presentes na casa do Moledo do arquiteto Sérgio Fernandez, reduzidas ao essencial de um ou dois colchões pousados no chão e uma cortina que encerra um espaço integralmente em madeira, quente e acolhedor.

Procura-se encontrar a melhor organização para este piso sempre com o tema da flexibilidade associado, onde os módulos organizam entre si espaços singulares ou duplos, que se podem juntar ou dividir. Esta circunstância permite encontrar no projeto uma intervenção cada vez mais pontual ao invés da posição mais radical implementada nos primeiros estudos.

Passaremos agora a abordar as questões relativas ao sistema construtivo e aos materiais da casa.

As paredes exteriores da casa apresentam-se em alvenaria de pedra granítica, de aparelho irregular e de formas variadas. De momento não se consegue ter real percepção do seu desenho devido ao facto de se encontrarem rebocadas, situação que já remonta pelo menos ao final da década de 60. A génese construtiva apresenta lógica semelhante à das paredes do palheiro anexo e de tantas outras espalhadas pela aldeia. O aparelho de pedra foi construído pelo próprio dono da casa, que tendo como base de subsistência a agricultura, também executava trabalhos de construção. As fundações carecem de análise pormenorizada.

Relativamente ao acabamento exterior da casa, nesta fase existe ainda uma grande indecisão sobre o modo como deve ser revestida. Por um lado a casa está rebocada há várias décadas, praticamente desde a sua construção, o que se revela um ponto a favor de mantê-la no mesmo estado; por outro lado, a curiosidade de saber o que se irá encontrar por baixo da argamassa que a reveste é muita, mesmo sabendo que não é a opção mais consensual em termos de intervenção.



Img. 87 I Interior da Capela Sogn Benedetg
- Peter Zumthor



Img. 88 I Casa dos Sete Livros - Arq. Nuno Lacerda Lopes

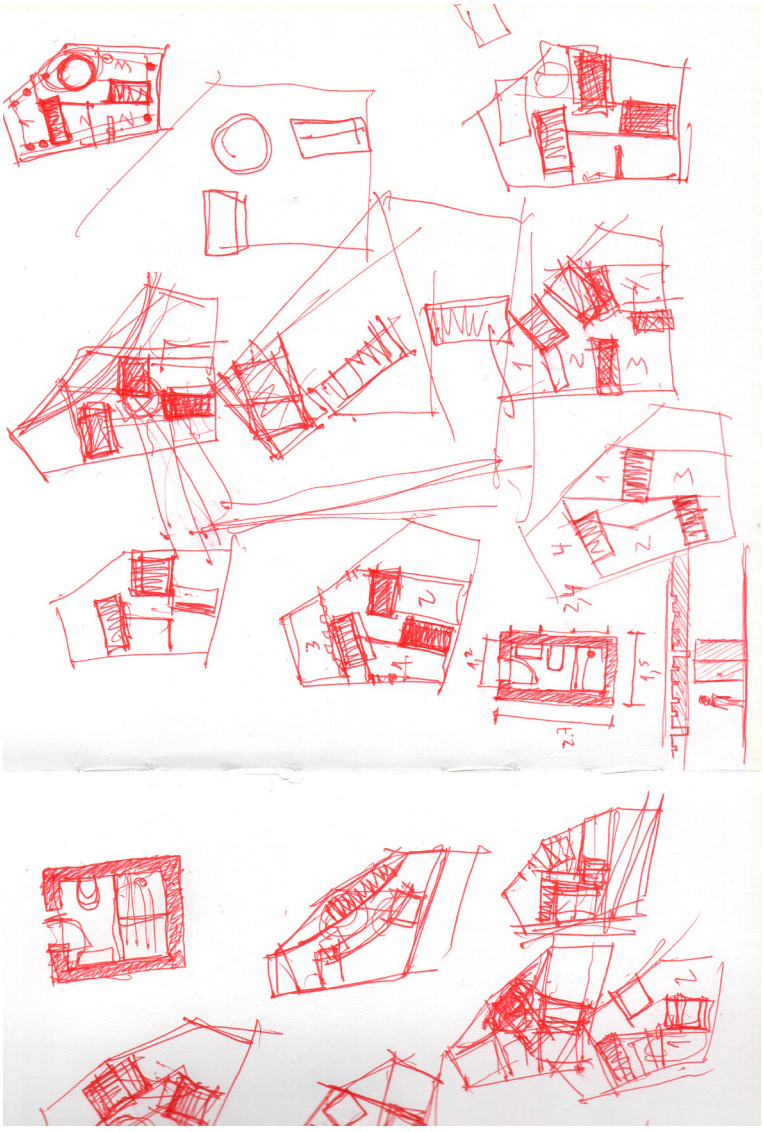
Desenha-se para este projeto uma nova estrutura de piso. A existente é irregular na sua construção e tem algumas diferenças de cota no pavimento e, sobretudo, no teto. Procura-se uniformizar o teto de toda a casa recorrendo à colocação de novas vigas perpendiculares à fachada lateral, que se pretendem que estejam à vista. Sobre este propósito surge a referência à Casa da Eira do Moledo, da autoria do arquiteto Álvaro Siza, onde as paredes de alvenaria à vista do exterior contrastam com um interior cuidado e totalmente revestido a madeira, explorando a sua materialidade e desenho construtivo.

O edifício em estudo encontra-se atualmente coberto por um telhado de telha marselha e estrutura de suporte em madeira de Zimbro proveniente do local de construção. Trata-se de uma estrutura construída pelo antigo dono da casa, e que tinha um gosto especial por executar peças de carpintaria e outros trabalhos com madeiras. Encontra-se atualmente em mau estado de conservação, estando já a ruir e com infiltrações em algumas zonas. Por este motivo foi pensada uma estrutura completamente nova em madeira, ideia que transitou da fase anterior do projeto.

Paralelamente é necessário colocar mais luz natural dentro de casa e, para isso, recorre-se à integração de janelas acima das paredes existentes. Surgem duas referências a propósito desta solução; a primeira trata-se da Capela Sogn Benedetg do arquiteto Peter Zumthor, onde uma linha contínua de janelas acima da linha de visão atribui ao espaço uma atmosfera especial; a segunda referência trata-se da Casa dos 7 livros em Carrazeda de Ansiães, da autoria do arquiteto Nuno Lacerda Lopes, onde se resolve a cobertura do edifício através da construção de um volume em madeira subtil que tem também a função de aumentar o pé direito da casa.

A varanda será para manter. Na primeira fotografia que se dispõe da casa e que data da década de 50 ou início de 60, já existe uma varanda concebida em betão e apoiada numa parede em pedra. Não se consegue saber se a mesma pertence à primeira fase de construção da casa uma vez que o seu sistema construtivo se revela contraditório. No entanto, parece-nos ser fundamental a sua existência no desenho e função da casa.

Relativamente às paredes exteriores procura-se em primeiro lugar resolver a questão térmica. Apesar da boa inércia térmica devido aos 60 cm de espessura que apresentam, parece-nos essencial revestir as mesmas com

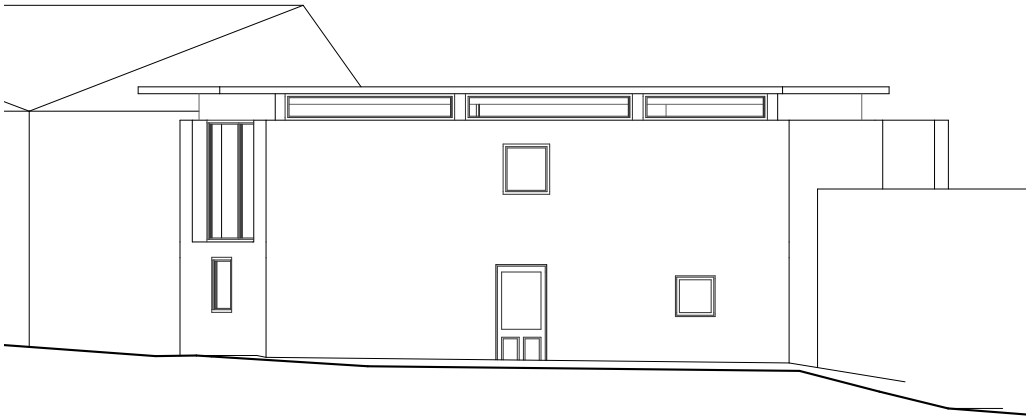


Img. 89 | Estudo 4, esquissos - desenhos de processo

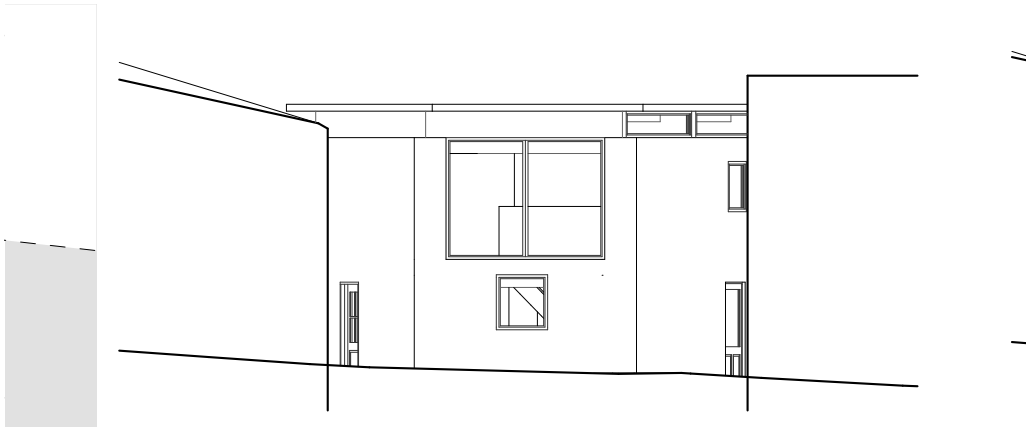
isolamento térmico pelo interior. Não há nesta fase certezas de como será a construção das forras - madeira ou pladur -, e o acabamento interior nesta fase do projeto ainda é uma indefinição. Por um lado há uma vontade da fazer como Álvaro Siza ou Sérgio Fernandez em Moledo e revestir o interior totalmente a madeira, por outro há o fator orçamental e a racionalidade de revestir a gesso cartonado, mantendo a ligação identitária com a pré-existência.

Ao nível dos vãos, procura-se manter todos os existentes e adicionar alguns novos. As portas exteriores devem manter a sua função, no entanto o alumínio e ferro devem dar lugar a portas de madeira. As caixilharias devem ser todas concebidas em madeira. Os novos vãos para o exterior devem ser de grande dimensão e devem corresponder a medidas de segurança e reforço estrutural.

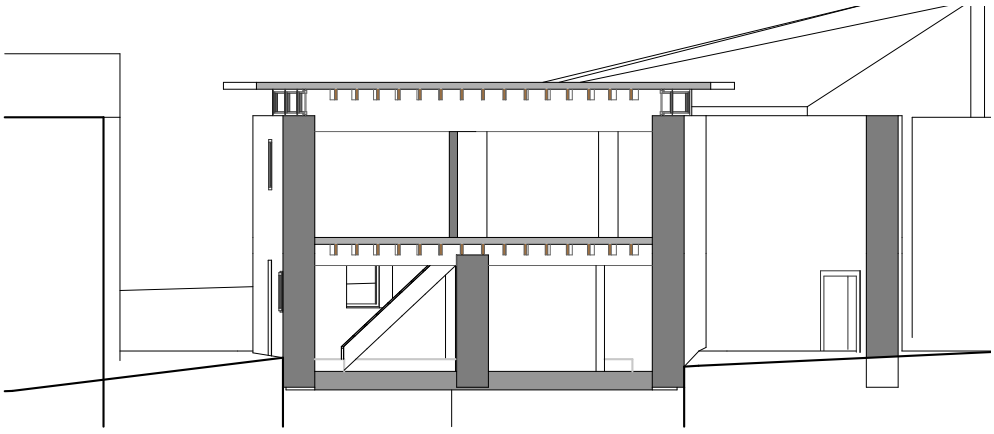
Chegados a esta fase, o projeto encontra-se num estado de desenvolvimento já próximo do final. A partir deste momento o foco será cada fez maior na pré-existência, aparecendo uma crescente vontade de preservar o que já existe.



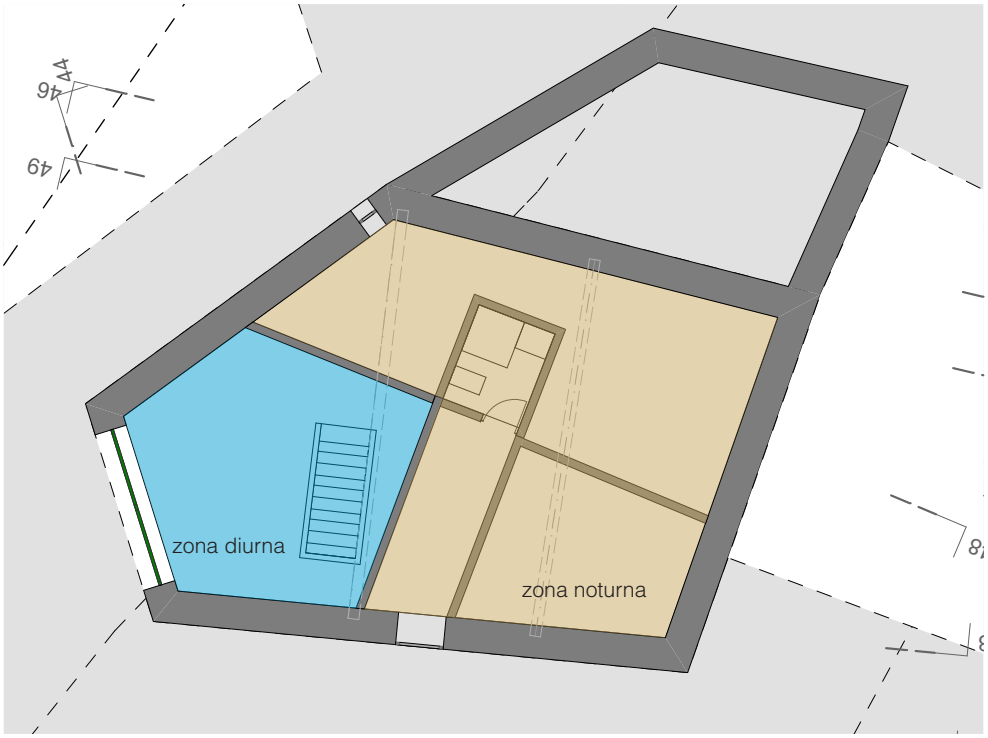
Img. 90 | Estudo 4, alçado sul - desenhos de processo



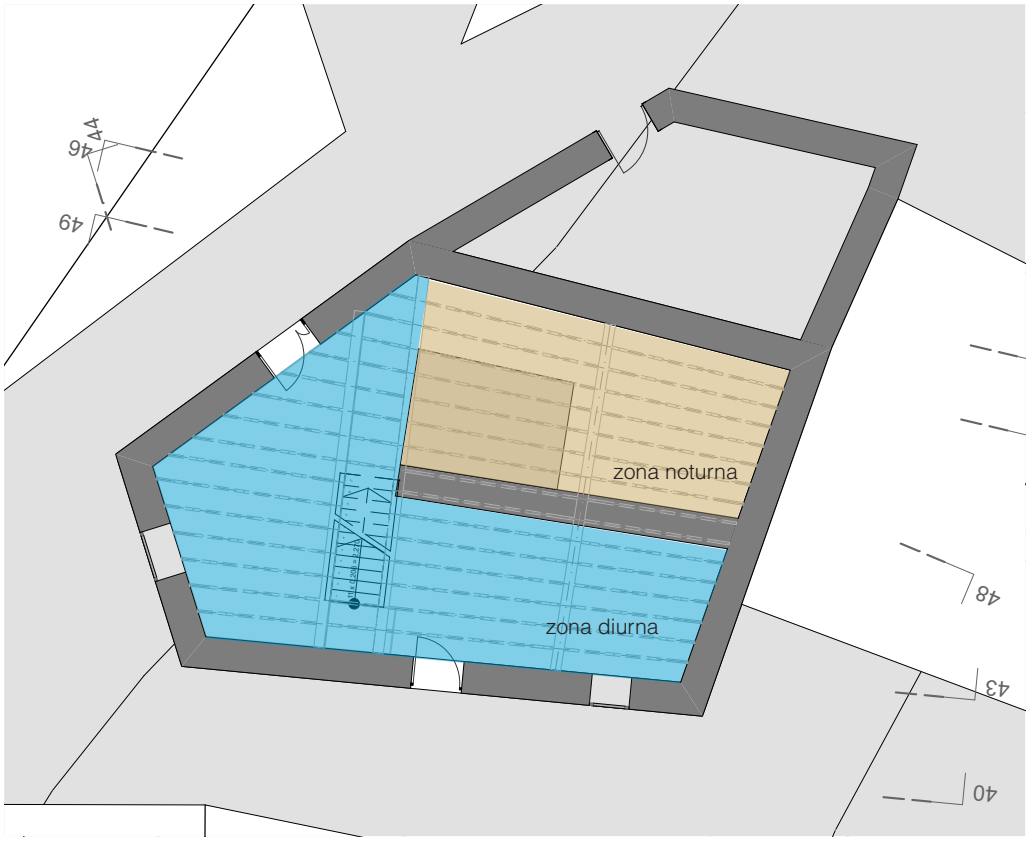
Img. 91 | Estudo 4, corte 1 - desenhos de processo



Img. 92 | Estudo 4, corte 2- desenhos de processo



Img. 93 | Estudo 4, planta piso 1 - desenhos de processo



Img. 94 | Estudo 4, planta piso r/c - desenhos de processo



Img. 95 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo



Img. 96 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo

5. MOMENTO 5

- Proposta de Intervenção

Da volumetria e dos materiais

Habitar o interior



Img. 97 | A casa na década de 50

- Proposta de Intervenção

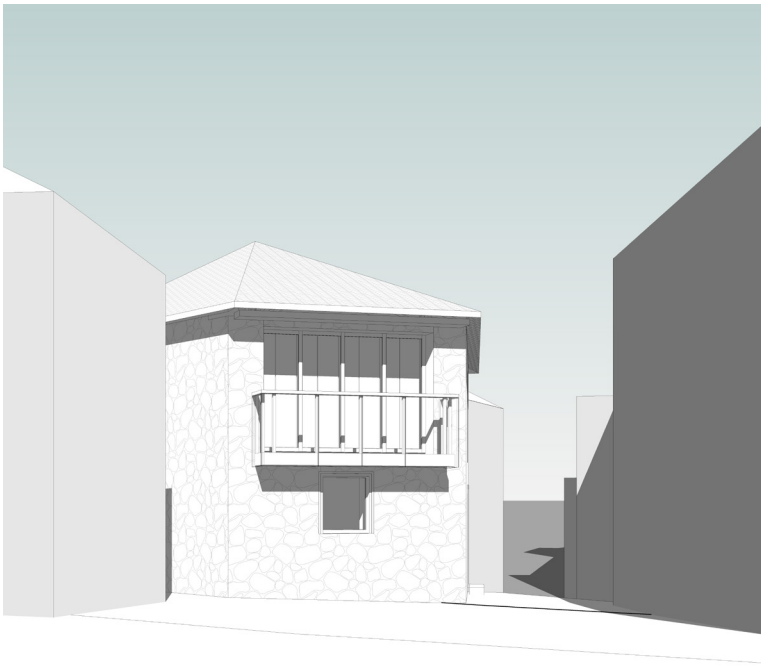
Da volumetria e dos materiais

Neste último momento do projeto , os temas abordados encontram raízes sólidas nas fases anteriores e, por esse motivo, incide-se agora sobre questões que tinham ficado pendentes. Por conseguinte, foi feito um novo contacto com o cliente onde se apresentou o projeto, tendo resultado da discussão algumas das respostas aos problemas em aberto. Aproxima-se agora a intervenção do ambiente pretendido para a habitação, surge a necessidade de visitar determinados espaços ou pensar em obras de referência de modo a encontrar soluções para determinados problemas.

Neste exercício valoriza-se a casa existencialista e as suas referências à hierarquia familiar e aos antepassados que a habitaram. Valoriza-se a participação ativa dos futuros utilizadores na construção do habitar, no espaço, no tempo e na memória.

Destaca-se a importância da tectónica e dos materiais no desenho do espaço e na criação do ambiente que se habita, sendo na verdade através deles que se faz arquitetura. Neste sentido, aborda-se a estrutura da casa e respetivo sistema construtivo do mesmo modo que foi pensada aquando da sua edificação. Para o cliente, habitar uma casa de pedra será uma experiência nova. Ao mesmo tempo, para o arquiteto, pensar numa construção com estrutura em pedra já existente obriga a uma atenção especial e trabalho no local. A incerteza do que está por baixo da "pele" do edifício é um desafio que se pretende abraçar. Tenta-se fazer uma visão raio-x ao edifício procurando referências: no caso, recorre-se ao baú de família onde se descobre apenas uma fotografia que denota a conformação do aparelho de pedra existente. Um começo. Deambula-se pelo lugar e pela aldeia, olha-se as paredes em volta e, de modo particular, aquelas que foram construídas pelo mesmo pedreiro.

Sobre a estrutura da casa, sistema construtivo e respetivo revestimento procura-se dar resposta às inquietudes do momento anterior, ambicionando manter e explorar a estrutura portante em alvenaria de pedra. Assim, propõe-se retirar a argamassa que serve de reboco às paredes pintadas, de modo a visualizar o que se encontra por baixo e, mediante isso, tomar uma decisão definitiva para o revestimento das paredes, assumindo, como ponto de partida, a valorização da textura das pedras.



Img. 98 I Proposta de intervenção no exterior da habitação

Procura-se também manter a estrutura dos pisos e da cobertura. De forma por vezes bastante tosca e irregular, entende-se que as principais vigas estruturais de grande espessura são traço identitário da casa e do lugar. Avalia-se o "estado de saúde" destes elementos estruturais e a necessidade de proceder à prevenção e tratamento de patologias, de modo a continuarem a ter a função para que foram destinados. Deste modo, prevê-se que sejam mantidas as cotas de piso existentes, com um pé-direito baixo, é certo, mas que se justifica uma vez que se encontra vinculado aos vãos existentes em ambos os pisos.

Mediante o levantamento da estrutura secundária do soalho, prevê-se que a mesma seja aproveitada como suporte, procedendo às ligeiras correções de cota nas zonas onde se encontra sobrelevado, como é o caso do compartimento da lareira e quarto de banho da pré-existência.

Paralelamente, o tema dos pavimentos foi discutido com o cliente, uma vez que a pré-existência apresenta alguma irregularidade neste aspeto. No piso inferior pretende-se manter um pavimento mais resistente nas zonas de maior circulação e desgaste. Assim, nos espaços de cozinha, lareira e circulação será colocada betonilha afagada de modo a construir uma base uniforme, resistente e neutra em termos de cor e temperatura. Genericamente, pretende-se regularizar os espaços que se encontram acabados com pedra à vista - zona da lareira - e com cerâmico já bastante degradado e que não se valoriza - zona de cozinha/"entrecasa", hall e sala do piso inferior. De modo a providenciar maior conforto de utilização, nas zonas de quartos e sala pretende-se aplicar soalho. Levanta-se, por conseguinte, o tema do que fazer ao soalho existente, uma vez que se pretende manter a estrutura de suporte do mesmo. Após discussão com o cliente, conclui-se que a solução a seguir será substituir o soalho existente por um novo, integrando isolamento acústico entre os dois pisos da casa. Relativamente às zonas de quarto de banho, prevê-se que sejam integralmente revestidas em cerâmico.

Ao mesmo tempo, a cobertura foi sempre uma temática em aberto e sobre o qual se orientou a abordagem arquitetónica. Explorou-se, nas fases anteriores, a construção de uma nova cobertura, plana, numa tentativa de melhorar o conforto dos espaços do piso superior através da integração de novos vão de iluminação. A volumetria exterior conferida por tal abordagem também nos pareceu um tema fundamental ao longo de todo o processo.



Img. 99 | conjugação de materiais, Upper Lawn - Alison and Peter Smithson

Porém, nesta fase de desenvolvimento do projeto entram outras premissas. Da análise aos modelos do território conclui-se que a existência de telhado representa um tema dominante. Além disso, a estrutura do mesmo apresenta-se crucial no modo de organização e distribuição da casa, devido às particularidades da sua construção. Nesta casa encontrou-se uma asna de sustentação do telhado bastante peculiar e que despertou interesse. Um elemento que em momentos anteriores seria para retirar passa agora a ser tema de projeto e a influenciar o desenho e a organização do piso superior.

Simultaneamente, a exploração das diversas possibilidades de revestimento exterior para as paredes e o facto de se considerar deixar o aparelho de pedra visível, é uma abordagem que traz o tema da ruina para o projeto da habitação. Mais do que o estado do edifício, pretende-se que seja um meio para resolver algumas questões espaciais da habitação. Assim, da necessidade de abertura de novos vãos para introduzir luz na zona da adega – que dá agora lugar a novo programa – procura-se demolir parte do compartimento outrora usado como palheiro de modo a dotar o interior da casa de um espaço exterior mais recatado.

Propõe-se a criação de grandes vãos de iluminação, desconstrói-se a parede e levanta-se o problema de como rematar a "ruina". Identificam-se, nesta abordagem, algumas obras de referência que serão utilizados como suporte à intervenção arquitetónica. Mais uma vez se recorre à intervenção de Alison e Peter Smithson na sua casa de férias Upper Lawn, onde se identifica a construção de um novo volume sobre uma parede de pedra já existente. Importa aqui destacar a relação entre os diversos materiais que, tão diferentes em termos tectónicos, cor, brilho, densidade e espessura, apresentam-se desenhados em consonância e adaptados à sua função.

Sobre a cor e a textura do edifício recorre-se à "Yellow House" de Valerio Olgiati como referência onde a austeridade do volume de pedra, rematado nas suas zonas mais sensíveis por betão armado e pintado uniformemente de branco, traduz-se numa força e perenidade do edifício que importa referenciar. Na verdade, a pintura uniforme vem simplificar o edifício sem negar a materialidade da sua estrutura, projetando-o para uma nova realidade, o futuro.

A reconversão do Convento das Bernardas de Eduardo Souto de Moura em Tavira surge, neste momento, também como referência. A intervenção,



Img. 100 | Yellow House - Valerio Olgiati



Img. 101 | Reconversão do convento das Bernardas - Eduardo Souto de Moura

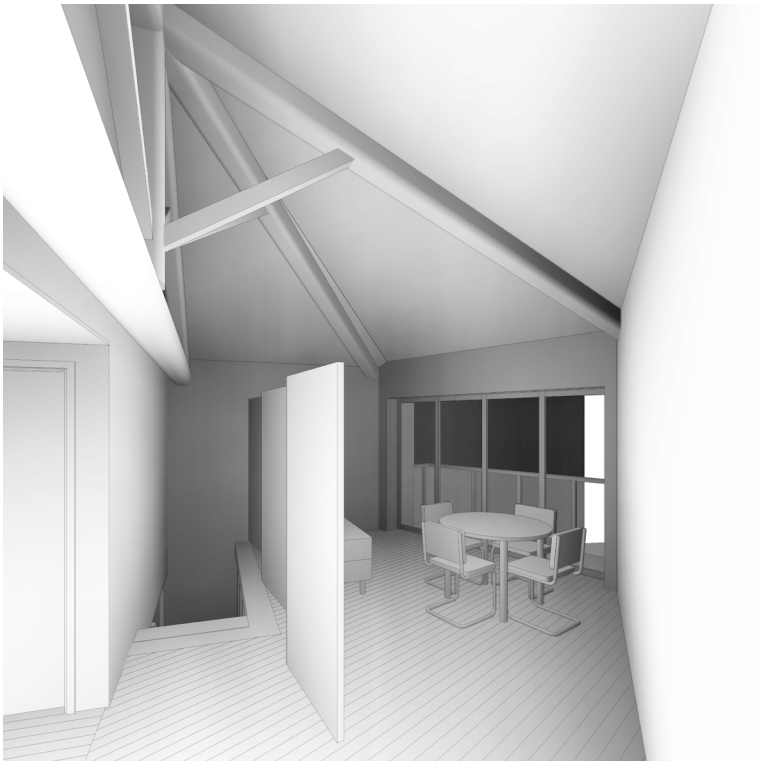
à primeira vista, apresenta-se semelhante à protagonizada por Valerio Olgiati referenciada anteriormente. No entanto, destaca-se aqui a irregularidade do desenho das fachadas onde, por questões programáticas, se compõe um desenho expressivo nas formas e nas dimensões das aberturas. A propósito desta intervenção importa referir a importância da cor na relação com a envolvente e no equilíbrio do desenho do edifício.

Com base nas ideias do projeto, nas vontades do cliente e nas referências destacadas pretende-se pintar as paredes da casa numa cor uniforme, destacando a sua textura. Para esta decisão contribui o meio onde a casa se insere, de onde se reconhece uma envolvente construída cujos edifícios recorrem a novos métodos construtivos e acabamentos em pintura.

Relativamente ao vãos pretende-se regularizar as zonas de ombreira e padieira recorrendo a betão armado que será tratado de maneira uniforme. Esta abordagem parece-nos pertinente uma vez que se apresenta flexível ao ponto de se adaptar à diversidade de tamanhos dos vãos que se encontram na casa, já existentes ou criados nesta intervenção.

Sugere-se a substituição das portas existentes atualmente (em alumínio e ferro) por novas portas em madeira e de desenho neutro. Pretende-se também que as janelas sejam executadas em madeira, podendo aproveitar as já existentes.

Uma vez que se reaproveita a estrutura do telhado existente, pretende-se substituir o ripado e as telhas já degradadas por novas telhas canudo. Por fim, sugere-se a plantação duma árvore no pequeno logradouro associado à casa.



Img. 102 | Proposta de intervenção no interior da habitação

Habitar o interior

Sobre a temática do programa da habitação, entende-se que o mesmo é de elevada importância para a vivência do edifício e, mais importante ainda, para integração e apropriação do espaço por parte do utilizador. Assim, revela-se fundamental projetar o espaço sobre três pontos de vista, suportados pelo estudo de Iñaki Ábalos, abordado no momento anterior do desenvolvimento do projeto.

Em primeira circunstância importa abordar o espaço sobre o ponto de vista da interpretação do arquiteto, representado na sua plenitude no Momento 2 de desenvolvimento deste projeto. Segue-se o estudo do edifício, o sentido da sua organização original e a pertinência da sua articulação. Por fim, importa perceber o sentido de habitação e vivência do utilizador, a forma como habita o espaço ou como está disposto a habitar. Por conseguinte, este momento do projeto representa uma congregação destas três vicissitudes e, mais do que procurar um edifício bonito, importa projetar uma habitação que faça sentido do ponto de vista da sua vivência.

A organização interior do edifício mantém-se praticamente inalterada desde o último momento do projeto e, nesse sentido, importa agora incidir sobre os temas ainda em aberto e que visam sobretudo a definição do ambiente da casa.

Tratando-se de uma casa de fim de semana, destinada a receber pessoas ocasionalmente, importa que seja uma habitação confortável e acolhedora, bem como suficientemente flexível para poder funcionar apenas no piso inferior, caso necessário.

Em termos de estrutura funcional pretende-se manter as duas entradas já existentes. Do lado Sul apresenta-se uma entrada direta para as zonas comuns da “entrecasa” e cozinha. Do lado Norte reconfigura-se o espaço de átrio dando-lhe uma maior integração com a pequena sala de estar, destinando-se esta entrada à receção de convidados.

Interligado ao espaço de entrada a Sul localiza-se a escada de acesso ao piso superior, que se pretende manter. Reconhece-se que o acesso ao piso



Img. 103 | escada interior de Moinho em Caminha, intervenção de José Gigante

superior do edifício é um tema importante no modo de habitar enquanto elemento que articula as duas partes da casa. No fundo, a escada funciona como elemento unificador ou segregador do interior, dependendo do modo como é desenhado. Identifica-se a pendente acentuada da escada, ao mesmo tempo que a mesma se encontra perfeitamente encaixada entre a parede exterior e o acesso ao átrio, pelo que nos parece lógico manter a sua implantação. À semelhança da reconversão de um Moinho em Caminha pelo arquiteto José Gigante, propõe-se redesenhar a escada integralmente em madeira tornando-a mais ligeira na sua forma, ao mesmo tempo que liberta espaço para o acesso ao pequeno átrio e sala.

Considera-se pertinente manter a divisão original do espaço de cozinha como traço identitário da tipologia da habitação, aspeto que se pretende manter na intervenção, ao mesmo tempo que se procura adequar a dimensão do espaço de cozinha ao programa da casa. Ter uma cozinha dividida em duas zonas obriga a pensar no modo de organização dos seus equipamentos e funções. Neste espaço identificam-se dois pontos opostos: de um lado, a escada de acesso ao piso superior associada a uma porta de entrada da casa e, do outro, uma lareira comummente relacionada com a confeção de alimentos e cura do fumeiro. Através destas premissas pensa-se em dividir a cozinha em zona “limpa” e zona “suja”, respetivamente ocupadas por zona da mesa de refeições e espaço de confeção e lavagem. Como forma de a tornar num espaço unificado sempre que pretendido, propõe-se a divisão através de painéis de correr que possibilitem ajustar o tamanho do espaço, permitindo expandir a área de cozinha ou confina-la sempre que necessário.

A sala na habitação é um espaço de pequenas dimensões destinado à colocação de sofás e televisão. Com base na estrutura da pré-existência identificava-se já a pertinência da sua dimensão, uma vez que se vivia muito mais a cozinha e a lareira durante os serões de Inverno. Procura-se nesta intervenção articulá-la mais com o espaço de entrada, demarcando-se deste através da transição do pavimento, onde se pretende aplicar soalho.

No espaço da adega desenha-se um quarto que se abre para as traseiras da casa, onde a demolição do palheiro permite criar um logradouro e, através dele, dotar o quarto de luz natural. Num ponto intermédio entre a entrada e o quarto instala-se um quarto de banho que funciona para todas as zonas do piso térreo.



Img. 104 | Intervenção num palheiro em Cortegaça, arquiteto João Mendes Ribeiro

No piso superior da habitação organizam-se os restantes quartos da casa. Ao longo do desenvolvimento do projeto este espaço foi sempre um tema sensível e motivo de experimentação de várias soluções de compartimentação. Deambulou-se desde o "open space" com referência na casa Upper Lawn de Alison e Peter Smithson até às pequenas alcovas da Vill'Alcina do arquiteto Sérgio Fernandez. Por fim, percebeu-se que a ideia de habitar pretendida pelo dono de obra consiste na definição de quarto individual, com cerca de 12m2 e dotado de conforto. Assim, avança-se para a integração de 2 quartos individuais, um deles em suite e o outro com um quarto de banho partilhado.

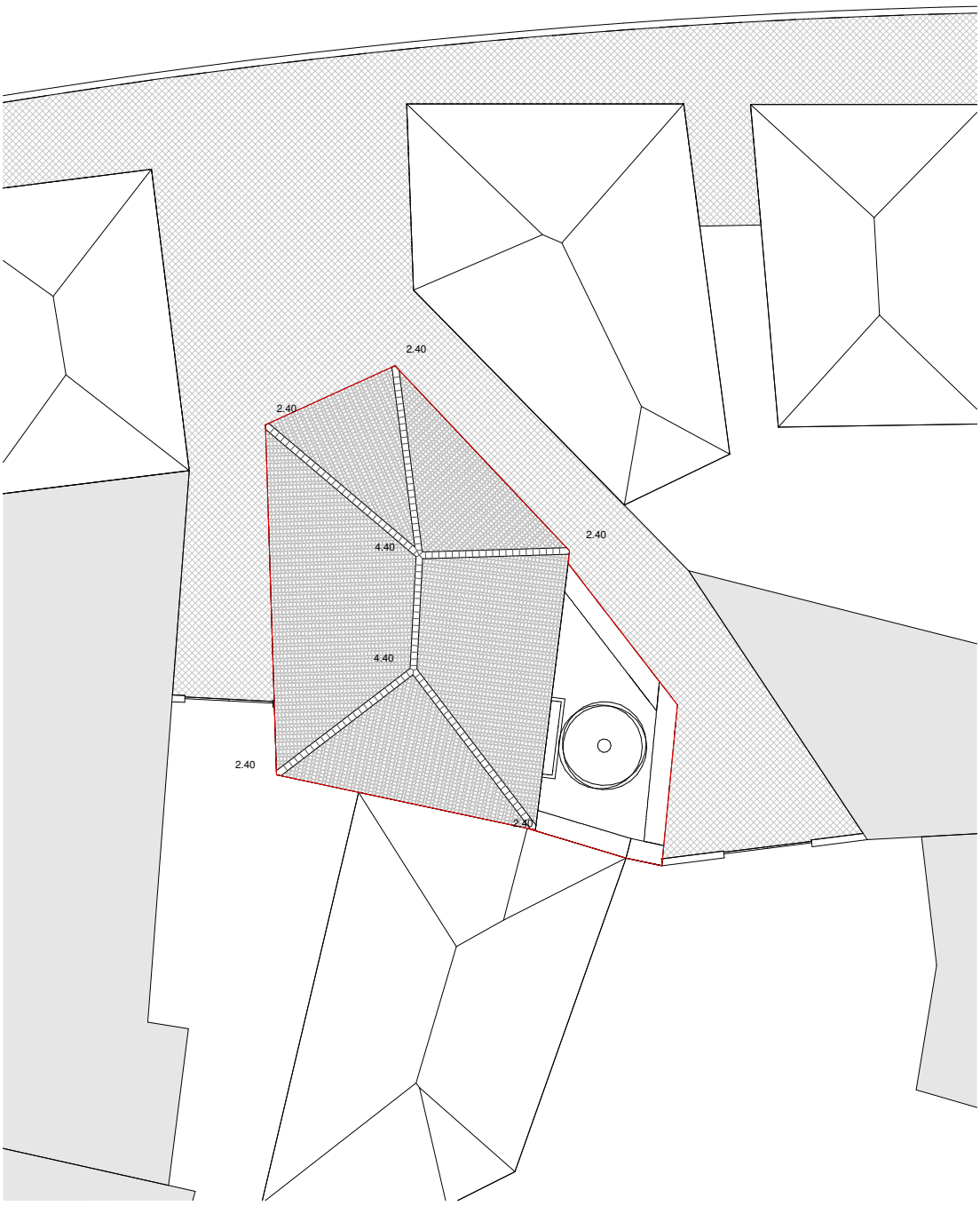
Paralelamente, procura-se, nesta intervenção, valorizar o desenho da estrutura da cobertura mostrando-a no interior da habitação. Assim, a propósito do espaço que inclui a escada, no piso superior, ocorre como referência a intervenção num palheiro em Cortegaça de João Mendes Ribeiro, onde o arquiteto explora o pé direito máximo do edifício realçando a particularidade do desenho das asnas de suporte do telhado.

Aqui, trata-se de um espaço de cruzamento entre o piso inferior, a zona de quartos no superior e a relação com o exterior através da varanda onde se pretende um habitar híbrido, ora sendo espaço de quarto, ora sendo espaço de leitura ou convívio. Propõe-se algum recatamento para este espaço através da introdução de um biombo amovível, não existindo um total encerramento do espaço, nem portas de entrada. A contenção de custos obriga a encontrar soluções mais económicas para a intervenção. Deste modo, nas restantes paredes divisórias deste piso, recorre-se a paredes em estrutura ligeira revestidas a gesso cartonado pintado, obtendo uma simplificação do espaço interior através da cor.

Índice de desenhos

projeto de arquitetura

AQ.01	Implantação	1:200
AQ.02	Planta Piso 0	1:50
AQ.03	Planta Piso 1	1:50
AQ.04	Planta Cobertura	1:50
AQ.05	Alçado Poente	1:50
AQ.06	Alçado Sul	1:50
AQ.07	Alçado Norte	1:50
AQ.08	Alçado Nascente	1:50
AQ.09	Corte 1	1:50
AQ.10	Corte 2	1:50
AQ.11	Corte 3	1:50
AQ.12	Corte 4	1:50
AQ.13	Axonometria 1	
AQ.14	Axonometria 2	
AQ.15	Axonometria 3	



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

AQ.01

Implantação

DATA:
Setembro 2018

MORADA:
Urrós, Mogadouro

ESCALA:
1 : 200

C1

C2

C3

Logradouro
18.38 m²

Quarto 1
12.81 m²

WC 1
5.46 m²

Sala
11.45 m²

Cozinha
19.13 m²

0.23

0.00

0.00

-0.20

C4

C4

C1

C2

C3

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

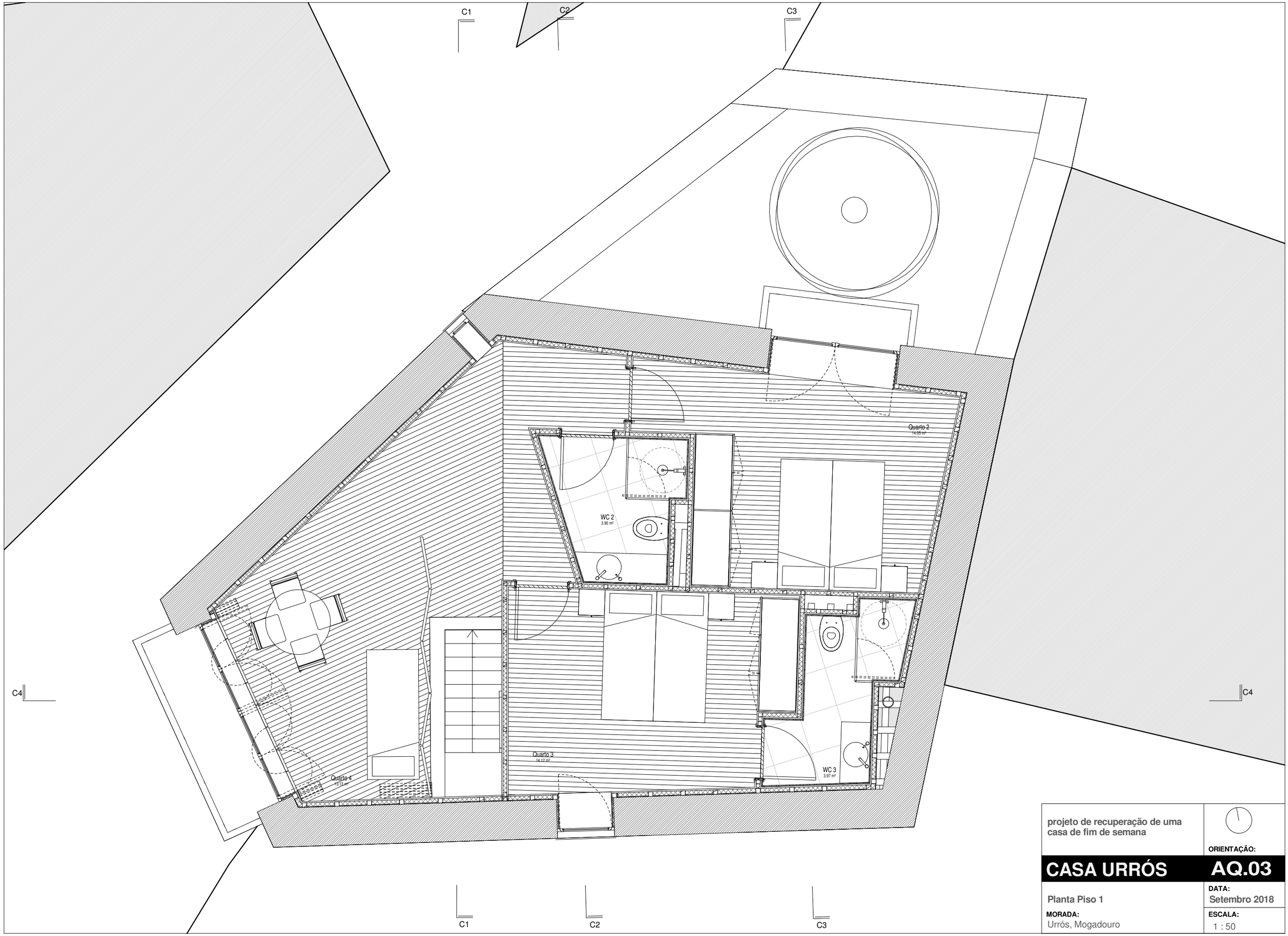
AQ.02

Planta Piso 0

DATA:
Setembro 2018

MORADA:
Urrós, Mogadouro

ESCALA:
1 : 50



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

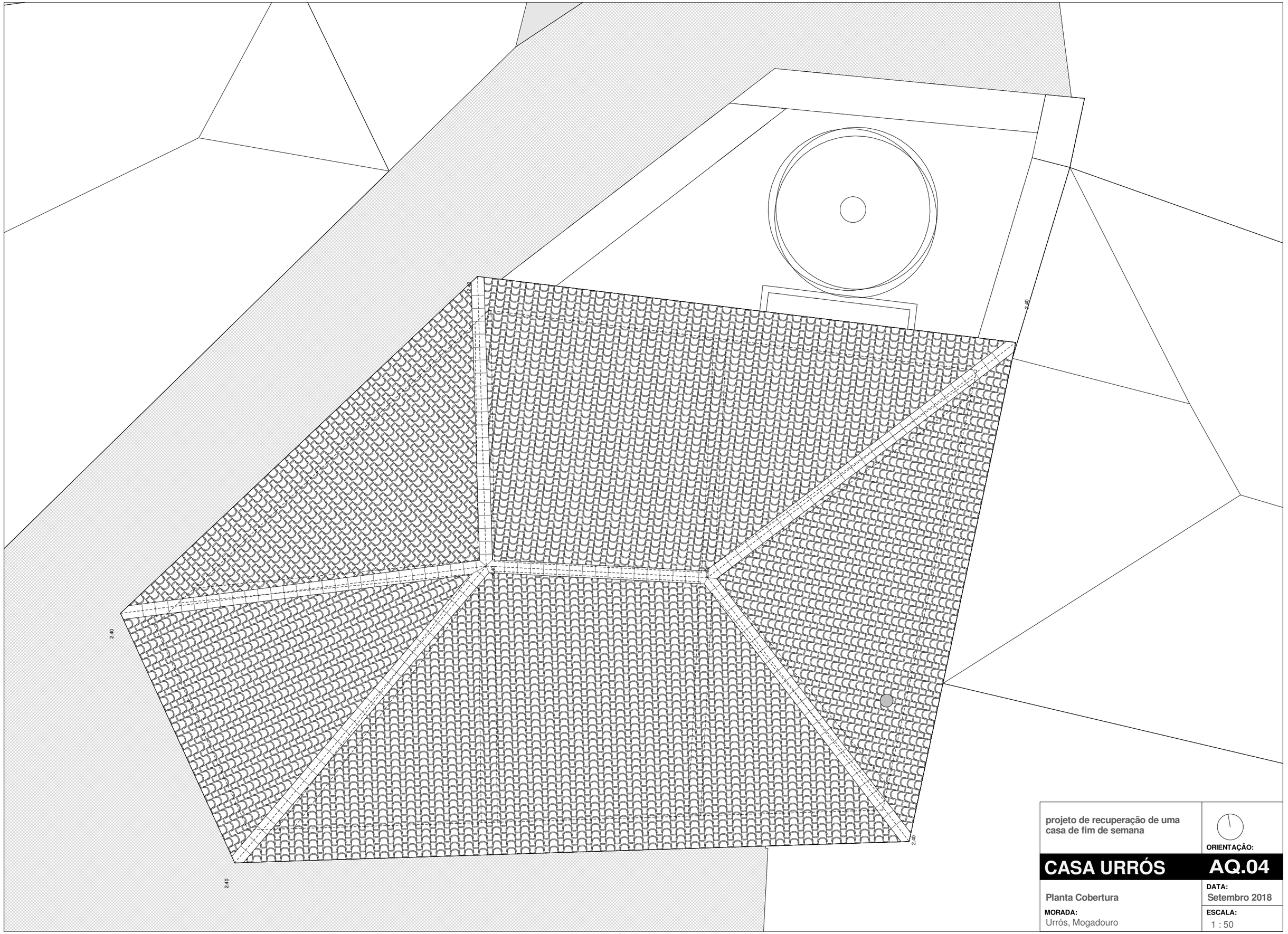
AQ.03

Planta Piso 1

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

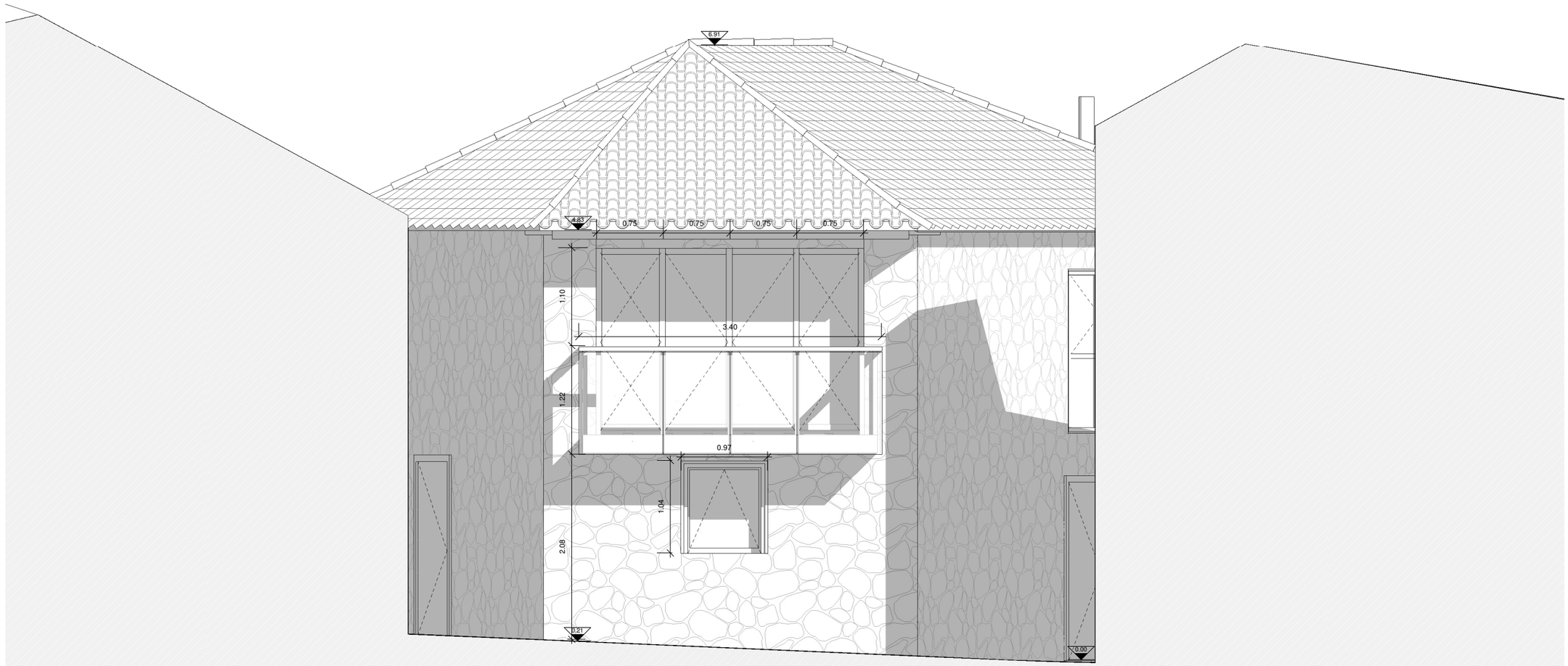
AQ.04

Planta Cobertura

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



ALÇADO POENTE

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

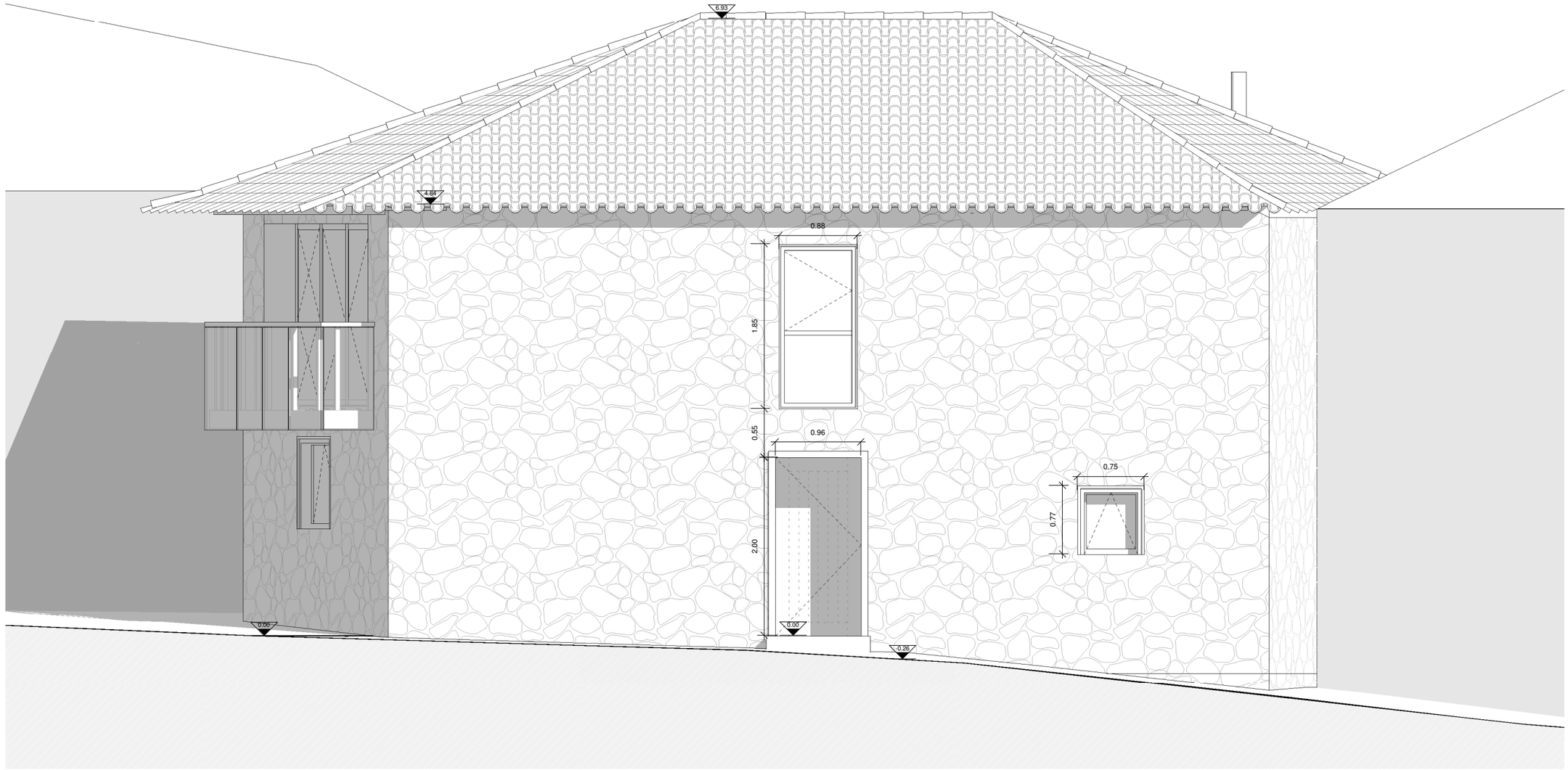
AQ.05

Alçado Poente

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



ALÇADO SUL

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

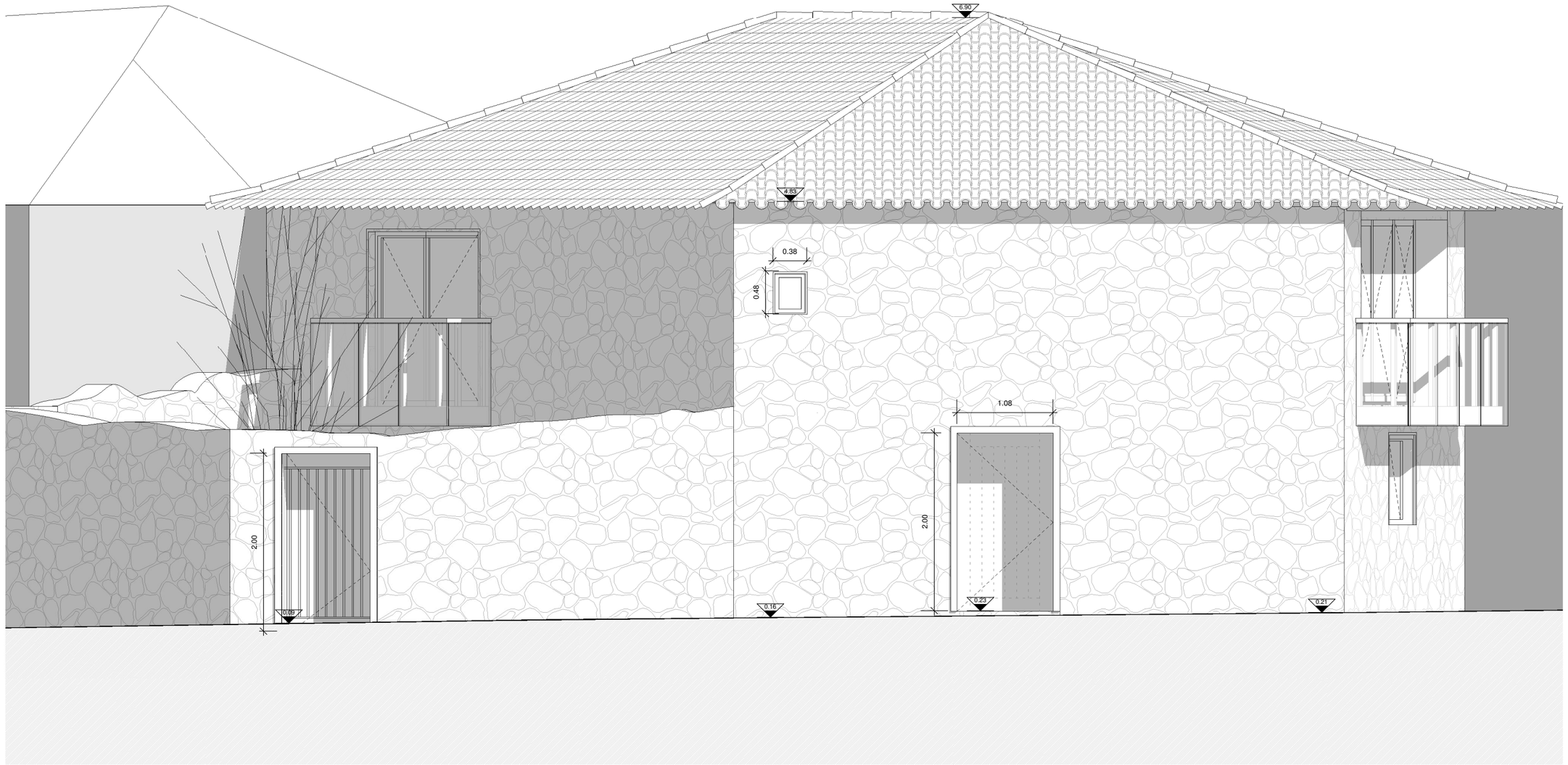
AQ.06

Alçado Sul

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



ALÇADO NORTE

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

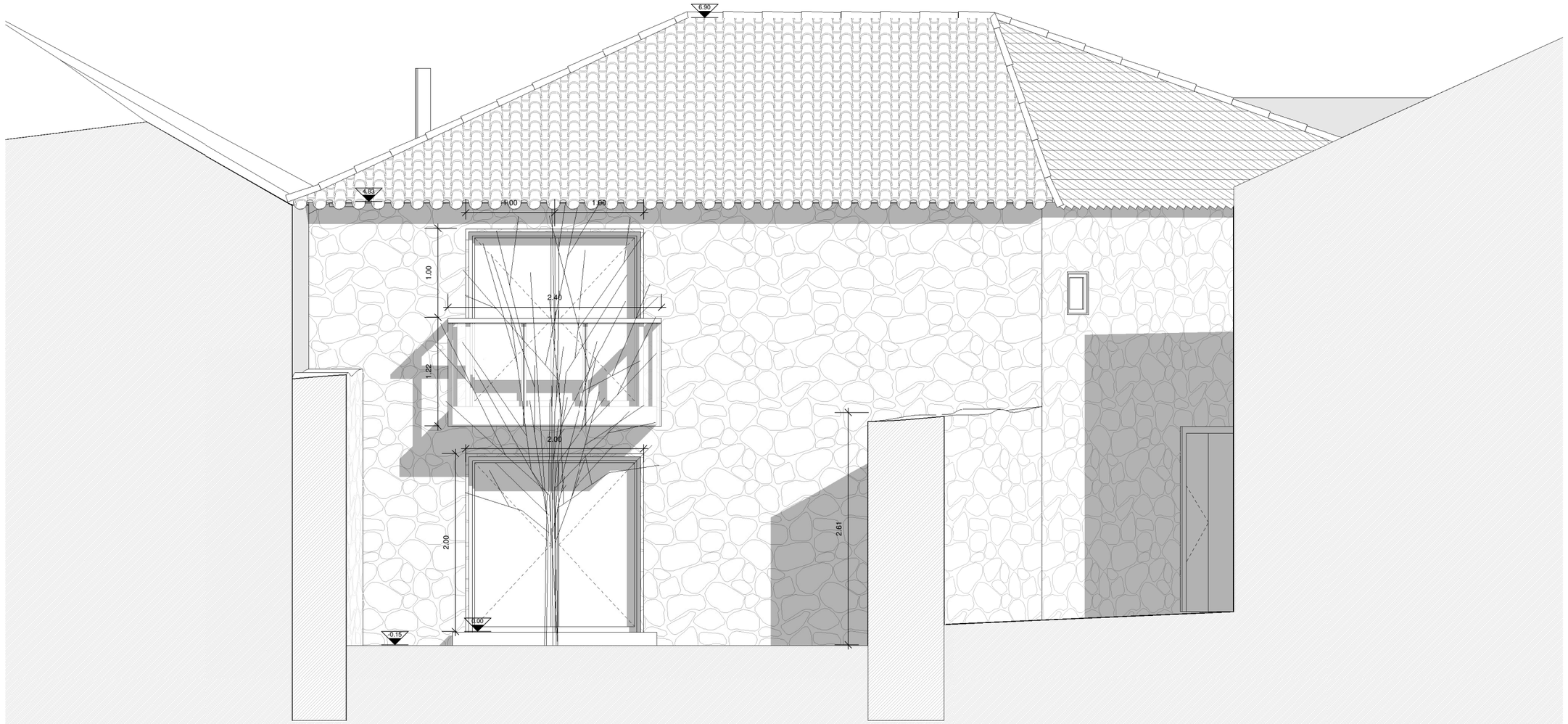
AQ.07

Alçado Norte

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



ALÇADO NASCENTE

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

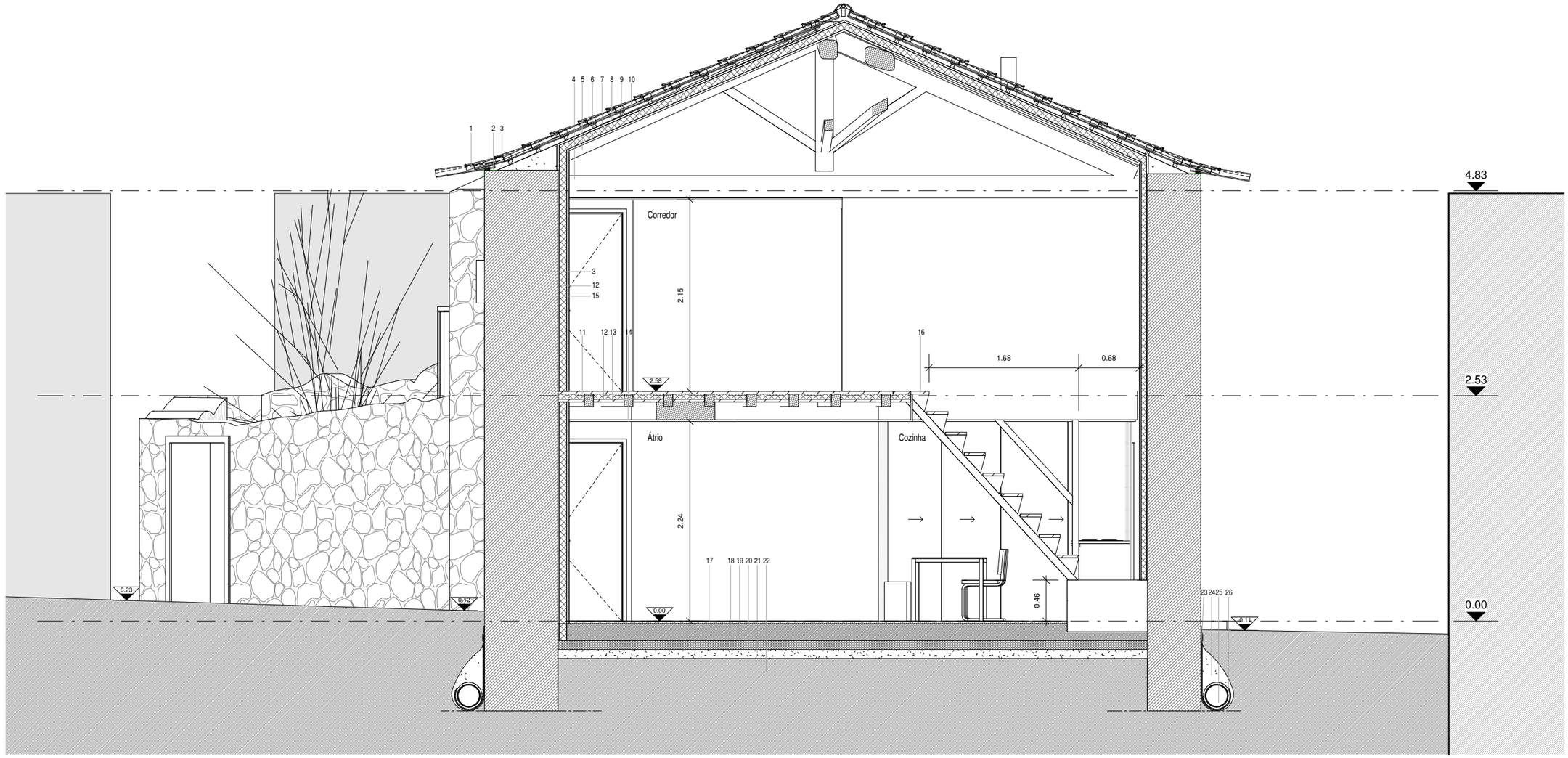
AQ.08

Alçado Nascente

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



CORTE 1

LEGENDA

1. telha de beirado
2. tela de impermeabilização em PVC
3. parede de pedra existente
4. linha da asna
5. perna da asna
6. forro de contraplacado marítimo
7. poliestireno extrudido 8 cm
8. tela de impermeabilização em PVC
9. ripa de madeira
10. telha canudo
11. soalho em madeira
12. poliestireno extrudido 6 cm
13. forro de madeira
14. teto falso em gesso cartonado
15. gesso cartonado pintado
16. escada em madeira
17. betonilha queimada com endurecedor
18. betão com malhasol
19. barreira para vapor
20. massame de betão
21. Caixa de brita
22. Terreno
23. Tela pitonada
24. Cascalho
25. Tubo geodreno
26. Manta geotêxtil
27. Ripas de madeira para apoio do soalho
28. Camada de enchimento
29. Soleira em pedra
30. Relva
31. degrau em granito
32. argamassa de assentamento
33. malha de proteção em PVC
34. argamassa de regularização
35. guarda em madeira
36. painel em vidro
37. revestimento cerâmico
38. colagem
39. caixilho em madeira
40. soleira em chapa inoxidável

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO

CASA URRÓS

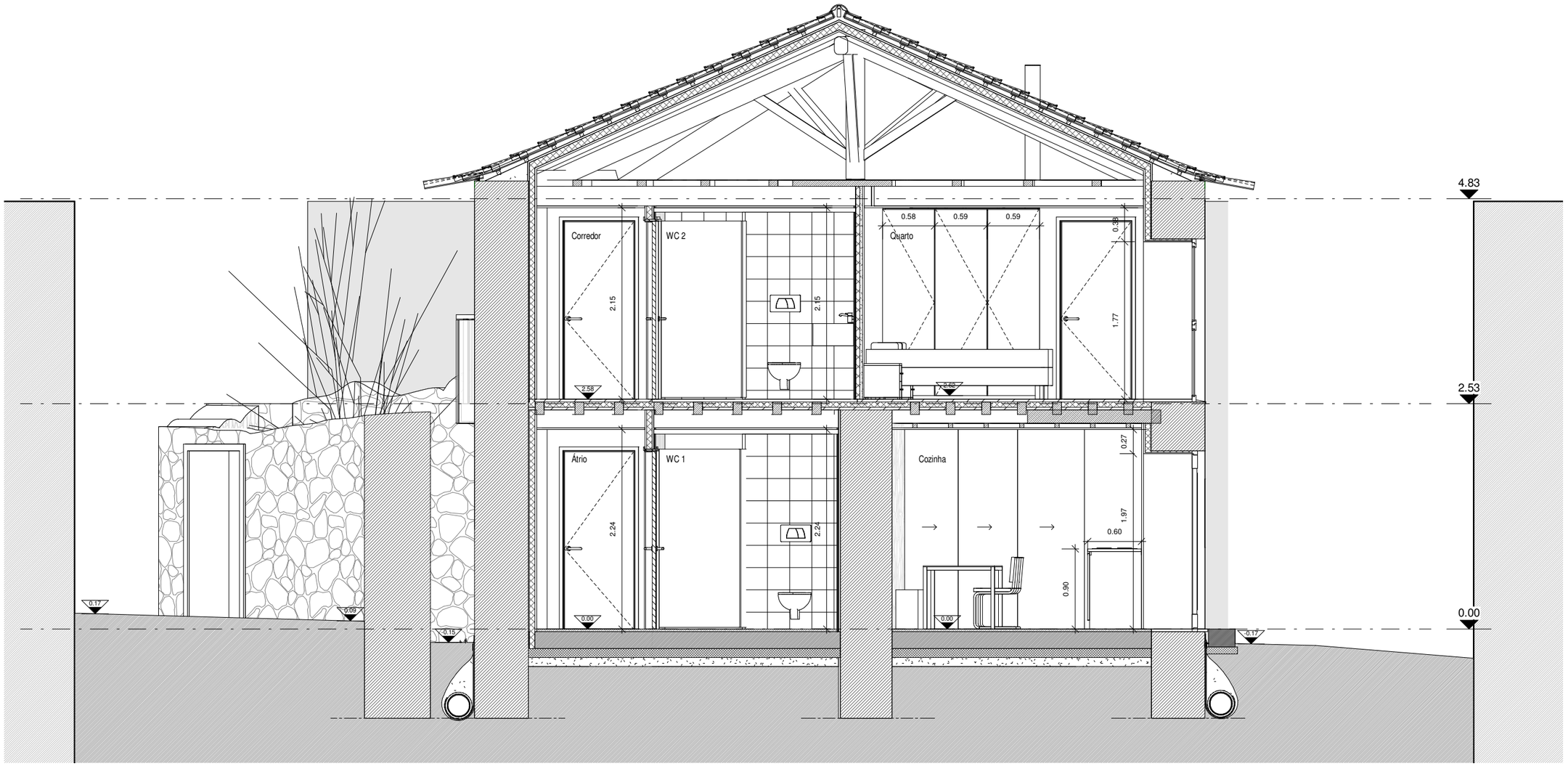
AQ.09

Corte 1

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



CORTE 2

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

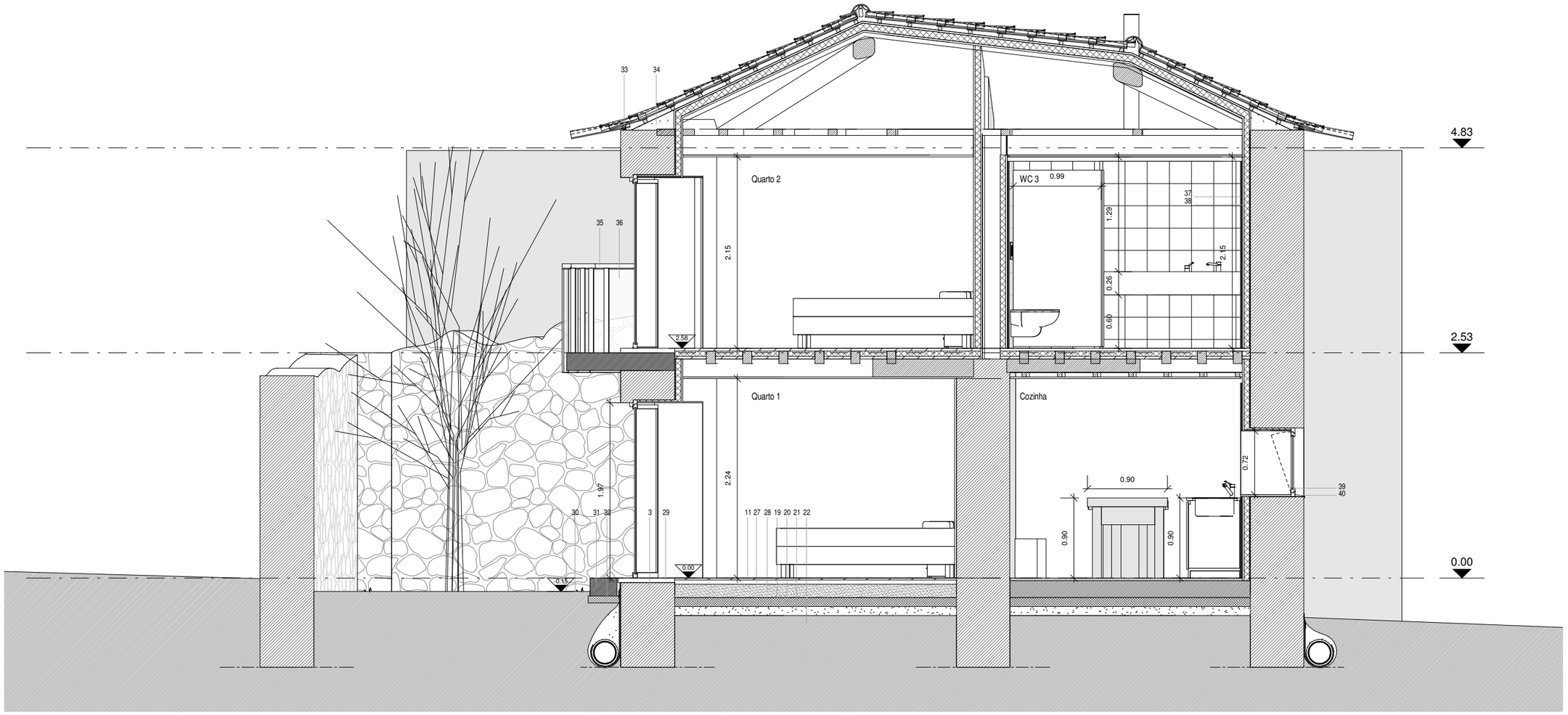
AQ.10

Corte 2

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



CORTE 3

LEGENDA

1. telha de beirado
2. tela de impermeabilização em PVC
3. parede de pedra existente
4. linha da asna
5. perna da asna
6. forro de contraplacado marítimo
7. poliestireno extrudido 8 cm
8. tela de impermeabilização em PVC
9. ripa de madeira
10. telha canudo
11. soalho em madeira
12. poliestireno extrudido 6 cm
13. forro de madeira
14. teto falso em gesso cartonado
15. gesso cartonado pintado
16. escada em madeira
17. betonilha queimada com endurecedor
18. betão com malhasol
19. barreira para vapor
20. massame de betão
21. Caixa de brita
22. Terreno
23. Tela pitonada
24. Cascalho
25. Tubo geodreno
26. Manta geotêxtil
27. Ripas de madeira para apoio do soalho
28. Camada de enchimento
29. Soleira em pedra
30. Relva
31. degrau em granito
32. argamassa de assentamento
33. malha de proteção em PVC
34. argamassa de regularização
35. guarda em madeira
36. painel em vidro
37. revestimento cerâmico
38. colagem
39. caixilho em madeira
40. soleira em chapa inoxidável

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

CASA URRÓS

Corte 3

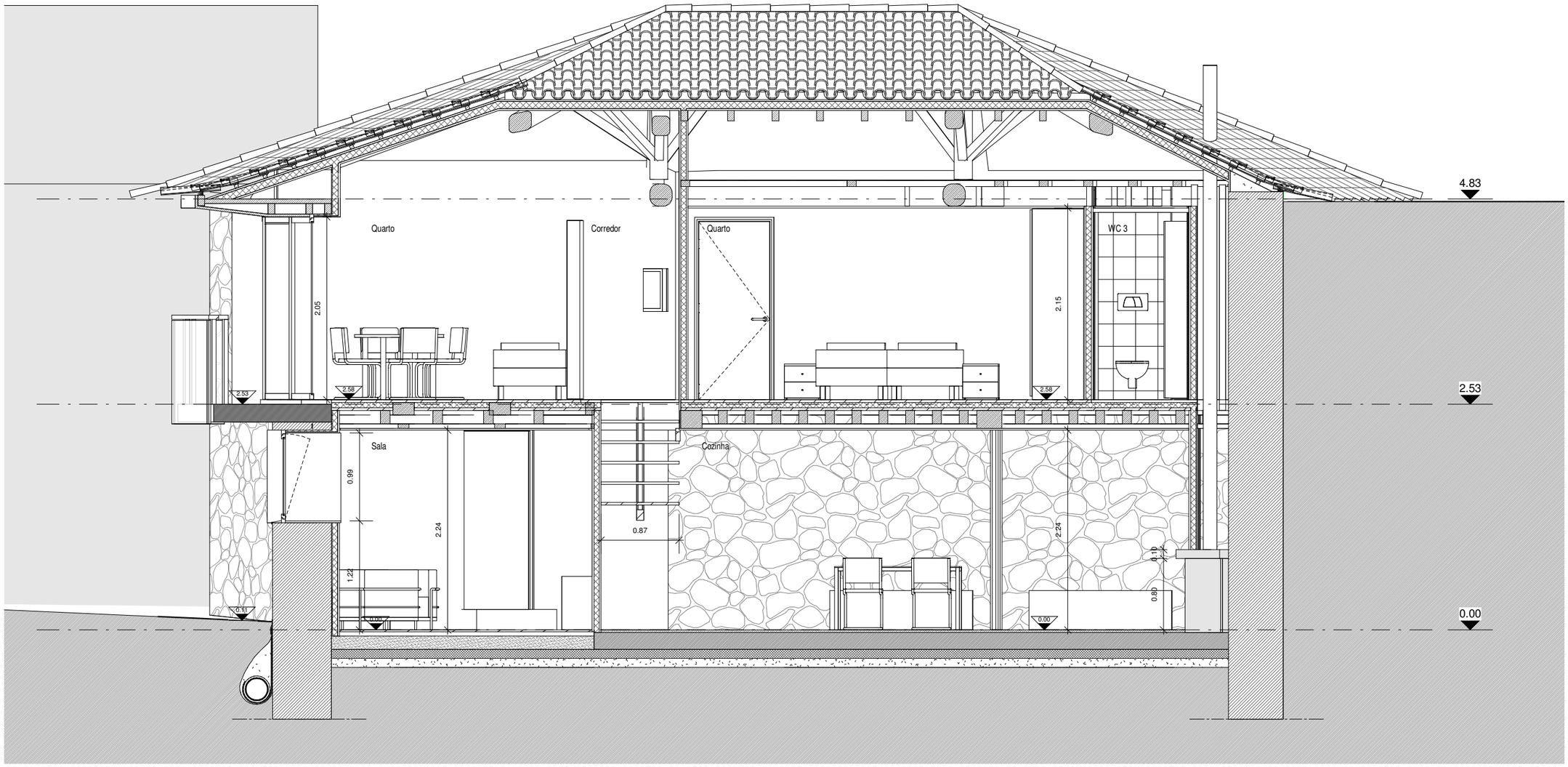
MORADA:
Urrós, Mogadouro

ORIENTAÇÃO

AQ.11

DATA:
Setembro 2018

ESCALA:
1 : 50



CORTE 4

projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

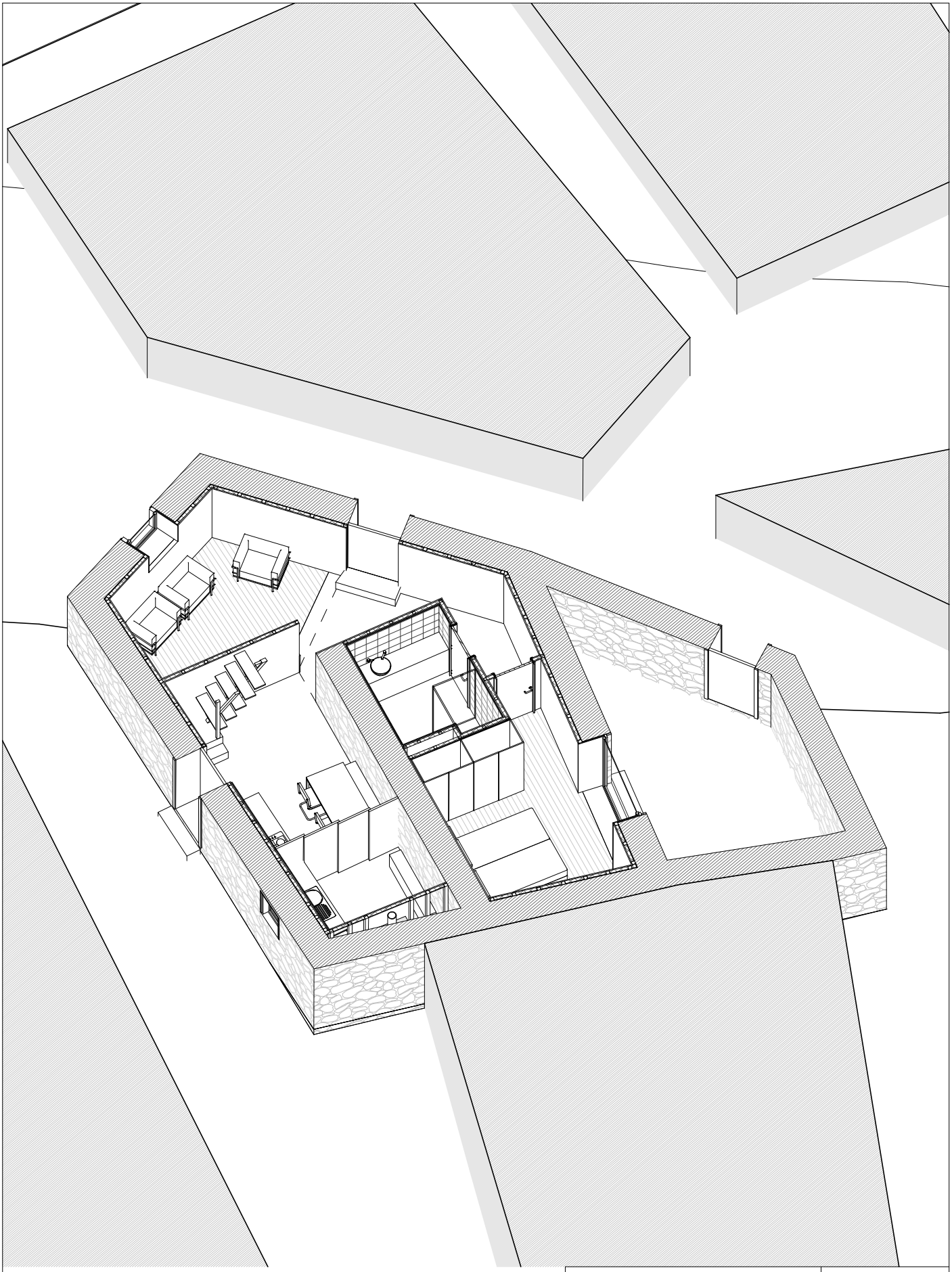
AQ.12

Corte 4

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA: 1 : 50



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

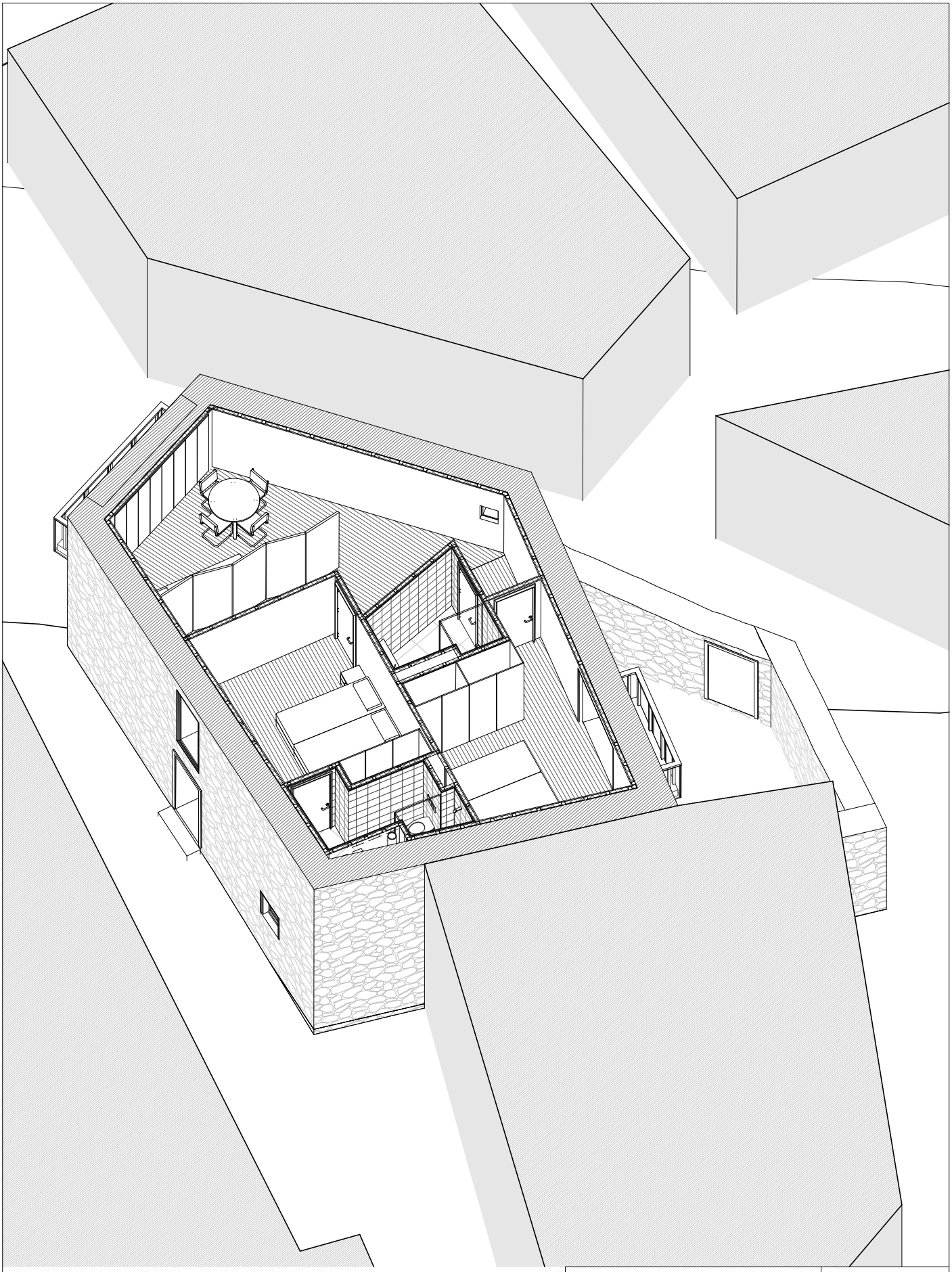
AQ.13

Axonometria 1

DATA:
Setembro 2018

MORADA:
Urrós, Mogadouro

ESCALA:



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

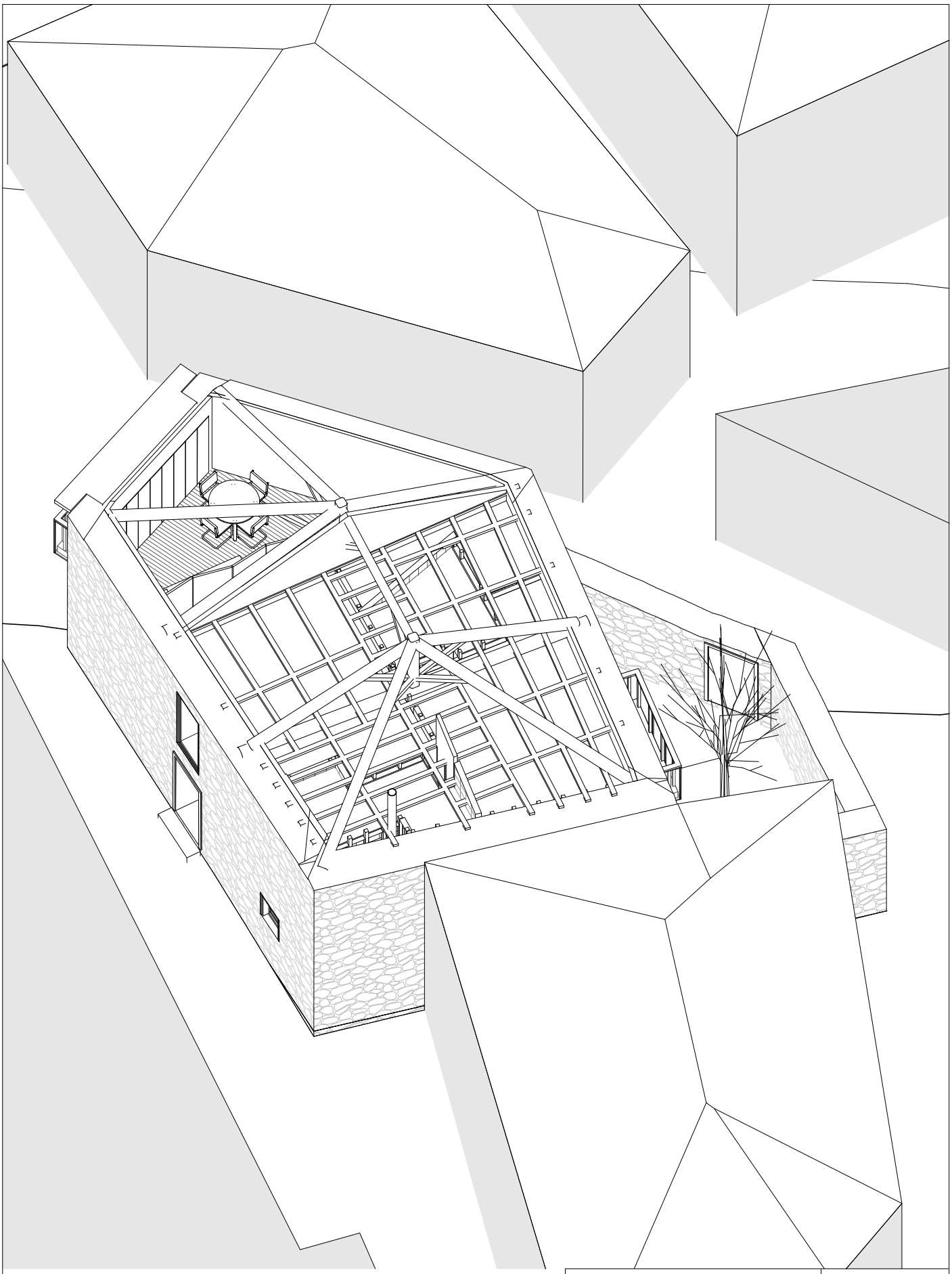
AQ.14

Axonometria 2

DATA: Setembro 2018

MORADA: Urrós, Mogadouro

ESCALA:



projeto de recuperação de uma casa de fim de semana

ORIENTAÇÃO:

CASA URRÓS

AQ.15

Axonometria 3

DATA:
Setembro 2018

MORADA:
Urrós, Mogadouro

ESCALA:

Considerações finais

A dissertação que aqui se conclui teve como mote o desenvolvimento de um trabalho teórico-prático com base num projeto de arquitetura. Destaca-se o processo de trabalho ao longo dos últimos meses, onde se desenvolveu um projeto que se procura construir no mundo real, despertando um grande entusiasmo no arquiteto e uma oportunidade irrecusável que permite abrir novos horizontes.

A oportunidade de intervir numa habitação pertencente à família, localizada, por isso, num lugar com especial relevância, torna o projeto especial para arquiteto e cliente. Destaca-se a importância da memória e o conhecimento do lugar, respeita-se o existencialismo da casa e das gentes que a viu construir e habitar.

Procurou-se neste desafio aplicar a aprendizagem dos últimos anos no curso de arquitetura e, por esse motivo, revela-se necessário perceber os objetivos propostos, interpretar o contexto, desenvolver novas metodologias e, sobretudo, adequá-las ao processo de trabalho. Ao longo do desenvolvimento desta dissertação deu-se paralelamente início ao trabalho em contexto de atelier. Esta experiência de um "mundo novo", que coloca o aluno frente a frente com clientes reais e objetivos concretos a atingir, resulta numa experiência enriquecedora e profícua através da aprendizagem e da experimentação de novas formas de fazer arquitetura , programas, escalas e contextos de projeto diferenciados.

Levado pela experiência de trabalho em atelier, o processo de desenvolvimento desta dissertação foi tendo um largo período de desenvolvimento. Algumas opções tomadas inicialmente foram postas em causa e reinterpretadas com vista a dar o rumo adequado à intervenção. A aproximação ao lugar faz-se gradualmente de forma mais intensa e precisa. Mais do que uma ação pré-estabelecida no pensamento arquitetónico, o contacto com o lugar representa uma necessidade, fruto das inquietações que vão nascendo ao longo do processo de projeto.

Nesta dissertação foram apresentados vários momentos que nos pareceram fundamentais para perceber a intervenção no edifício. Assumiu-se a interpretação de um diário de projeto que resultou na síntese aqui apresentada. Cada síntese representa um momento, e cada momento representa o culminar de uma fase do projeto e consequente apresentação ao cliente.

Ambiciona-se ter um ponto de partida para o projeto e, nesse sentido, visita-se o lugar, percorre-se o território em volta, desenvolvem-se levantamentos impressivos e rigorosos, procura-se suporte teórico para as decisões do projeto, introduzem-se referências de outras obras e autores que de algum modo nos tocam.

Quando o projeto teve início ainda não havia certezas do programa a implementar. Dessa forma, os primeiros registos de desenho representavam uma abordagem impressiva e abrupta no entendimento do lugar. Foram usados como elementos para dar início ao desenvolvimento e à discussão do projeto onde não era dada ainda oportunidade à pré-existência para se mostrar. São de certo modo desenho egoístas e desfasados da realidade, mas que se revelam importantes porque visaram provocar o cliente e promover o diálogo.
Segue-se uma aproximação gradual ao lugar e, em novos momentos que se sucederam, procura-se perceber a pré-existência. Dá-se aí verdadeiramente início ao exercício do projeto, enquanto suporte teórico.

Primeiramente importou abordar a temática da memória do lugar, apresentando-se de duas maneiras: a) através de um exercício impressivo, onde se procura fazer uma retrospetiva às memórias de infância do lugar e da casa, explorando a sua fenomenologia; b) interpretando a habitação no espaço-tempo da sua existência, tendo em conta os traços da sua volumetria, as características da sua construção e as marcas da sua vivência. Nesse momento a pré-existência assumia-se fundamental no desenvolvimento do projeto, levando à necessidade de descobrir melhor o lugar e a sua relação com a envolvente. Percorreu-se o território visando perceber a lógica construtiva e tipológica da casa. Desenvolveu-se um corpo teórico de análise aos modelos de intervenção no mesmo contexto, visando a sua pertinência no futuro da intervenção. Foi nesse momento que se questionou a pertinência de recuperar ou construir de novo e, deste modo, depois da análise te todos os elementos recolhidos, redescobre-se o lugar da casa construída e a sua relação com o lugar no espaço e no tempo.

Uma vez assimiladas as intenções e tipologia da intervenção, compreendeu-se a necessidade de dar lugar a uma definição mais detalhada do programa da casa. Observou-se criticamente o construído e pensou-se na articulação dos espaços segundo a vivência pretendida. Recorreu-se a suporte

teórico para encontrar respostas aos problemas e, mais uma vez, terminou-se este momento com a apresentação de um estudo do projeto ao cliente.

Na conclusão da etapa de projeto abordada nesta dissertação ocorreu ainda um último momento onde se procuraram respostas para as questões em aberto. Tratou-se de "limar algumas arestas" e tomar decisões, visando uma maior aproximação às vivências futuras que se desenham.

Assim, pretende-se que o projeto seja um estímulo para a sua construção futura que só assim dará verdadeiramente sentido à prática da arquitetura. Considera-se cumprido o âmbito desta dissertação, apesar de se considerar que o projeto não estará ainda terminado. Ambiciona-se que a aprendizagem ao longo desta dissertação sirva como base de conhecimento para intervenções futuras, visando adequar a metodologia de trabalho ao seu âmbito. Reforça-se que os momentos relatados nesta dissertação apresentam-se sobre a forma de espaço de trabalho onde se procura desenvolver as faculdades para a prática da arquitetura.

Bibliografia

AALTO, Alvar - Alvar Aalto, De palavra y por escrito, ed. Goran Schildt, trad. Eeva Kapanen e Ismael García Ríos; El croquis, Madrid, 2000

ÁBALOS, Inaki - A boa-vida, a visita guiada às casas da modernindade, Trad. de Alícia Duarte Penna; Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 2003

AMARAL, Francisco Keil do (org.) et alli (1961) - Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa, 3ª edição de 1988

BACHELARD, Gaston - La poétique de l'espace; Presses Universitaires de France, Paris, 1998

BARATA, J. Martins - Arquitectura Popular Portuguesa; Correios e Telecomunicações de Portugal, Lisboa, 1989

CAMPO BAEZA, Alberto - Pensar com as mãos; Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2011

CIANCHETTA, Alessandra - Álvaro Siza: Casas 1954-2004; Gustavo Gili, Barcelona, 2004 publicado originalmente por Skira Editore, Milão, 2004

COSTA, Nuno Brandão in TC Cuadernos - Nuno Brandão Costa, Arquitectura 1998-2009; Ediciones Generales de la Construcción, Valência, 2009

FERNANDEZ, Sérgio - Percurso : arquitectura portuguesa : 1930-1974; FAUP Publicações, Porto, 1988

GOÇALVES, Rui Martins - Arquitectura Humana: meio rural do alto nordeste transmontano; Câmara Municipal, Alfândega da Fé, 2003

LACERDA LOPES, Nuno - Houses - Da construção ao habitar; Transnética, Porto, 2015

LYOTARD, Jean-François - A fenomenologia (trad. Armindo Rodrigues); Edições 70, Lda., Lisboa, 1999

MENÉRES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído; Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, Arcos de Valdevez, 2013

MESQUITA, Mário João - António Menéres: dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa; FAUP Publicações, Porto, 2006

MONEO, Rafael - Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporáneos; Actar, Barcelona, 2004

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994

PALLASMAA, Juhani - The Embodied Image: Imagination and Imagery in Architecture; John Wiley & Sons, Chichester, 2011

PALLASMAA, Juhani - The Eyes of the Skin: Architecture and the sense; John Wiley & Sons, Chichester, 2005

RASMUSSEN, Steen Eiler - Viver a Arquitectura; Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2007
SIZA VIEIRA, Álvaro - Imaginar a evidência, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009

SMITHSON, Alison - Changing the art of inhabitation : Mies´ pieces : Eames dreams : The Smithsons; Artemis, Londres, 1994

SOLÀ-MORALES, Ignasi (1982) - Teorías de la Intervención Arquitectónica; (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/2015/04/16/teorias-intervencion-arquitectonica/

TÁVORA, Fernando - Da Organização do Espaço; FAUP Publicações, 8.ª Ed., Porto, 2008

TÁVORA, Fernando - O Problema da casa Portuguesa, Série I; Editorial Organizações, Lda, Lisboa, 1947

TRIGUEIROS, Luiz - Fernando Távora; Editorial Blau, LDA, Lisboa, 1993

ZEVI, Bruno - Architectura in nuce: une definición de arquitectura, (trad. Rafael Moneo); Aguilar, Madrid, 1969

ZEVI, Bruno - Saber ver a arquitectura, (trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira); Martins Fontes, São Paulo, 1996

ZUMTHOR, Peter - Atmosferas; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2006

ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura; Editorial Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2009

ZUMTHOR, Peter - Peter Zumthor works: Buildings and projects, 1979-1997; Baden, Hardcover, 1997

revistas:

El Croquis Valerio Olgiati 1996-2011 n.º 156; El Croquis Editorial, Madrid, 2011

El Croquis Souto de Moura 2009-2014 n.º 176; El Croquis Editorial, Madrid, 2014

El Croquis Aires Mateus 2011-2016 n.º 186; El Croquis Editorial, Madrid, 2016

João Mendes Ribeiro (p/ Désirée Pedro) n.º 7, Colecção Arquitectos Portugueses; QN Edição e Conteúdos, Vila do Conde, 2011

Índice de Imagens

Img. 1 | Esquisso de Álvaro Siza - Auto-retrato, *http://www.archdaily.com.br/br/01-66638/bienal-de-veneza-2012-alvaro-siza-viagem-sem-programa*
Img. 2 | Observar - Pedra esculpida de forma natural, localizada na freguesia de Urrós, Mogadouro*, arquivo pessoal*
Img. 3 | Fotografia do lugar, fachada poente da pré-existência*, arquivo pessoal*
Img. 4 | Primeiro exercício realizado na Faup - a cidade*, arquivo pessoal*
Img. 5 | Desenho da organização interior da pré-existência segundo as memórias de infância, *arquivo pessoal*
Img. 6 | Casa transmontana em Quinta de São Pedro, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 7 | Estudo 1, fachada poente - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 8 | Estudo 1, alçado sul - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 9 | Estudo 1, alçado poente - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 10 | Estudo 1, corte - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 11 | Estudo 1, planta piso 1 - casa 2, localizada no piso superior, *arquivo pessoal*
Img. 12 | Estudo 1, planta piso r/c - casa 1, localizada no piso inferior, *arquivo pessoal*
Img. 13 | Estudo 2, esquissos das primeiras ideias - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 14 | Estudo 2, volumetria - desenhos de processo*, arquivo pessoal*
Img. 15 | Estudo 2, alçado sul - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 16 | Estudo 2, alçado poente - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 17 | Estudo 2, corte - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 18 | Estudo 2, planta piso 1 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 19 | Estudo 2, planta piso r/c - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 20 | Fotografia do lugar, fachada norte da pré-existência, enquadramento visual da antiga escola, *arquivo pessoal*
Img. 21 | Aproximação ao lugar - A aldeia vista de um dos pontos mais altos, *arquivo pessoal*
Img. 22 | Pequeno abrigo em pedra construíno em terreno agrícola, localizada na freguesia de Urrós, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 23 | Aproximação ao lugar - acesso Sul, *arquivo pessoal*
Img. 24 | Planta territorial - localização da freguesia de Urrós, *arquivo pessoal*
Img. 25 | Construção de casas de apoio à Barragem de Bemposta onde trabalharam muitos homens da aldeia, motor para a mudança do paradigma da construção na região, *1964, http://4.bp.blogspot.com/-wC7tzNPRaqE/T_VcP6CFBsI/AAAAAAAAGKY/ArTrzlDrW-0/s1600/26_Fotos+1964.JPG*
Img. 26 | Planta territorial - articulação entre os concelhos de Mogadouro, Miranda do Douro e Vimioso, *arquivo pessoal*
Img. 27 | Planta de localização - implantação da casa na freguesia de Urrós, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 28 | Centro da aldeia junto ao lugar de intervenção, *arquivo pessoal*
Img. 29 | Casa correspondente ao modelo 1 - Bemposta, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 30 | Casa correspondente ao modelo 2 - Sanhoane, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 31 | Casa correspondente ao modelo 3 - Lamoso, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 32 | Estrada - entrada na aldeia, *arquivo pessoal*
Img. 33 | transição entre diferentes expressões da fachada, *arquivo pessoal*
Img. 34 | Casa intervencionada com novos materiais - Tó, Mogadouro, *arquivo pessoal*
Img. 35 | Saída da aldeia em direção a Sul, terrenos, rio Douro e Espanha, *arquivo pessoal*
Img. 36 | Aproximação ao lugar - vista a Norte, *arquivo pessoal*
Img. 37 | Aproximação ao lugar - vista a Sul, *arquivo pessoal*
Img. 38 | Aproximação ao lugar - vista a Poente, *arquivo pessoal*
Img. 39 | Aproximação ao lugar - vista a Nascente, *arquivo pessoal*
Img. 40 | Aproximação ao lugar - fotografia de 1967 onde é possível perceber a relação da casa com a envolvente na época*, arquivo familiar*

Img. 41 | Desenho de levantamento, *arquivo pessoal*
Img. 42 | Desenho de levantamento, *arquivo pessoal*
Img. 43 | Desenho de levantamento, *arquivo pessoal*
Img. 44 | Aproximação ao lugar - Fachada Poente, *arquivo pessoal*
Img. 45 e 46 | Chegada ao lugar - Fachada e entrada a Sul, *arquivo pessoal*
Img. 47 e 48 | Chegada ao lugar - Fachada e entrada a Norte, *arquivo pessoal*
Img. 49 | Aproximação ao lugar - Fachada Nascente, *arquivo pessoal*
Img. 50, 51 e 52 | Sequencia - Entrada Sul, Entrecasa e Cozinha, *arquivo pessoal*
Img. 53, 54 e 55 | Sequencia - Entrada Norte, Átrio de acesso à adega e distribuição para sala e entrecasa, *arquivo pessoal*
Img. 56, 57 e 58 | Sequencia - Escadas para piso superior , corredor de distribuição para sala, quartos e wc, *arquivo pessoal*
Img. 59 e 60 | Espaço interior - Sala do piso 1 e nicho sobre a escada interior, *arquivo pessoal*
Img. 61 e 62 | Espaço interior - Quarto das raparigas e nicho sobre a escada interior, *arquivo pessoal*
Img. 63 e 64 | Espaço interior - Quarto dos avós e vão de iluminação interior, *arquivo pessoal*
Img. 65 | Asna de suporte da cobertura, *arquivo pessoal*
Img. 66 | Remate exterior entre parede e telhado, *arquivo pessoal*
Img. 67 | Remate interior do telhado, *arquivo pessoal*
Img. 68 | Estudo 3 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 69 | Casa Upper Lawn, plantas - Alison and Peter Smithson, *https://i.pinimg.com/originals/6c/56/1d/6c561da98b3572f4f6b8c1a7c3381671.jpg*
Img. 70 | Casa Upper Lawn, vista exterior e Citroen DS - Alison and Peter Smithson, *http://benhighmore.blogspot.pt/2014/08/sensibility-primer.html*
Img. 71 | Estudo 3, alçado sul - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 72 | Estudo 3, corte 1 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 73 | Estudo 3, corte 2- desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 74 | Estudo 3, planta piso 1 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 75 | Estudo 3, planta piso r/c - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 76 | Estudo 3, vista tridimensional - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 77 | Esquema relacional entre o programa da habitação no piso 0 | escala 1:100, *arquivo pessoal*
Img. 78 | Esquema relacional entre o programa da habitação no piso 1 | escala 1:100, *arquivo pessoal*
Img. 79 | Livro de Iñaki Ábalos, "A boa-vida" - Visita guiada às casas da modernidade, *arquivo pessoal*
Img. 80 | Janela voltada a Sul presente na pré-existência*, arquivo pessoal*
Img. 81| Quarto na Quinta de Bouços, Arq. Nuno Brandão Costa, *http://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/?d=projeto-22*
Img. 82 | Diagramas de Casa em Melides, Aires Mateus, *https://architecturality.wordpress.com/tag/aires-mateus/*
Img. 83 | Peter Zumthor - desenho, *https://i.pinimg.com/originals/f3/19/41/f31941f0d2d02b00b70a53c220a32c8a.jpg*
Img. 84 | Alcova na casa do Moledo, Arq. Sérgio Fernandez, *arquivo pessoal*
Img. 85 | Estudo 4, esquisso - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 86 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 87 | Interior da Capela Sogn Benedetg - Peter Zumthor, *Felipe Camus_courtesy*
Img. 88 | Casa dos Sete Livros - Arq. Nuno Lacerda Lopes, *http://www.cnll.pt/portfolio/wp-content/uploads/CNLL_MJV_CARRAZEDA_ANSIAES_PT_PAN_020312_09_v2.jpg*
Img. 89 | Estudo 4, esquissos - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 90 | Estudo 3, alçado sul - desenhos de processo, *arquivo pessoal*

Img. 91 | Estudo 3, corte 1 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 92 | Estudo 3, corte 2- desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 93 | Estudo 3, planta piso 1 - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 94 | Estudo 3, planta piso r/c - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 95 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 96 | Estudo 4, vista tridimensional - desenhos de processo, *arquivo pessoal*
Img. 97 | A casa na década de 50, *arquivo familiar*
Img. 98 | Proposta de intervenção no exterior da habitação, *arquivo pessoal*
Img. 99 | conjugação de materiais, Upper Lawn - Alison and Peter Smithson, *https://farm6.staticflickr.com/5213/5389744452_741f4ab66d_o.jpg*
Img. 100 | Yellow House - Valerio Olgiati, *https://amallective.files.wordpress.com/2017/03/dgh_exterior_view_3.jpg*
Img. 101 | Reconversão do convento das Bernardas - Eduardo Souto de Moura, *Luís Ferreira Alves_courtesy*
Img. 102 | Proposta de intervenção no interior da habitação, *arquivo pessoal*
Img. 103 | escada interior de Moinho em Caminha, intervenção de José Gigante, *https://forum-dacasa.com/extensions/InlineImages/image.php?AttachmentID=18917*
Img. 104 | Intervenção num palheiro em Cortegaça, arquiteto João Mendes Ribeiro, *FG+SG – Fernando Guerra, Sergio Guerra_courtesy*